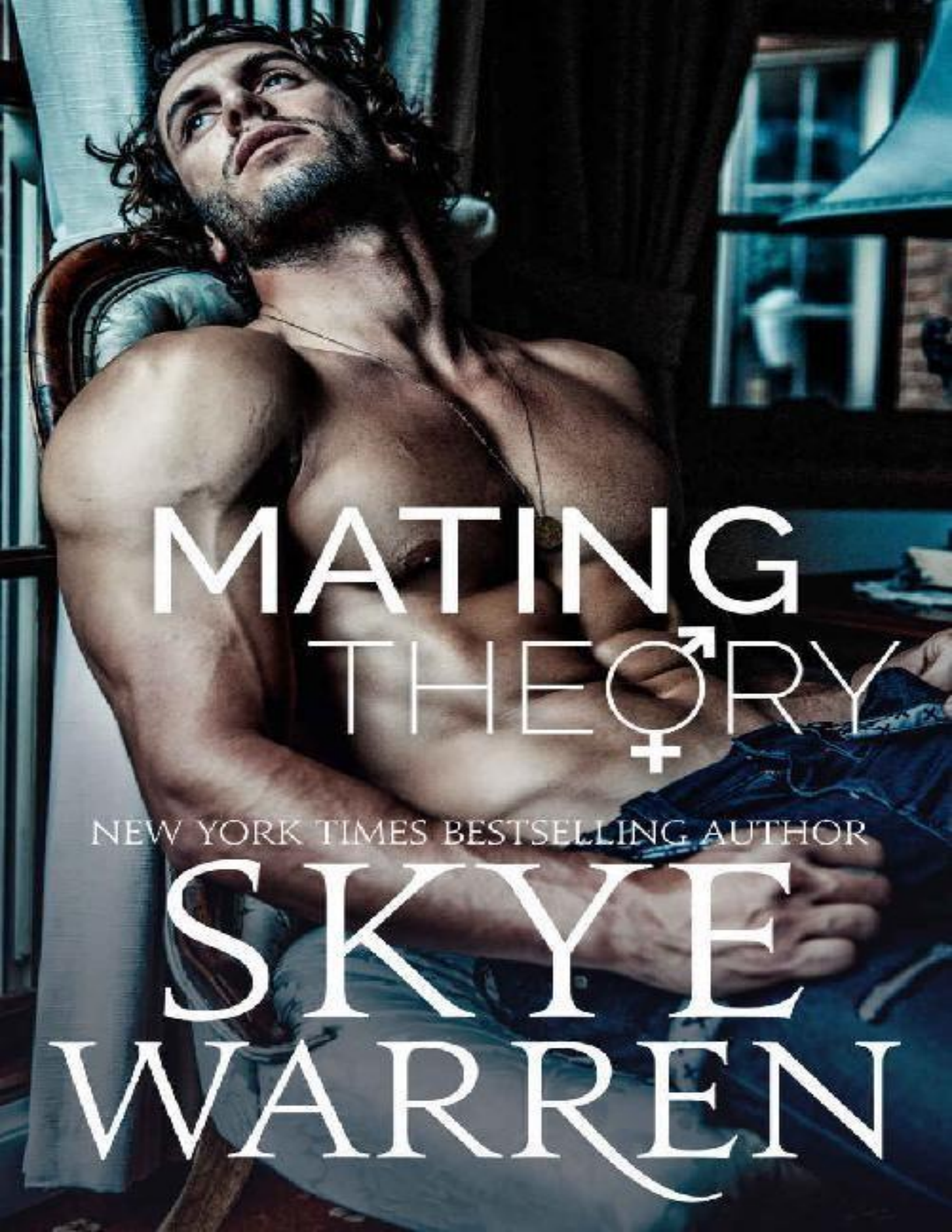
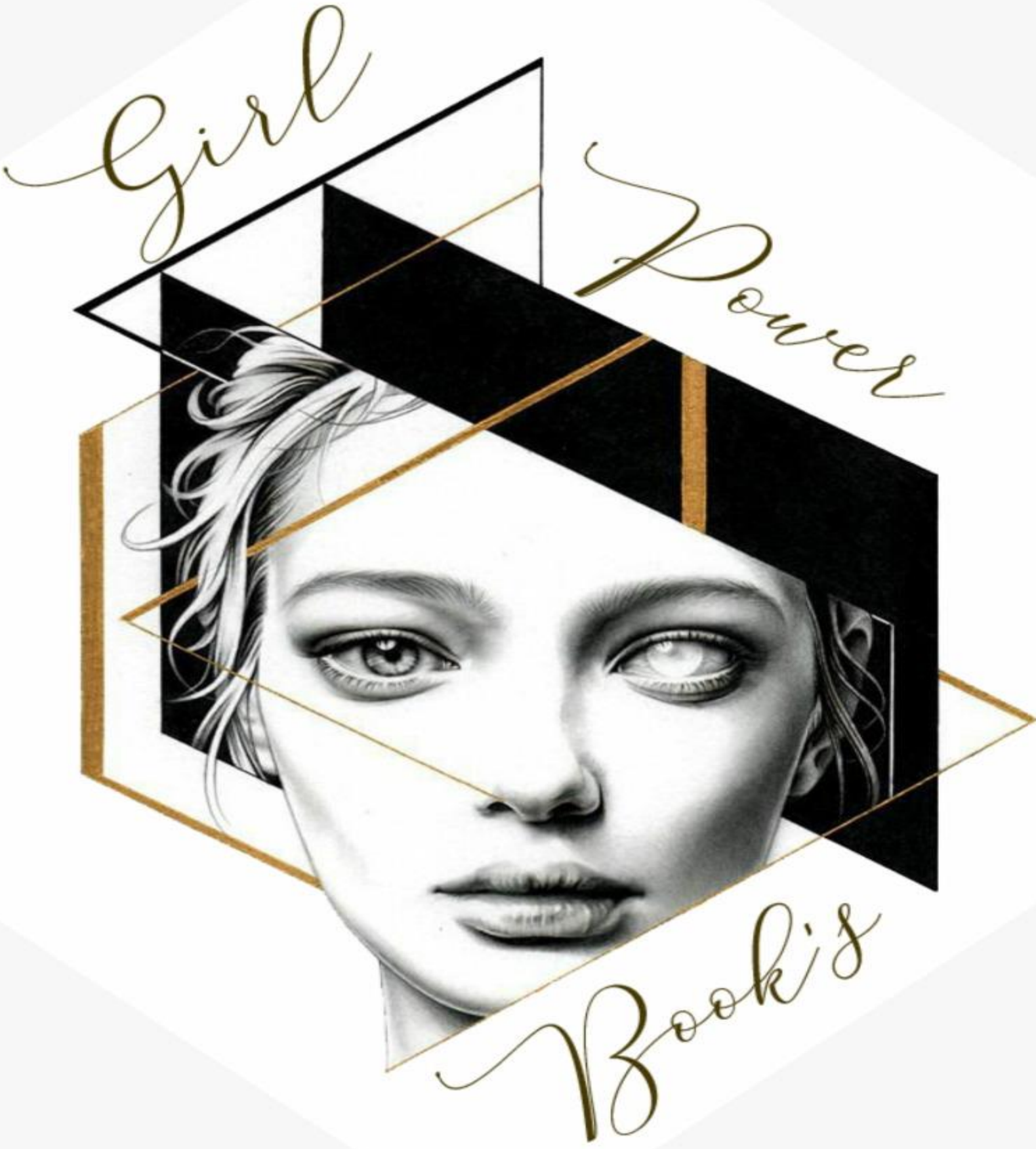

MATING
THEORY
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
SKYE
WARREN


Girl Power
Book's

O bilionário Sutton Mayfair não tem mais nada a perder ...

Meu melhor amigo vai se casar com a mulher que amo. Dizem que o cara legal termina por último. Então, de que adianta ser um maldito cavalheiro?

Talvez eu deva pegar o que quero.

Até aquela coisinha sexy na esquina da rua.

Ela precisa de uma refeição quente e um lugar para dormir. Em vez disso, estou levando-a para casa para acalmar a besta selvagem dentro de mim. Nasci bastardo e, pela primeira vez na vida, ajo como tal.

Exceto que quanto mais a uso, mais preciso dela.

Não sabia que ainda tinha alguém a perder.

Mas por um único segundo, eu a tive.

Dois caminhos se separavam em um bosque amarelo,
E, lamentando não poder seguir os dois,
E sendo apenas um viajante, muito tempo eu fiquei parado
E olhei um deles o mais distante que pude
Até que se perdia na mata;

Então eu tomei o outro, como sendo o mais merecedor,
E tendo talvez melhor direito,
Porque estava gramado e queria ser usado;
Embora os que por lá passaram
Os tenham realmente percorrido de igual forma,

E ambos ficaram essa manhã
Com folhas que passo nenhum pisou.
Oh, guardei o primeiro para outro dia!
Embora sabendo como um caminho leva para longe,
Duvidasse que algum dia voltasse novamente.

Direi isto suspirando
Em algum lugar, daqui a muito tempo:
Dois caminhos se separavam em um bosque amarelo, e eu...
Eu escolhi o menos percorrido
E isso fez toda a diferença.

-Robert Frost.

Prólogo

Sutton

Tirando o mofo do pão de forma para ter algo para comer.

Um olho roxo no primeiro dia de aula. Dois dólares em meu nome.

O fundo do poço aparecia diferente todas as vezes, mas nunca foi em uma garrafa vazia de Jim Beam, até essa à noite. Meu pai me disse que eu não era melhor que ele e eu disse para ele se foder. Ele me deu um soco no estômago, e eu falei a ele novamente. E de novo. E mais uma vez, até cuspir sangue no tapete cinza gasto da nossa casa.

Sempre tive mais orgulho do que bom senso, e acho que foi assim que acabei no topo de um prédio vazio. Estou cercado pela maior festa do bairro sem tomar uma única gota de álcool. Somente Harper St. Claire poderia ter transformado a demolição de um prédio antigo e premiado em uma celebração.

Metade da cidade apareceu para a grande demolição. Eles estão dançando sobre os ossos daquela biblioteca há muito tempo abandonada, orando por uma nova colheita como se fosse um sacrifício.

Christopher e Harper, eles são os deuses nesse ritual. Eles são pelo que oramos.

Um som me deixa tenso. Pode ser um prédio abandonado, mas é o meu prédio abandonado. Parte das aparências que me permite usar um terno, sorrir e fingir que estou no controle de mim mesmo quebrou. Desmoronou junto com a biblioteca quando a bola de demolição bateu nela. Agora só tenho a parte selvagem de mim e minhas costas estão contra a parede. Estou pronto para uma luta.

As escadas de metal enferrujadas rangem com o peso de alguém.

Minha pele ondula em consciência. Eu quase posso imaginar o cabelo nas minhas costas levantando-se como algum tipo de animal selvagem. Estou a dois segundos de mostrar os dentes. Você não chega perto de alguém sangrando, mesmo que a dor seja apenas por dentro. Muito poético, assistir as duas pessoas que eu amo acabarem uma com a outra. Mesmo a partir

de dez andares, posso ver como seus olhos brilham quando ela olha para ele.

E eu posso ver como o corpo dele aperta quando ele olha para ela.

Uma cabeça aparece sobre a borda do prédio, bloqueando minha visão. A garota é santificada pelos holofotes da rua, com os cabelos quase brilhando pela força da luz as suas costas. Ou talvez só pareça assim porque estou perdido.

“Este telhado está ocupado”, eu digo, minha voz dura.

“Agora, saia.” Ela não vai sair.

Em vez disso, tenho que lidar com a visão de seios sob a luz e uma silhueta esbelta enquanto ela sobe no telhado. Fiz uma cadeira com um radiador velho. Assentos da primeira fila para desgosto. Talvez ela seja uma das amigas de Harper da escola preparatória. Pode ser um bom momento para ela, me observando ofegar pelo que não posso ter. Ela estica as pernas na sua frente, instalando-se ao meu lado, usando seu calor como uma arma contra a minha dormência. “Você está animado com o parque?” Ela diz, seu tom desafiador.

“Dificilmente.”

“Isso vai revitalizar o lado oeste de Tanglewood.”

Uma fogueira, essa garota. Seu sarcasmo tão afiado que posso senti-lo contra minha garganta como uma lâmina.

“Todas essas pessoas pobres e tristes podem finalmente ver como é uma flor. Eles terão arte, plantas e magia, então quem se importa em não ter comida?”

Não é uma amiga da escola preparatória. Talvez ela seja uma benfeitora em Tanglewood, ativista, voluntária, trabalhando com os pobres.

“Por que você está na inauguração de um parque que não quer?”

“Eu poderia te fazer a mesma pergunta.”

Ela levanta minha garrafa lascada até o pôr do sol. Brilha vazia.

“Há quanto tempo você está aqui em cima, afinal?”

Subi aquelas escadas de metal trêmulas até o telhado antes da primeira queda de aço contra o concreto. A multidão ofegou quando a poeira se dissipou, seus olhos na pintura de dois andares revelados no prédio atrás. Eu estava muito ocupado

assistindo as duas únicas pessoas que já amei compartilharem um beijo no andaime que serve como palco temporário. E então bebendo, bebendo, bebendo. Não tenho certeza se conseguiria descer as escadas sem quebrar o pescoço, por isso estou preso aqui.

Afinal há quanto tempo você está aqui em cima?

"Parece uma vida inteira."

Seu olhar segue o meu. Uma mulher joga os braços em volta do pescoço de um homem. Ele se inclina para sussurrar em seu ouvido. Eles poderiam passar por qualquer casal apaixonado.

"Qual deles?"

Ela diz, sua voz suave.

"Qual deles o que?"

"Qual deles partiu seu coração?"

Eu não conseguia descrever a marretada que levei na cabeça quando encontrei Christopher em um clube privado mal iluminado. Escuro demais para ser chamado de luxúria ou até amor. Competitivo e completo. Eu não conseguia descrever o desejo que me atingiu quando conheci sua meia-irmã.

Não havia como escolher entre eles, mas não havia sido uma escolha. Eles queriam um ao outro. A eletricidade estalava no ar sempre que eles estavam na mesma sala.

Bem, eu poderia ser feliz por eles.

É o que um homem bom faria. Um cavalheiro, e eu trabalhei tão duro para fingir que é isso que sou. Até que o licor arrancou minha pele. Até que essa garota se sentou ao meu lado, perguntando qual partiu meu coração. Ela me observa com olhos claros, seu olhar impossivelmente sábio. O que ela vê?

“Ambos.”

Um som simpático que parece um golpe no meu pau.

Ela não parece estar chocada que me apaixonei por um homem, mesmo que isso me chocasse. Eu questionei minha sexualidade, lutei com ela - me perdi nela. O desejo por Harper não diminuiu o desejo por Christopher.

Havia algo mundano naquele olhar sombrio. Qualquer outro dia eu descobriria o que.

Hoje à noite, eu não ligo. Ela não é uma pessoa com desejos, sonhos e necessidades próprias. Vou usar o corpo dela da

mesma maneira que eles usaram o meu. Vou pegar o que eles tiraram de mim.

"Seu nome.?" Eu pergunto, embora isso realmente não importe.

"Ashleigh." Ela parece incerta pela primeira vez hoje à noite, seu nome desenhado em duas partes. Ash, como a fuligem na lareira. E leigh. Ela é linda e estou perdido.

"Venha aqui, Ashleigh." Exceto que não lhe dou a chance de vir aqui. Ela pode usá-lo para sair, para desaparecer naquela escada de metal onde eu não posso seguir.

Minha mão envolve o seu pescoço, puxando-a para perto de mim. Meus lábios são duros contra os dela, famintos e duros. Eu quero puni-la pelo vazio dentro de mim, exceto quando ela faz um pequeno som de medo, isso me enche de outra coisa. Prazer como veludo preto, o tipo de escuridão que quero acariciar meus dedos, para frente e para trás, para sentir as fibras puxarem contra mim.

Suas respirações trêmulas são como água, e eu bebo e bebo. Minha língua desliza contra a dela. É um ato gráfico, esse beijo. Mais obsceno do que o sexo real poderia ser, mais invasivo

quando empurro a cabeça para trás e exploro a boca, sem esperar permissão, sem deixar nenhum lugar intocado.

Devo ter gosto de uísque, mas ela não se afasta.

Fui eu quem interrompeu o beijo, ofegando com força. Olhos escuros líquidos olham para mim.

Surpresa. Mais que isso. Há um choque evidente em sua expressão. Ela é mais jovem do que eu pensava? Mais inocente do que alguém que eu já conheci? Eu deveria perguntar a ela sobre sexo, mas essas não são as palavras que saem da minha boca.

“Você já se apaixonou, Ashleigh?” Um lento movimento de cabeça.

“Não” ela sussurra.

“Bom. Isso é bom.”

“Eu posso fingir.”

“O que?”

“Por cem dólares.”

Há um tambor na minha cabeça, batendo, batendo, me dizendo que tenho algo errado.

Muito errado.

“Cem dólares”, repito, desejando que minhas veias não estivessem quentes com bebidas.

“Por uma hora. Eu sei quanto esse terno custou. Você pode pagar por isso.” Afasto-me, movendo-me com cuidado para não tombar.

“Do que você está falando?”

Uma brisa fresca patina sobre nós, e ela estremece. Quero confortá-la, mas não é disso que se trata. Uma foda rápida em um telhado abandonado, enquanto os sons de uma enorme festa no quarteirão ricocheteiam nos prédios ao nosso redor. E cem dólares, aparentemente. Jesus. Eu estava prestes a foder uma prostituta.

O pior é que ainda quero fazer isso. Mais, porque sei que ela me deixa fazer qualquer coisa.

Por um preço.

Eu procuro minha carteira, e ela fica tensa. Talvez seja sua primeira vez vendendo aquele corpinho doce? Exceto aquele mundanismo aos olhos dela... não é a primeira vez.

Meu pau está duro como uma pedra na minha calça. Pego o maço de dinheiro que está dentro e o pressiono na mão dela sem dizer uma palavra. Algumas centenas, eu acho.

“Pegue.”

Eu quero usar essa garota, mas não vou usá-la assim.

Ela se afasta de volta, apenas uma polegada. Tem vergonha no rosto dela. E mágoa, como talvez essa rejeição importasse, mesmo que eu lhe tenha dado dinheiro.

“Eu deveria ir”, diz ela, sem encontrar meus olhos.

“Este telhado já está ocupado”, lembro-a gentilmente desta vez.

Não digo para ela se ferrar de novo, mas ela recebe a mensagem. Ela corre até a beira do telhado e joga a perna sem olhar para trás, levando o dinheiro com ela. Observo a sombra de sua bunda ao luar, da mesma maneira que um predador pode ver sua presa fugir num dia quente do Saara. Às vezes é muito difícil pegar algo para comer, às vezes a sobrevivência é mais complicada do que vale a pena. Eu poderia tê-la por cem dólares.

Um leve arranhão de metal contra o concreto e ela se vai.

De volta à massa fervilhante de foliões, o oceano de alegria em que não posso participar. Estou preso nesta ilha e, talvez pela primeira vez, estou feliz por isso. O que eu queria com ela não era bom ou limpo. Não era gentil.

O andaime onde Harper e Christopher estavam, agora está vazio. As pessoas ao redor ainda fazem sua dança ritual, mas os deuses não estão mais ouvindo. Fazer sexo, é isso que os deuses estão fazendo agora. Não consigo vê-los, mas sei com tanta certeza quanto sinto o baixo reverberar pelo prédio antigo que me segurava. Eu posso imaginar os lábios vermelhos de Harper e os olhos escuros de Christopher. Não há garota para usar, Ashleigh. Pego a garrafa vazia de Jim Beam, a prova de que não sou melhor que meu pai, e a jogo contra a borda do telhado, observo-a quebrar em um milhão de pedaços brilhantes.

Capítulo Um

Sutton

AS BATIDAS ME ACORDAM.

As reuniões devem ter terminado tarde na Califórnia. Eu provavelmente levei a vermelhidão em meus olhos de volta para Tanglewood. O avião estava quase vazio, apenas alguns empresários amarrotados como eu, e uma família sonolenta com bichos de pelúcia da Disney agarrados em mãos gordinhas. O aeroporto, uma cidade fantasma. Comprei uma xícara de café morno na saída para poder voltar para casa. O importante é que eu fiz o acordo.

Essa sempre foi a coisa mais importante.

As batidas ficam mais altas e eu gemo. Estou mais que cansado. Ressaca? Talvez eu tenha parado na casa de Christopher e tomado uma bebida comemorativa. Uma. Talvez duas.

Eu engulo o vômito. Jesus.

Todos meus músculos gritam em protesto quando movo minha cabeça. Raios de luz afiados perfuram meus olhos secos. O visor do relógio digital diz que são quatro e meia da tarde.

Isso não faz nenhum sentido. Meu alarme deveria ter me acordado às seis. Eu estaria no escritório às sete, pronto para trabalhar no próximo acordo.

A dor percorre meu estômago, fazendo todo o meu corpo estremecer.

Eu nunca fiquei doente um dia na minha vida, mas talvez eu finalmente tenha pego uma gripe. Ou algo pior. Respirações irregulares entraram e saíram de mim. Eu empurro do sofá, apertando meus olhos com força contra o turbilhão selvagem da sala. Que diabos tem na água da Califórnia?

“Sutton? Não me faça arrombar a porta.”

Esse seria Hugo, e eu rosno contra as memórias que querem me inundar. Ele não tem porque estar aqui. Não sei porque fazer tanto barulho.

Eu ando até a porta, quase incapaz de ver, encostado na

mesma quando ela se abre.

Meu velho amigo parece desgostosamente são, com uma camisa azul-marinho e calças bem passadas.

“Você parece uma merda”, diz ele, passando por mim, entrando na minha casa.

“Por que você está aqui?”

“Sua casa parece uma merda”, acrescenta, pegando as garrafas vazias e os móveis quebrados. Não sei exatamente quando isso aconteceu. A realização me atinge como uma bola de demolição - eu não estava na Califórnia fechando um acordo comercial. Eu não estava em um voo de olhos vermelhos. Eu não tenho ido ao maldito escritório há semanas. Eu fiquei bêbado, em vez de trabalhar.

Eu engulo a bile na minha boca. “Que dia é hoje?” Um olhar sombrio.

“Você não sabe?”

“Que dia é, porra?”

“Eu pensei em checar você, porque talvez você esteja deprimido. Eu não sabia que você iria implodir completamente.”

Estou perdido há seis semanas. Seis meses. Eu o empurro para a sala, empurrando de lado as roupas sujas e uma caixa de pizza. Encontro meu telefone entre as almofadas do sofá, a tela preta. Morto.

Há um rugido que deve ser meu. Frustração. Um tipo de fúria animal. Atiro o telefone do outro lado da sala. Ele atinge a parede com um estalo ameaçador.

“Por que não deveria me embebedar? Tudo foi para a merda.”

Hugo se inclina contra o batente da porta, parecendo quase entediado.

“Neste ponto, não posso discutir com você. Este lugar é um chiqueiro. Onde está sua irmã?”

“Ela foi embora. É o que todo mundo faz. Eles partem.” Ele amaldiçoa suavemente.

“O casamento é amanhã, seu bastardo.”

Eu tive quatorze horas de trabalho duro por dia, meus músculos queimando, meu estômago roncando. Meu corpo era uma ferramenta, dura e afiada. Não me preocupei com a

sensação do martelo, se o machado precisava de uma pausa. Meus braços carregavam o que eu mandava. Minhas pernas me levaram para onde eu precisava, exceto por enquanto, quando elas não podiam me ajudar a ficar de pé. Os joelhos se dobraram e eu afundei, sem graça e pesado no sofá.

"Amanhã", eu digo, minha voz vazia.

"Suponho que você poderia pular isso."

"Eu não como há quarenta e oito horas."

"Então, a menos que algo mudou, você será o padrinho."

Padrinho. Como se isso não fosse irônico, que a mulher que eu queria escolheu outra pessoa. Ele é claramente o melhor homem. Ela está se casando com ele, e eu tenho que ficar ao lado deles e parecer feliz.

O álcool agita no meu estômago. Um aperto repentino. E então estou do outro lado da sala, tropeçando em pilhas de correio e caixas de pizza vazias. O banheiro cheira mal desde a última vez que vomitei, a acidez é suficiente para me empurrar para o limite. Isso sai de mim com uma força que me deixa sem fôlego, ofegante, com os olhos ardendo. Líquidos se ondulam sobre a borda da pia, salpicando o espelho, a parede, eu.

Meus punhos cerram a borda do mármore que escolhi. Um quadro reaproveitado antigo mantém um espelho espesso com recursos ante embaçamento. O que significa que posso ver meus olhos vermelhos, familiares, azuis e quebrados. Os que eu vi todas as noites antes de meu pai me dar um soco no estômago.

Quando eu consigo me mover sem levantar de novo, vou para o chuveiro. Espaço suficiente para três pessoas, mas é só eu - a história da minha vida. O registro de latão polido gira em rotação completa. Demora trinta segundos para a água esquentar, graças à tecnologia moderna.

Tiro a roupa e entro, me forçando entrar debaixo da água. Ela me bate no rosto, forte o suficiente, quente o suficiente para me fazer ofegar. Eu fecho meus olhos. Essa é a única concessão. A água me queima até os ossos. Eu preciso da dor, preciso sentir algo, qualquer coisa. Isso me limpa; isso se dissolve em fumaça e vapor antes de me transformar novamente em homem. O tempo parou de passar ao longo de que as duas pessoas com quem eu mais gostava foram embora. Posso ter demorado vinte minutos no chuveiro, sentindo a água ficar morna. Posso ter demorado duas horas; o frio me transforma em mármore, uma estátua com riachos escorrendo pelo meu corpo, corredores firmes que definem os músculos aperfeiçoados por décadas de trabalho,

criando um brilho na coluna do meu pau.

Um ralo de aço escovado quebra o chão de pedra, coletando a água clara que saia do jato. Há dias de sujeira em mim, décadas. Nasci com muita sujeira para ser lavada, mas como sempre, ela não pode ser vista; Eu só posso sentir, e Deus, eu sinto.

Capítulo Dois

Ashleigh

Chego à antiga fábrica de açúcar quando o sol nasce.

O cheiro de açúcar deveria ser doce, mas tudo cheira queimado aqui. Amargo e escuro. Aparentemente, a maneira como você faz açúcar era cozinhá-lo até a morte. A janela range quando eu me puxo pela moldura dobrada e pelas tábuas quebradas, o vidro desapareceu há muito tempo.

Abrindo minhas mãos, eu caio no chão. Poeira sobe em uma nuvem queimada. Subo os degraus de madeira, evitando cuidadosamente os pontos fracos, até chegar ao último andar. Os edifícios se amontoam de todos os ângulos. Às vezes parece que eles estão se inclinando em minha direção. Eu gosto de estar alto o suficiente para ver o céu.

Toda essa área costumava ser terra agrícola. A cana-de-açúcar e o milho eram cultivados em campos à nossa volta, cultivados pelos prisioneiros após a guerra civil. A cidade comeu

através da agricultura daqui como a ferrugem come metal, deixando a fábrica com uma casca vazia.

É o lugar que eu chamo de lar.

Sugar está me esperando no topo. Ela enrola em torno dos meus tornozelos, miando, então eu sei que ela está brava com quanto tempo fiquei fora. Eu não estive de férias, digo a ela.

“Estava trabalhando.”

Um miado machucado não aceita essa desculpa.

“Não se preocupe. Trouxe o jantar para você.” Pego uma lata de comida de gato da minha bolsa e a viro no chão no local escuro onde normalmente a alimento.

A ironia é que ela está melhor equipada para sobreviver do que eu. Ela pega ratos e pássaros com surpreendente regularidade. Eles aparecem nos meus pés enquanto eu durmo, o que é nojento e um pouco doce. Há algo muito errado com o quanto invejo o gato. Sua comida apenas vagueia, um pouco mais lenta que ela. Ela não precisa sorrir para homens estranhos e se ajoelhar.

Então eu caio na minha pilha desgastada de cobertores. Há

minha pequena pilha de tesouros - livros que roubei da biblioteca. Emily Dickinson e Robert Frost. Um pouco de Whitman para quando estou me sentindo intensa. Há uma pequena seleção de roupas que recebi da lixeira gratuita do brechó.

Eu retiro meu banquete. Cachorros-quentes de dois dias são o verdadeiro prêmio do dia. Coloquei um de lado e como o outro em três mordidas. Estou trabalhando mais devagar em uma lata amassada de chili vencido. Não tem um cheiro muito diferente da comida de Sugar. Ela lambe os últimos pedaços do chão com delicadeza e depois começa a trabalhar na limpeza de seu pelo branco com manchas bege.

Os rangidos da escada a fazem fugir rapidamente. Eu me endireito, segurando meu garfo de plástico como uma arma até que cabelos azuis espetados espreitem por cima da borda.

Ky tem esse andar descontraído que o faz parecer despreocupado, mesmo que eu saiba a verdade. Ele é mais novo que eu, mas está nas ruas há mais tempo. Ele me ensinou o que cobrar, como me proteger. Acima de tudo, ele me ensinou como agradar os homens.

“Algo cheira bem”, diz ele, passando uma perna por cima de

uma das velhas cadeiras da mesa. Ela range sob o seu peso, mesmo que ele seja magro como uma vagem.

Entrego o cachorro-quente sem me levantar.

“Guardei um para você.”

Ele come metade em uma única mordida. E então a outra metade. Sua boca ainda está cheia de salsicha seca quando ele murmura:

“Alguns caras pagariam dinheiro apenas para me ver fazer isso.” Minhas bochechas ardem.

“Eu não esperava que você voltasse tão cedo.”

“Senhor monopólio hostil teve algum tipo de problema urgente.” Caras ricos levam Ky para sua cobertura as vezes por vários dias. Ele foi apenas há uma noite.

“Quanto você conseguiu?”

Ele me dá um sorriso atrevido.

“Mil.”

“Puta merda.”

“Sim, alguém estava se sentindo generoso. Ele provavelmente comprou e vendeu a Boardwalk desde a última vez que o vi.” Ele faz uma leve carranca. “Ele parecia cansado, no entanto. “

Meu peito se contrai. “Não.”

“Não estou me apegando. Não se preocupe. Apenas garantindo que o trem financeiro continue funcionando. Além disso, isso nos manterá cheios de comida de gato para o quê? Duas semanas. Você não precisa trabalhar.”

“Não diga isso.”

“O que? Nós temos o dinheiro. Então, qual é o sentido de estar infeliz.”

“Não estou aceitando seu dinheiro. Eu vou aguentar meu próprio peso.” Ele revira os olhos.

“Não é como se eu sofresse com isso. O Sr. Monopólio é péssimo. Imagine isso. Duvido seriamente que qualquer um dos idiotas que o levem ao beco esteja disposto a retribuir o favor. Não deixe o orgulho mantê-la com fome.”

Não deixe o orgulho mantê-la com fome. Isso é algo que ele

me disse antes.

Ky me ajudou muito. Foi ele quem me disse para ficar perto do Den. Outros cafetões e criminosos não caçam no território de Damon Scott. E ele não tira um pedaço das prostitutas na esquina da rua. Isso o torna um excelente.

“Eu não vou passar fome. Estou indo trabalhar. Como você.”

Ele não diz nada, mas a dúvida está clara em seu rosto bonito. Ele me encontrou encolhida nas escadas do porão depois da minha primeira vez, tremendo de choque, horror e dor. Acho que não teria sobrevivido à noite sem ele. Desde então, não consigo mais fazer isso. Eu realmente deixaria o orgulho me fazer morrer de fome. Afinal, minha vida não valia tanto.

Ky é apenas alguns anos mais novo que eu, mas é séculos mais sábio. Ele me estuda com seus suaves olhos castanhos.

“Nem sempre é assim. Você os escolhe como eu te ensinei.”

Rico. Tesão. Essas são as principais coisas que ele procura. O que você nunca quer, ele diz, alguém que parece entediado. Desinteressado. É alguém que vai te machucar para terminar, ele diz.

“Eu vou. Amanhã à noite eu vou sair. Eu já decidi.”

Ele enfia a mão no bolso de trás. Um punhado de centenas pousa nos cobertores na minha frente.

“Saia. Não saia. Eu não me importo.”

Olho o dinheiro com o estômago revirando. Deus, seria tão fácil deixá-lo cuidar de mim. Mas não consigo me enganar. Ele trabalha por esse dinheiro tão duro quanto eu precisaria. Talvez mais. Não é certo deixá-lo fazer isso por mim.

Rico. Tesão. Como o cara que encontrei no telhado há duas semanas. Exceto que ele não me queria. Ele me deu dinheiro. Como Ky. Pena em forma de dinheiro. Deslizo o dinheiro dos cobertores com os dedos dos pés. Se eu me aproximar, provavelmente o pegarei.

“Amanhã.”

Capítulo Três

Sutton

DEN é um clube de cavalheiros, o que não significa que haja strippers. Ofertas de bastidores e bastante álcool. Um bar sofisticado para a elite da cidade.

Pelo menos, *geralmente* não havia usualmente strippers.

Não sei o que Hugo planejou para esta despedida de solteiro. Eu deveria ter planejado, mas ele é meu amigo e ele sabia que eu não poderia administrar isso sozinho. Bem, eu definitivamente não poderia ter organizado uma festa maldita. Nem tenho certeza de que poderei participar.

“Covarde”, murmuro quando ainda estou de pé na calçada.

Eu deveria estar dentro do prédio, feliz por duas pessoas que eu amo terem encontrado um final feliz. Eu não sou ciumento. Isso seria fácil demais. Estou desesperado. Estou solitário. Eu tenho muito medo de sempre ser assim. Há algo dentro de mim que não sabe amar, não verdadeiramente, não

profundamente. E Christopher? Harper? Eles poderiam dizer isso sobre mim.

Encontro Hugo dentro do Den.

“Agora, o que você planejou para essa festa? Para que eu possa fingir que dou a mínima, é isso. Prender o rabo no burro? Uma pinata?”

“Uma pinata? Não. Não achei que seu coração pudesse sofrer tanto.” Eu estudo meu copo vazio, meditando. “Strippers?”

“Isso teria sido fácil demais. Christopher disse não a strippers.”

Meus olhos se estreitam. “Você falou com ele.”

“Alguém precisava fazer isso.”

A acusação não tem calor, porque Hugo sabe quanto isso me custou. Christopher apareceu no rancho, vestindo seu terno, autenticamente italiano, seus sapatos brilhantes contra o pano de fundo marrom empoeirado da minha terra. *Eu quero que você seja meu padrinho*, ele disse, e Deus, porra, não, nunca, eu não posso, isso iria me quebrar, eu já estou quebrado.

Seria uma honra. Foi o que eu disse.

Um encolher de ombros muito europeu de um ombro.

“Ele entendeu por que eu o contatei, mas ele foi muito firme no assunto. Sem strippers. Além disso, ele não parece do tipo.”

“O tipo de homem que gosta de peitos e bunda, você quer dizer?”

“O tipo de homem que gosta de pagar por elas.”

Não sei ao certo como você os diferencia, mas se alguém sabe é Hugo.

Existem tantas maneiras pelas quais um homem sem um dólar em seu nome pode transformar pura ambição em uma fortuna. Como os ingênuos trabalhadores da construção me deram as boas-vindas. Eles ficaram muito felizes em me enviar para falar com o capataz, o gerente de projetos, os investidores, quando o cronograma precisava atrasar - e o cronograma sempre precisava atrasar. Eles me enviaram porque sabiam que eu o faria assinar na linha pontilhada, com um sorriso no rosto enquanto ele fazia isso.

Hugo tinha um caminho um pouco diferente.

Ele trabalhava como acompanhante masculino para mulheres ricas que queriam um orgasmo de vez em quando. Não é como se seus maridos ricos estivessem fazendo o trabalho entre enroscar a babá em casa e a secretária no trabalho.

“Um bar de gelo”, diz Hugo, inclinando a cabeça.

“O bar feito de gelo, as garrafas. Os copos. A coisa toda. Já está tudo arrumado na sala dos fundos. Teremos que usar casacos.”

“Isso deve ter custado uma fortuna.”

“Eu usei seu cartão de crédito. Você não se importa, não é?” Isso lhe rende um olhar irônico.

“Qualquer coisa para o casal feliz. E a Ferrari na frente?”

“Não é legal nas ruas, mas temos alguns policiais de folga mantendo uma rota vazia pelo centro da cidade.”

“Você também está usando meu cartão de crédito para pagar?”

“Apenas dinheiro. Não pode haver uma trilha de papel.”

Tenho uma vaga lembrança de entregar minha última nota

de cem dólares ao cara entregando minha pizza. *Não se apaixone*, eu disse a ele. *É o que estou dizendo. Não ouse.*

Nada como o conselho de um bêbado.

A festa já atingiu um tom febril. O álcool flui em âmbar e copos de cristal. No centro da sala, Christopher está no meio de uma multidão de homens, todos competindo por sua opinião, sua atenção. Ele é um maldito príncipe do mundo dos negócios, e o engraçado é que ele não gosta disso. Números, é disso que ele gosta. Fazendo-os somar da maneira que ele quer. Esta parte, as pessoas, este era o meu trabalho. Mesmo a seis metros de distância, posso dizer que ele está desconfortável.

Esta é a parte em que eu o salvei. Sempre o salvei. Quando éramos amigos.

Antes de nos tornarmos, tão brevemente, amantes.

Naquele momento em que éramos três. Em vez de dois.

Seus olhos encontram os meus, e o alívio brilha através deles. Um instante de alívio cedo demais substituído por cautela. Bem, isso é o que eu mereço. Vou em direção a ele em passos lentos e diretos. Homens e mulheres se afastam para mim, curiosos para saber se vou parabenizar meu melhor amigo. Ou

dar um soco. Para dizer a verdade, eu não tinha certeza de qual seria quando o encontrasse.

Christopher não dá um passo atrás. Talvez ele esteja disposto a tomar esse soco. Ou talvez ele me conheça melhor do que eu.

Estendi minha mão.

“Parabéns”, digo a ele, da minha maneira fácil.

“O melhor homem ganhou.’

Um estrondo de riso. Todo mundo ao nosso redor sabe que brigamos pela mulher com quem ele vai se casar. O que eles não sabem é que seguramos o corpo doce dela entre os nossos, fazendo-a gozar com os dedos e as línguas. Eles não sabem que eu amei Christopher antes de amar Harper.

Ele aperta minha mão para trás, e puxa para um breve e impessoal abraço. O calor da mão dele não faz meu estômago revirar. Talvez o álcool tenha me deixado permanentemente entorpecido. “Nah”, diz ele, seu tom tão casual quanto o meu.

“Eu nunca fui o melhor homem.”

As palavras são simples, sem sentido. Vazias, se você não

sabia que havia um pedido de desculpas dentro delas, embrulhadas tão apertadas que mal podia respirar - mas existe um homem que nunca se explica a ninguém. As pessoas se afastam, e então somos nós dois.

"Você veio", diz ele.

Assim, vejo as linhas finas dos olhos de Christopher, cedo para um homem tão jovem. Ele parecerá distinto antes de completar trinta anos. Isso vem do trabalho tardio, sempre com algo a provar.

"Claro que eu viria."

"Claro? Imaginei que Hugo teria que arrastá-lo aqui."

Foi exatamente o que aconteceu. "Eu não perderia por nada."

Isso me dá um bufo. "Você não precisa ficar muito tempo. Eu sairia cedo se pudesse."

Minha mente volta para a garota com cabelos castanhos e olhos de Bambi. Eu quero sair mais cedo, mas não é para ir para casa. Para não me afogar em uma garrafa. Eu quero sair mais cedo e encontrá-la.

“Harper está dando uma despedida de solteira?”

“Não se preocupe. Eu a fiz prometer não pintar hoje à noite.”

Harper St. Claire tem uma propensão a usar a arte como um meio para protestar e mudar a sociedade. O que significa que há uma chance decente de que ela possa ser presa na noite anterior ao casamento.

“Talvez ela esteja em algum lugar fazendo uma declaração sobre as amarras do casamento, pintando uma Mary Tyler Moore em tamanho real em seu prédio novinho em folha.”

“Não dê ideias a ela”, ele diz sombriamente. Um sorriso triste.

“É tudo o que posso fazer agora.”

Ficamos olhando um para o outro, marcando o momento no tempo, de um segundo a dois, passando pelo tempo onde éramos melhores amigos. Nunca mais será o mesmo. Harper mudou isso. Mesmo sabendo disso, não posso me ressentir dela. Quere-la, amá-la. Enlouquecer com o maldito ciúme. Não posso desejar que ela nunca tenha aparecido. Seria tão insincero quanto desejar afastar o sol.

“Você está nervoso?” Espero que não. Seria uma conversa infernal se eu tivesse que convencê-lo a se preparar. Ainda assim, a maioria dos noivos experimenta nervosismo, não é?

“Não.” A palavra é suave e segura.

“Você sempre soube o que queria.” Eu nem parecia amargo com isso.

“Quando se trata de negócios, sim. Quando se trata de Harper, passei muito tempo em negação.” Ele se interrompe com uma maldição silenciosa. “Eu sei que tenho que me desculpar.”

Minhas sobrancelhas se levantam. “Por ganhá-la?”

“Deus, não. Eu a ganhei honestamente. Não vou me desculpar por isso.” É tão Christopher que não posso deixar de sorrir. Isso é o que eu amo nele. *Amor*. Meu sorriso desaparece. Ele encontra o meu olhar. “Sinto muito por não ver o que você sentia... sobre mim. Eu era seu amigo. Eu deveria saber.”

“Eu não queria que você soubesse.”

Uma torção irônica de seus lábios. “Eu nem sabia que você era...”

“Bissexual.”

"Sim."

Eu fui chutado pelo meu pai até ter idade suficiente para dar um soco. Fui chutado na escola por ser filho do meu pai, antes de aprender a dar um gancho com tanta força que a pessoa teria que ir ao hospital. Quando percebi que estava excitado por homens e mulheres, não era algo que eu iria compartilhar com o mundo. "Não é algo sobre o qual eu falo muito."

Um brilho de diversão sai dele. "Não. Inferno, eu teria medo de lhe dizer se eu fosse gay. Você sempre pareceu um garoto do sul. Caçar, pescar e lutar."

"Sou principalmente pacifista. Exceto que eu gosto de pescar. Os peixes sabem disso."

Ele desvia o olhar, para a multidão de homens que preenchem o espaço, a bebida e as apostas. A pretensão de que não estamos sendo vigiados. "Quem diabos são todas essas pessoas?"

"Amigos. Eles são amigos, Christopher."

"Não. Eles são negócios. Se trabalhamos com eles no passado ou eles esperam que trabalhemos com eles no futuro, eles estão aqui para ganhar dinheiro. Você era meu amigo.

Talvez o único."

"Eu ainda sou seu amigo."

"Você é?"

Infelizmente. Infelizmente, eu sempre serei amigo dele. Infelizmente, existem facas me cortando por dentro, escrevendo padrões de perda no lado liso da minha pele. "Sim."

Um rugido sobe através da multidão, e eu viro minha cabeça para ver um grupo de mulheres. Elas estão usando vestidos coloridos de lantejoulas - uma noite na cidade. Harper está na liderança, usando um vestido branco e uma tiara que provavelmente tem diamantes de verdade. Ela também está segurando um pênis gigante inflável, que está riscado com tinta preta, desenhando uma carinha sorridente no plástico e o contorno de um smoking.

A festa de despedida de solteira dela chegou ao Den.

Os homens estão mais do que felizes em receber as meninas, pedindo de bebidas e respirar seus aromas exuberantes e suados. Christopher só tem olhos para sua noiva. Seus olhos azuis escuros se aprofundam quando ela se aproxima. Ele agarra a cintura dela e a puxa o resto do caminho. O beijo

deles é tão íntimo, tão cru, tão amoroso, que tenho que desviar o olhar. Quando Harper se afasta, seus olhos estão atordoados.

Ela me vê e fica cautelosa.

“Ei, Sutton.”

“Ei.” E o Oscar vai para… Sutton Mayfair, que soa como um ser humano ao inves de uma coisa invejosa e deprimido. “Está se divertindo?”

Um sorriso aliviado. Eu a enganei. *Humano*, ela pensa. "Muito."

"Eu gosto do seu amigo."

Ela dá um abraço apertado no pênis gigante inflável, fazendo os olhos riscados em tinta se arregalarem. “Dick é nosso acompanhante. Não é seguro que as mulheres jovens estejam nas ruas sozinhas, você sabe."

Esta é Harper - efervescente e irreverente. Somente de estar perto dela, você não pode deixar de se sentir mais leve. Christopher é exatamente o oposto. Ele torna tudo mais sério. Mais pesado. Eles são perfeitos um para o outro, e eu... bem, não pertenço a este lugar.

O silêncio sublinha esse fato.

Eu a vejo perguntar sem palavras: você já perguntou? Eu vejo Christopher respondendo sem palavras: não. Eu o vi fazer centenas de negociações. Então eu sei que o momento exato em que ele decide que é a hora. Há astúcia no ar, como eletricidade antes de uma tempestade.

"Você quer vir conosco?" ele pergunta. Depois de. Oh Deus. Um trio.

É isso que ele está oferecendo agora. Como se eu fosse um presente que ele está dando a ela*. Aqui está sua última chance de transar com outra pessoa antes de nos amarrar.*

Ou pior, poderia continuar depois que eles disserem que sim. Eu seria como um vibrador vivo que respira no leito conjugal. A parte doente é o quanto eu quero dizer sim.

Eu quase posso provar sua pele doce e salgada. Eu quase posso sentir a cerda em sua mandíbula. Meu corpo está tenso de fome. *Sim, eu vou. Sim, vou comê-la e chupar seu pau e fazer o que quiser. Eu irei quando quiserem.*

Bile queima minha garganta. "Não, obrigado", eu digo, as palavras rígidas e curtas.

"Oh." A decepção em seus olhos quase muda minha mente.

Não preciso dizer mais nada. Não lhes devo nenhuma explicação. Certamente não lhes devo mentiras, mas me pego falando assim mesmo. "Estou vendo alguém."

Os olhos azuis de Christopher se iluminam. "Isso é ótimo."

Isso provavelmente significa que ele ainda está preocupado com Harper mudar de ideia. Eu poderia garantir a ele que isso não aconteceria, mas ele disse: "Você deveria levá-la para o casamento."

"Ou ele", diz Harper, parecendo esperançosa.

"Certo. Talvez." Ninguém irá ao casamento, homem ou mulher. Não estou vendo ninguém. Minha fachada rachou. Não posso mais fingir que estou bem. Eu me viro para a porta e me afasto, deixando a festa e as duas pessoas que amo para trás.

Capítulo Quatro

Ashleigh

FRIO. FOME. Não há outra palavra para isso. Desesperada. Tudo nessa vida dói, mas não há nada que eu teria feito de diferente.

Às vezes a vida não dá boas escolhas.

Risos masculinos perfuram o silêncio quando a porta se abre e se fecha, mais homens chegando. Gotas tremem nas janelas. Está sendo preparada uma festa épica. Dentro de algumas horas, haverá homens bêbados dispostos a pagar duzentos dólares para eu segui-los até um quarto de motel.

Contanto que eu não perca a coragem, não preciso morrer de fome esta noite.

Um sedan escuro diminui a velocidade na rua. A janela desliza para baixo. Um homem de quase quarenta anos me olha de cima a baixo. Eu poderia ter passado por ele em um supermercado ou posto de gasolina sem olhar duas vezes. Um

homem comum. Ouro brilha em seu dedo anelar. Claro que ele é casado. Sua esposa provavelmente está em casa, acolhedora e alimentada, percorrendo o Pinterest agora.

"Quanto?" Ele pergunta.

Diga a ele duzentos dólares. Ky me disse que na primeira vez que trabalhei nesta esquina. Ele também me deu um pacote de preservativos. Você tem que deixar sua mente ir para outro lugar. Faça o que eles dizem, não faça perguntas e você sobrevive. Essa é a coisa importante.

Um inesperado anjo da guarda, com certeza.

Diga a ele vinte dólares. Então talvez ele não espere tanto. Não sei o que diabos estou fazendo e quero que acabe logo. Vinte dólares são suficientes para comprar batatas fritas quentes, salgadas na minha língua e um refrigerante fresco e borbulhante para lavá-las. Estou quase enjoada de fome.

Diga a ele mil dólares. Qualquer coisa para fazê-lo ir embora.

"Eu não estou à venda", eu digo, minha voz pegando.

"O que?" Ele fala.

“Eu terminei a noite”, digo mais claramente.

A raiva brilha nos olhos dele, misturada com desdém, e fico feliz por não ter entrado no carro. Fico feliz por não ter deixado ele colocar as mãos em mim. Pode ter custado mais do que minha dignidade.

“Você quem perde”, diz ele, antes de ir embora, jogando um spray de cascalho nas minhas pernas nuas.

Lanternas traseiras vermelhas desaparecem atrás de um prédio, e então estou sozinha de novo.

Com fome e frio e desesperada novamente.

Por que eu não fui com ele? Abra suas pernas. Abra sua boca. Sobreviva. Foi o que Ky me disse para fazer. Faz muito sentido, mas sou teimosa. E talvez estúpida. Cheia dessa esperança inútil de que algo me salve.

Isto não é um conto de fadas.

A porta se abre e alguém sai do Den. Ele é enquadrado pela luz berrante e brilhante - apenas sombra e movimento. Ombros largos e pernas longas. Dou um passo para trás sem pensar. Aprendi a confiar em meus instintos nos últimos seis meses. Algo

sobre esse homem diz perigoso.

Ele dá dois passos à frente, parando na beira do meio-fio, seu corpo é uma linha dura contra o vento assobiando. O poste de luz mancha um rosto com sulcos ásperos. Cabelos loiros em desordem selvagem, enrolando nas pontas, ficando úmidos na noite. Um sobretudo e sapatos pretos que brilhavam. Ele me lembrou vagamente a um pirata. Ele poderia estar parado na proa de seu navio, observando o horizonte em busca de segredos de uma tempestade.

Ele se vira, repentino e afiado, como se tivesse me ouvido. Eu não fiz barulho. É apenas o meu batimento cardíaco que poderia ter me denunciado, rápido como um coelho.

Olhos azuis estreitos. "Ashleigh."

Seria melhor se ele não se lembrasse do meu nome. Melhor se ele pudesse ter olhado para as minhas pernas e meus seios como o homem no carro. Seria melhor acreditar que todo homem me trataria como lixo. Saber que alguns homens são bons, gentis e atenciosos - mas não para mim, nunca para mim - dói mais do que qualquer coisa. "Não estou à venda." As palavras escapam antes que eu possa detê-las. Ele nem pediu meu preço.

Ele levanta uma sobrancelha. “Então você seria a única.”

Desanimado. Talvez eu não seja a única determinada a pensar o pior do mundo.

“É isso que você pensa das mulheres? Não são todas que estão atrás do seu dinheiro.”

Por um momento, acho que ele vai se afastar. Ele desaparecerá na noite. Daqui a algumas horas, eu me perguntarei se ele era real. A possibilidade paira na noite como orvalho. É o que ele quer fazer. O que ele deveria fazer. Tudo nele, de suas roupas a seus modos, fala de um homem de boas maneiras. Com um emprego de verdade, uma casa de verdade e uma namorada de verdade. Ele não deveria estar falando comigo.

Então ele se vira para mim, decisivo. Em um momento, ele está na minha frente. Mais um segundo, e estou apoiada na parede de pedra do Den.

“Não é isso que penso das mulheres, coisa fofa. É como eu penso em todos. Inclusive de homens.”

“Você tem um preço?” Consigo perguntar, mesmo que seja arriscado falar com um homem. Especialmente quando o corpo grande me prende na parede como uma borboleta em pânico.

Dessa maneira, consigo ver a sombra da barba por favor em sua mandíbula, a pinta ao lado do olho direito.

“Sim. Tenho.” Uma risada áspera. “Eu tenho um preço. Não é nem alto.”

“Qual é?” É como um ouriço de rua entrando na Tiffany, essa pergunta. Não importa qual é a resposta. O número sempre será muito alto. Se ele quer uma esposa da sociedade ou uma mãe para seus filhos, nunca serei eu.

“Um beijo.”

A palavra se aloja na minha pele, afiada e quente.

“Um beijo?”

Há um desafio naqueles olhos azuis. E conhecimento impiedoso.

“Um beijo é tudo o que preciso para eu cair ladeira abaixo Eu acreditaria que estava apaixonado por você, construiria um maldito castelo no céu, porque sou esse tipo de idiota, não sou?”

Um sussurro.

“Duzentos dólares.”

Seu olhar cai nos meus lábios.

“Pensei que você não estivesse à venda.”

Mudei de ideia quando ele falou sobre castelos no céu. Ele ainda está apaixonado por outra pessoa. Isso está claro pela amargura em sua voz. Não posso ser essa mulher, mas posso fingir por uma única noite. Em algum lugar quente. Nos braços dele.

“Duzentos dólares e seu nome.”

Isso me rende uma gargalhada. “Meu nome.”

“E jantar.” Não sei de onde encontro coragem. Jantar significa que não preciso comer por mais dois dias. Duzentos dólares significam que estou segura por mais dois meses.

O nome dele não deveria significar nada para mim.

Ele abaixa a cabeça, escondendo os olhos. Uma gota de chuva cai do cabelo dele para o meu peito.

“Cristo. O que diabos aconteceu com você? Não, não me diga. Não consigo ouvir uma história triste e ainda te foder e quero muito te foder.”

História triste. Isto resume tudo. Há um buraco no meu peito onde essas palavras me atingem. Bordas marcadas pela percepção de que sou tão transparente. Que todo homem que queria me foder, que me ofereceu dinheiro, o homem do carro, eles sabiam. Talvez não os detalhes, mas eles sabiam o suficiente. As mulheres não ficam nas esquinas porque as coisas estão indo bem.

"Porra." Ele enfia a mão no bolso do casaco. Algo fino e preto. Ele abre e encontra dinheiro. Eu percebo notas de cem dólares, quando ele as empurra na minha mão. Duas delas.

"Pegue. E saia da rua antes que alguém como eu a arraste para casa e faça você chorar."

O dinheiro ainda está quente pelo calor do seu corpo. Eu aperto as notas no meu punho.

Emoção engasga minha garganta. *Obrigada.* Não consigo me fazer dizer as palavras.

Ele se afasta, sem esperar por gratidão, pronto para desaparecer na noite.

"Um beijo", eu consigo dizer e ele para.

Capítulo Cinco

Sutton

Saí do Den, minhas mãos nos bolsos, cabeça baixa. A noite está em algum lugar entre a chuva e limpeza. Gotas de umidade se juntam no tecido preto e elegante da minha roupa. A névoa silencia o som dos meus sapatos na calçada.

O mundo inteiro se estreita com a mulher atrás de mim. Um beijo. Saia. Vá embora. *Não foda uma garota que se quebrou.*

Eu sei tudo de Tanglewood. E eu sei que não posso resolver problemas tão espessos. Algumas centenas não vão mudar sua vida. Mas há uma diferença entre não a ajudar e usá-la ativamente. Tocá-la, mesmo o toque mais leve da ponta de meu dedo em sua bochecha, cruzaria uma linha.

Ela não quer estar aqui. Há mulheres que escolhem o trabalho sexual sem uma história sombria, mas nenhuma delas faz dessa maneira. Somente os homens mais rudes e perigosos comprariam uma mulher aqui. Homens como eu,

aparentemente.

A parede de tijolos a sustenta. Ela parece frágil contra a cidade. Pequena e fundamentalmente quebrável. Como posso deixá-la aqui? Mas como posso levá-la comigo? Existe apenas o fio mais fino entre a besta dentro de mim e o homem que eu finjo ser. Meu verdadeiro eu, o bastardo que perde todos que ama, nunca esteve tão perto da superfície.

Ela olha para mim com olhos escuros insondáveis. Há dor escondida nas profundezas, mas não vejo isso agora. Eu só estou olhando para a confiança. Confiança imerecida.

O canto dos lábios dela se levanta em um sorriso secreto. Isso sela o seu destino.

Eu a apoio contra a parede, envolvendo-a, roubando seu ar.

Seus olhos se arregalam como uma corça presa nos faróis. Esse sou eu - um maldito caminhão. Vou quebrá-la em pedaços. Eu também vou me quebrar. Eu me inclino para respirá-la. Eu ainda nem a estou tocando. Eu não tenho minhas mãos nessa pele pálida ou meu pau nessa boceta doce. Não, eu estou cheirando-a agora. É uma jogada totalmente primordial. Todo verniz de civilidade foi arrancado. Este fato é uma mentira. Eu

sou um animal, me preparando para montá-la, me preparando para acasalar.

Um beijo, ela disse, sem saber a quem ela estava tentando.

Meus lábios escovam sua testa. Deveria ser ridículo com meu pau como ferro nas minhas calças, mas não parece ridículo. A ternura se move dentro de mim, afiada o suficiente para me fazer grunhir. Eu largo meus lábios na ponta seu do nariz. Até mesmo se isso é muito errado. Errado quando a mulher realmente não me deseja. Errado quando ela não estaria molhada se eu enfiasse dois dedos em sua boceta. Nunca estive com uma mulher que estava nada menos do que entusiasmada, mas a quero muito, pra me afastar. Ela fica muito quieta quando chego à sua boca. Essa boca cheia e bonita com o batom vermelho berrante. Eu mordisco a camada de cera, procurando a de verdade, seca e rachada.

Quando eu recuo, seus olhos estão arregalados. Suas narinas se abrem, ela respira com dificuldade. Ainda nem comecei, e ela já parece pronta para fugir. "O que foi isso?" ela pergunta, sua voz trêmula. Eu quero puxar o cabelo dela e bater em sua linda bunda. Quero abrir suas pernas e montá-la até que ela soluce seu clímax nos lençóis. E ela parece chocada com um

único beijo.

A raiva cresce dentro de mim, preta como tinta. “Você já teve um namorado, Ashleigh?”

“Sim”, diz ela, mas é uma mentira tão clara que me faz querer rir. Ou chorar.

“Eu sei como beijar. Eu sei como... como foder. Mas isso não foi um beijo.”

A palavra foda soa completamente estranha em seus lábios. Parece uma palavra inventada. Um exagero do Dr. Seussian. “Foi assim que você beijou alguém de quem gosta.”

Desafio naqueles olhos castanhos. “Você não se importa comigo.”

“Não”, eu digo, mesmo que eu esteja mentindo agora. Eu sou exagerado para provar um ponto maldito. “Eu não dou a mínima para você, mas nunca aprendi a beijar de outra maneira.”

Esse pequeno ponto de um queixo se eleva. Ela pode não ter um pouco de autopreservação, mas tem orgulho. E Deus, isso me faz querer mais ela. “Então talvez eu possa te ensinar uma coisa.”

Uma diversão sombria enrola meus lábios. “Você pode.”

Eu vim para fora porque precisava de um ar que não tenha sido inspirado e expirado por Harper e Christopher. Eu queria cheirar sujeira e grama e o tempo previsto pelo vento. Nada na cidade pode chegar perto disso. Exceto por ela. Eu a respiro, e o mesmo senso de retidão de voltar para casa me preenche. Ela é como a maldita terra - doce e elementar.

É quase como se eu a tivesse conjurado. Ou talvez eu esteja alucinando. O álcool pode fazer isso com você, mesmo que tenham passado oito horas desde que tomei uma gota. Se ela não é real, não há razão para não a tocar, para não transar com ela. Nenhuma moralidade traquina para me impedir de pagar pelo privilégio.

Além disso, ele não parece do tipo.

O tipo de homem que gosta de peitos e bunda, você quer dizer? O tipo de homem que gosta de pagar por eles.

Também nunca paguei nada. Seria baixo e novo para mim. Eu estou cheio disso ultimamente.

Inclino-me para acariciar sua bochecha, a parte inferior de sua mandíbula. O seu pescoço. Eu a beijo lá, e ela estremece.

Estamos em uma garoa fria, mas ela realmente estremece com a sensação dos meus lábios. Ashleigh é uma orquídea em uma tempestade de neve. Ela nunca sobreviverá.

"Venha para casa comigo", murmuro, encontrando o buraco na base do pescoço dela. Deslizando minha língua para fora para provar. Água da chuva. O clima afugentou seu sabor.

"Há um motel", diz ela, respirando com dificuldade, mesmo que eu a tenha presa, porque eu a tenho presa. "Dois quarteirões de distância. O The Rose and Crown. Podemos conseguir um quarto lá."

Um motel que aluga por hora. "Eu quero a noite toda."

Seu olhar não deixa o meu enquanto ela balança a cabeça. É uma recusa que não tem nada a ver com dinheiro. Tudo a ver com seu medo por um beijo suave.

Inclino a cabeça para pegar sua boca, procurando as profundezas através da chuva e do ar até encontrar o sabor indescritível dela, o fogo dela. Eu bebo e gosto da queimadura. Minhas mãos acariciam sua bochecha e ela pula. Somente lentamente, ela derrete no meu abraço.

"Sutton", eu digo, minha voz grossa. "Esse é o meu nome.

Sutton Mayfair. Diga."

"Sutton", ela sussurra, e o som me faz apertar.

Seu corpo se torna flexível contra o tijolo e meu corpo. Eu me aperto nela, devagar e com fome, mostrando a ela como eu a foderia. Não é tão diferente da maneira como eu beijo. Ela pode me ensinar como fazê-lo áspero e sem sentido. É uma lição que preciso aprender, mas vou mostrar a ela como é bom. Minha língua se move contra a dela em um deslize sensual - paciente, paciente, paciente até que ela mexa a língua em resposta tímida. A sensação dela, o seu calor, me faz doer. Meu pau palpita nas calças, e eu pressiono para frente, buscando mais pressão. Ela está desossada contra mim, disposta - e se eu pudesse apostar todo o meu negócio – apostaria que entre as pernas dela, ela estaria molhada.

Finalmente levanto minha cabeça e olho em seus olhos sonolentos. O triunfo bate no meu peito, como se eu tivesse provado algum tipo de argumento. Seus lábios estão inchados e picados da minha barba incipiente. Ela espera, relaxada, o que quer que aconteça a seguir. Eu poderia beijar sua doce boceta contra essa parede, cascalho cavando em meus joelhos, o vento chicoteando em seus cabelos, e ela me deixou.

Porque você está pagando pra ela.

“Duzentos dólares”, eu digo, e ela se encolhe, acordando.

“Foi isso que você me deu.”

“Ainda não terminamos.”

“Um beijo. Foi isso que eu te ofereci. Foi isso que você pegou.”

“E jantar, eu a lembro.” Meu estômago ronca lembrando que estou morrendo de fome. O álcool é rico em calorias. Isso me impede de ficar com fome. “Isso fazia parte do acordo. Vou te levar para jantar. Do que você gosta? Chinês? Bife?"

Ela lambe os lábios e eu sei que a tenho. Parece um pouco sujo, que eu a tentei desse jeito, esse pequeno deslize de mulher, tão esbelta que sei que ela passou fome. Bem, eu tenho alguma experiência com o sentimento. O roer dentro do seu estômago, como se fosse comê-lo por dentro. A dor que o impede de dormir, por mais cansada que esteja.

Olho para a rua, onde você pode ver as luzes brilhantes de um restaurante tailandês. “Curry? Essa é a coisa boa sobre Tanglewood. Você pode encontrar em todo tipo de comida aqui.”

“Curry não”, diz ela, sua voz tremendo.

Quanto tempo faz desde que ela comeu alguma coisa? “Sem curry, então. Você me deixou escolher. Há um ótimo lugar apenas a cinco minutos a pé. Você geralmente precisa de reservas, mas eu conheço o proprietário.”

Capítulo Seis

Ashleigh

Se eu tivesse pensado no jantar, teria pensado em hambúrgueres ou burritos de uma lanchonete de fast-food. Talvez, se estivéssemos sonhando alto, eu teria pensado em um recipiente de isopor com batatas fritas de queijo da lanchonete. Eu não poderia ter imaginado este lugar.

Os intrincados vitrais enviam fragmentos de cores pelas toalhas de mesa brancas. Arcos de madeira voam acima de nossas cabeças. Era uma igreja, explica o maitre, enquanto nos leva a uma mesa isolada para dois. Uma igreja da década de 1920 que foi restaurada para este restaurante. Os outros clientes estão vestindo ternos e roupas de noite. Estou em uma blusa que encontrei no lixo e uma saia que encontrei no brechó. Sutton me trouxe aqui como uma piada?

Olho para ele e ele está me olhando com desafio em seus olhos azuis. Ele espera que eu fique frustrada com a luxuosidade, e talvez eu deva. Provavelmente vou me fazer de boba. Eu tenho

que pesar meu orgulho contra a minha fome. A fome vence.

Estou segurando um menu grande e encadernado em couro, com palavras que nunca ouvi antes e sem preços. Um cesto chega carregado de pão de passas em fatias finas com uma grossa cobertura de cebolas caramelizadas. Pego um pedaço de pão com cebola com as mãos trêmulas e o rasgo. Deus, é tão suave. E ainda quente do forno. Minha boca parece cheia de saliva. Eu entendo esses desenhos animados com animais babando de uma maneira real. Não estou babando, mas é assim que aconteceria. Dias sem comer e depois uma cesta de pão gourmet na minha frente.

Enfio na minha boca. Meus olhos se fecham em êxtase involuntário. As pálpebras de Sutton caíram e percebo que fiz um som. Um gemido.

“Sinto muito”, eu sussurro, já colocando mais pão na minha boca. Humilhante. Isso o que é. Talvez seja assim que ele quis dizer. Teria sido menos embaraçoso para ele me foder na rua, mas não consigo parar de comer agora que a comida está ao meu alcance.

“Devagar”, ele murmura. “Você vai sentir dor de estômago.”

Como ele sabe? Como ele sabe que estou morrendo de fome? Inspiro mais dois pedaços de pão antes que eu consiga falar. “Você está tirando sarro de mim.”

“Ninguém está rindo”, diz ele, e tenho que admitir que é a verdade. Seus olhos azuis estão totalmente sérios. Ele sabe. Como se ele entendesse esse nível de fome.

“Então por que você me trouxe aqui? Eu não pertenço a essas pessoas.”

“Essas pessoas não são nada especiais. O fato de eles terem dinheiro e você não ter é principalmente uma questão de sorte. Aleatoriedade. Um jogo de azar, e você está perdendo."

Pego outro pedaço de pão e me forço a comê-lo em mordidas lentas e constantes. “É por isso que você tem dinheiro? Por que você ganhou o jogo?”

Um fantasma de um sorriso. “Você poderia dizer isso.”

“Você pode me ensinar como jogar?” A pergunta surge antes que eu possa pará-la, sincera e irremediavelmente ingênua. Essa é a parte em que Ky balança a cabeça. Ele conhece o mundo. Sobre homens. Fico com a cabeça em um livro de poesia.

Ele é salvo de responder quando o garçom chega. Sutton pede costela ao ponto para nós dois, acompanhada com alcachofras grelhadas e salada de beterraba com queijo de cabra.

O garçom sai e nos sentamos em silêncio. O tilintar silencioso da prata contra a porcelana cara fornece um pano de fundo. Em algum lugar nesta igreja restaurada, em algum canto ou nas escadas, alguém está tocando uma harpa.

“Você quer jogar”, diz ele, recostando-se na cadeira. “É assim que se faz. Você exige ser levado para lugares como este. Sempre haverá algum filho da puta triste como eu disposto a fazê-lo. Você não pede duzentos dólares. Você pede um carro. Um apartamento.”

Ele poderia estar falando outro idioma. Entendo melhor a química orgânica do que isso.

“E você acha que os homens vão pagar por isso?”

“Eles pagariam. Eles estão pagando por uma mulher. Por que não você?”

Olho para mim mesma, para esse corpo que supostamente vale muito. Não faz diferença. Eu mal me reconheço. Meus braços, minhas pernas. Meus seios. Eu poderia estar andando na

pele de outra pessoa. “Não foi assim que você ganhou dinheiro.”

“O mundo não é justo, querida. Eu acho que você já sabe disso.”

“Eu sei disso”, eu sussurro, pensando em jogar softball e na dança de pai e filha. Essa não foi minha infância. Eu tive palavras indiferentes e mãos errantes. Eu aguentei isso e aguentei, até que um dia decidi que já tive o suficiente. Fugi de casa e nunca olhei para trás. Não importa a quão fria, faminta ou desesperada eu fique na rua, nunca desejo voltar para casa.

“Agora vou perguntar novamente: Venha para casa comigo?”

* * *

A casa dele é um rancho nos arredores de Tanglewood. Cada milha de distância do lado oeste destrói minha confiança. Ky vai enlouquecer quando voltar. Não posso voltar agora. Não apenas porque eu não teria uma carona. Não posso voltar porque esse homem me quer. Por alguma razão, ele me quer. E preciso de todo dinheiro que possa conseguir.

Os faróis piscam através de um bosque. Cascalho retumba sob os pneus. Ele para o carro e nos sentamos em silêncio,

apenas com o estalo do motor e o barulho de grilos para nos guiar. “Tendo dúvidas?” Ele pergunta, sua voz rouca.

Sim. Estou com medo. Segure minha mão. “Claro que não. Fizemos um acordo.”

Ele ri suavemente. “Nós fizemos.”

Solto o cinto de segurança e me viro para encará-lo. Ele parece a quilômetros de distância daquele homem de hoje à noite, exceto que estou na mesma posição. Não estou? Prestes a fazer sexo com um estranho. Estendo a mão para colocar a palma da mão em sua coxa. Não é exatamente onde ele gostaria, mas é o mais perto que posso me aproximar agora. Aperto suavemente, sentindo músculos e calor. É estranho em um carro. É isso que eu aprendo nos próximos minutos enquanto me impulsiono para mais perto dele, enquanto pressiono um beijo desajeitado em seus lábios. Ele permanece sentado, as mãos caídas ao lado do corpo, a cabeça apoiada no encosto. Ele não faz nenhum movimento para me abraçar, me tocar. Me foder. Mas ele também não me afasta. E quando eu consigo lamber seu lábio inferior, ele respira fundo.

Seria tão fácil para ele me alcançar, para ele virar alguns graus em minha direção. Então eu poderia fingir que éramos

duas pessoas se beijando. Que tínhamos ido a um jogo de futebol da faculdade. Ele me compraria uma Coca-Cola grande e um pretzel do tamanho do meu rosto. Eu seguraria seu braço enquanto ele torcia por seu time. Depois do jogo, ele me traria para casa e se viraria para me dar um beijo de boa noite. Um beijo se transformaria em outro. Nós dois estaríamos ofegantes, urgentes. As janelas ficariam embaçadas. Isso é o que eu poderia fingir. Em vez disso, Sutton fica reto no banco, me observando por baixo dos olhos serrados. Ele me deixa mexer com o tecido de sua calça. Pelo menos ele está duro embaixo delas. Muito duro. Muito grande. O suficiente para me fazer estremecer com a dor prevista. Não há vapor nas janelas, porque ele não está respirando com dificuldade. Ele está me assistindo me fazer de boba, acariciando desajeitadamente a lã, tentando descobrir como agradá-lo. E falhando.

"Você faz homens gozar assim?" ele pergunta, todo educado.

“Sim”, eu respondo, mesmo que seja mentira. Afasto minha mão, porque claramente estava fazendo tudo errado. Apesar de seu pau duro, eu estava fazendo errado. Minhas palavras saem rígidas. “Se você quer algo diferente, basta pedir.”

"Eu não disse que não gostei." Sombras o abraçam com força. Eu vejo olhos brilhantes e lábios carnudos. Um queixo quadrado com uma nuca dourada. "Há algo de bom nisso. Como se você nunca tivesse tocado um pau antes. Mas isso não pode ser verdade, pode?"

Minhas bochechas esquentam e sou grata pela escuridão. "Claro que não. Você me faz sentir como se estivesse no ensino médio novamente."

"Isso é uma coisa ruim?"

Seu polegar levanta meu queixo. "Diga-me que você não está no ensino médio."

"Eu não estou no ensino médio", recito.

"Sério, Ashleigh. Vou perder minha merda."

"Eu não estou. Sério. Deus." Claro que não estou no ensino médio porque desisti há seis meses. Difícil ir à escola quando você não tem onde dormir. Ou água corrente. Eu não me incomodo em dizer isso a ele. Deixe que ele pense que eu tenho alguns anos a mais, se isso o ajudar a dormir à noite. Não importa se tenho dezessete ou vinte e sete anos quando as luzes estão apagadas.

Alguns homens são gentis. Alguns são difíceis. Todos eles querem a mesma coisa - minha boca envolvendo seu pau. Sutton? Não acho que ele seja diferente. Não quando ele endurece. Um gemido enche o veículo. Minha mente já está indo para aquele lugar distante, onde nada e ninguém pode me tocar. Eu pego o peso duro e latejante dele em suas calças, e ele grunhe. “Que porra é essa, Ashleigh?”

Não me incomodo em parar, porque ele pode alcançá-lo. Ele deve saber o que eu vou fazer. Um beijo. Ninguém paga duzentos dólares para que eles possam lamber meus lábios. Ele quer esse tipo de beijo. Sinto seu desejo quente e espesso no ar. Meus dedos encontram seu zíper e ele desce, desce, desce.

Ele agarra meu pulso, me forçando a parar. “Eu disse, que porra é essa?”

Meu olhar encontra o dele. “Estou fazendo o que você quer.”

“Um boquete na minha garagem? Não, coisa fofa. Nem perto disto.”

Ele não quer um boquete? Bem, ele seria o primeiro. O pânico bate na minha caixa torácica. Ele vai querer algo que não

sei dar. Sexo vazio, sem cérebro. Isso é o que eu fui ensinada. Ele quer aquele estranho beijo, sentimento e dor profunda no meu núcleo.

Casa era uma casa bege nos subúrbios. A nossa tinha sancas brancas e bancadas em granito. Essas são as coisas que fizeram dela uma bela casa. Uma casa cara. Essas coisas não são assim. Colunas de pedra e madeira ficam como sentinelas em torno da porta da frente. Janelas com pequenos arcos soldados à mão marcham pelo hall de entrada. Plantas grossas de madeira são atadas, arrancadas e raspadas em uma textura agradável. Esta não é uma bela casa. É uma mansão em estilo de fazenda, cada peça forte, áspera e bonita. Como o homem que fecha a porta atrás de nós. Um piso plano aberto revela várias áreas de estar, uma mesa de jantar de três metros e uma cozinha com eletrodomésticos vermelhos brilhantes. Minha atenção é atraída por um banco de janelas altas e largas nos fundos da casa. Uma visão das colinas ao luar me deixa sem fôlego. E aquilo é... “Você tem cavalos?”

Capítulo Sete

Sutton

MADEIRA BATIDA E couro liso e desgastado. Este lugar é o meu santuário.

O falso cetim brilhante de sua minissaia parece fora de lugar. Os calcanhares dela balançam na pilha grossa do tapete. Parte de mim espera que ela se sente no sofá, como se eu fosse entrevistá-la antes de transar com ela. Ou talvez ela se envolva nas bancadas da cozinha - uma oferta sexual. Também não. Em vez disso, ela cruza a escultura de metal montada na parede dos fundos. Um cavalo selvagem galopando, seus cascos voando, sua juba orgulhosa do vento. Ela passa a mão pela curva do peito. "É lindo."

Cristo. Cavalos. Com seu corpo ágil e olhos cansados do mundo, ela parece toda adulta. Então ela fica excitada com os cavalos e pode ter doze anos novamente. É uma dicotomia estranha, que eu não deveria achar atraente. Mesmo quando meu cérebro descobre as implicações éticas, meu sangue bate

com uma batida baixa e primária. Minha. Ela é minha. E nada, nem mesmo minha própria moralidade pessoal, a manterá longe de mim.

“Onde você o conseguiu?”

Eu não tenho que responder. Uma galeria de arte. Walmart. Não importa onde eu consegui. Ela é uma prostituta. Fique de joelhos. É o que devo dizer a ela. "Eu o fiz."

Os olhos dela se arregalam. “Você fez?”

“Não é nada. Um maçarico e um pouco de sucata.”

“Do que você está falando? É lindo. Eu posso sentir o vento.” Ela traça a curva do peito dele com a ponta do dedo. Eu quase posso sentir a carícia em meu próprio peito.

A mão dela continua se movendo sobre a crina.

“Eles se parecem com chamas”, diz ela.

“Alguns dizem que o mundo terminará em fogo.” É uma coisa tola e ridícula de se dizer, tornada ainda mais ridícula pelo fato de ela não entender. Ela acha que eu sou um pregador louco ou algo assim, contando até o dia do juízo final.

Ela olha de volta para mim sem perder o ritmo. “Alguns dizem em gelo.”

Surpresa me enraíza no chão. Pelo que provei de desejo, mantenho aqueles que favorecem o fogo.

“Mas se tivesse que perecer duas vezes”, diz ela, recitando o poema com uma voz melódica. É como o canto de uma sereia. “Acho que sei o suficiente sobre o ódio, para dizer que, para destruição de gelo, também é ótimo e seria suficiente.”

“Você gosta de Robert Frost.”

“Eu gosto de poesia.” Ela toca a ponta da crina.

Abro a boca, porque as bordas são ásperas por lá. Elas não são polidas, não são feitos para serem tocadas. A respiração dela fica presa. É um som silencioso, mas eu sinto nos meus ossos, aquela pontada de dor. Ela puxa a mão de volta. Estou do outro lado da sala em alguns segundos, virando sua palma da mão na minha. Uma pequena gota de sangue se forma em seu dedo indicador.

“Inferno.”

“Não dói”, ela sussurra.

Eu deveria passar a mão dela debaixo d'água. Provavelmente pegar Neosporin e um curativo. E então a levar de volta para aquela esquina, por que que porra eu estou fazendo aqui? Em vez disso, mergulho a cabeça e chupo o dedo na minha boca, lambendo a gota. Seus olhos são poças escuras que refletem o cavalo de metal. Quando a solto, espero que ela se afaste. Se esconda no canto, como se eu fosse algum tipo de vampiro. Isso é o que eu sou, de certa forma. Bebendo sua juventude e força vital. Ela cai de joelhos, lenta e graciosa, mantendo o olhar no meu.

Este não é o lugar para isso. Eu deveria levá-la para o quarto, pelo menos. Janelas escuras nos observam de todos os ângulos, quilômetros de terras da fazenda testemunham o que estou prestes a fazer. Meu pau está duro como ferro nas minhas calças. Ela provavelmente nem está molhada embaixo daquele tecido preto barato. Eu quero muito que ela se importe. Eu poderia me abaixar e tocá-la até que ela gozasse, escorregadia e inchada. Eu poderia sussurrar algumas palavras sujas para deixá-la úmida.

Em vez disso, coloco minha mão em sua cabeça, acariciando gentilmente, sentindo a sua forma, a força impenetrável dela. Peneiro o cabelo dela através das minhas

mãos. É uma cor de palha pálida, mas não parece seco. Parece macio e flexível. Como ela.

"Você vai me levar até sua boca, coisa doce?" Meu sotaque fica mais denso quando estou excitado. Agora é grosso como o melaço.

Ela assente lentamente. "Se é isso que você quer."

"Não há homem vivo que não queira essa boca bonita."

Um rubor escurece suas bochechas. "Eu devo...?"

Ela não termina a pergunta. Suas mãos vão para o meu cinto. Ela se atrapalha com o fecho de ouro martelado e o couro macio. Em seguida, ela trabalha no botão. O zíper, que se curva sobre a protuberância da minha ereção. Ela vai mais devagar por lá, como se tivesse cuidado para não me machucar. Eu estou duro o suficiente para martelar aço. Suas mãos gentis não farão mal. Exceto que os toques leves me fazem cerrar os dentes. Quando ela puxa o elástico, tão macio, eu quase gozo em minha calça. Com um grunhido de impaciência, empurro minha cueca. Meu pau cai pesado contra a mão dela. A parte de trás de seus dedos está fria contra a minha marca de ferro. Ela choraminga de surpresa. Ou talvez medo.

Inferno, eu sou grande. Mas não um monstro. Se ela tem medo do meu pau, é porque alguém a machucou com um. Isso deve ser o suficiente para me fazer parar.

Toco meu polegar no lábio inferior dela, esfregando suavemente. “Abra para mim.”

Deus a ajude, ela faz. Os lábios dela se separam. Eu empurro meu polegar para dentro. Ela está molhada e quente. Meu pau palpita, querendo entrar. Eu o aperto com a outra mão, acariciando uma vez, duas vezes. Casual o suficiente para me impedir de gozar. Ela espera o que vou fazer a seguir.

“Você é tão aberta. Tão vulnerável. Você sabe disso, não é? Eu poderia fazer qualquer coisa com você agora. Eu poderia foder sua garganta. Bloquear seu ar até desmaiar.”

Um suspiro em sua respiração. “Você quer fazer essas coisas?”

“Você ficaria chocada com as coisas que eu quero fazer com você.” Eu quero me enrolar nos lençóis e conversar até as primeiras horas da manhã. Eu quero me apaixonar. Isso é o que há de errado comigo, minha falha fatal. O desejo insistente de me envolver com outro ser humano.

Eu quero foder sua garganta?

Não, é por isso que eu vou fazer isso.

“Não tenho certeza se posso...”

“Você pode levá-lo”, eu digo, implacável. “Coloque as mãos atrás das costas.”

Ela move as mãos devagar e as aperta. Eu tenho que apertar os dentes para não gozar.

Tal confiança imerecida. Essa é a falha fatal dela. Eu não deveria achar isso tão bonito.

Coloquei a cabeça do meu pau na sua boca. Eu já estou liso com meu gozo e deslizo contra os lábios dela, pintando-os. Nos sentimos em nossos lugares mais sensíveis, aprendendo um terreno íntimo. É preciso um esforço hercúleo para fazer uma pausa e me embainhar em um preservativo. Então eu empurro para dentro. Eu descanso-me na sua língua. Ela se fecha ao meu redor, os olhos arregalados, os movimentos desajeitados. É como se ela nunca tivesse feito isso antes.

É como se ela nunca tivesse feito isso antes.

O pensamento é quase o suficiente para me fazer parar.

Quase.

Ela pode estar acostumada com uma mão na parte de trás da cabeça a guiando. Vou ensiná-la a fazer isso corretamente, para que ela não tenha medo. Sim, senhoras e senhores, indiquem Sutton Mayfair para a santidade. Vou mostrar a uma prostituta como chupar pau.

“Devagar”, eu digo a ela. “Desacelere. Segure a ponta, nada mais.”

Ela se acalma, silencia, segura a ponta na boca. Deus, ela é incrível assim. Eu poderia encará-la por horas, meu próprio Renoir na forma de uma boca no meu pau.

“Assim mesmo. Isso é bom.” Eu acaricio seus cabelos, do jeito que eu domaria um cavalo selvagem. “Você se sente tão bem, molhada e quente. Este é o único lugar que eu quero estar agora.”

Seus olhos são ouro líquido olhando para mim. Lentamente, lentamente, lentamente, ela passa a língua pela crista. Estremeço, e ela vê seu poder. Eu assisto à realização amanhecer nela. Um boquete não é uma forma de adoração. É uma maneira de me deixar de joelhos.

Ela acaricia sua língua em um círculo abrangente, seu olhar nunca deixando o meu. Minhas respostas lhe dão pistas. Meu gemido, a mudança para a frente dos meus quadris. A maneira como passo o cabelo dela entre minhas mãos, procurando ouro. “Sim. Porra sim. Bem aí, coisa doce. Sou seu.”

Incoerente. Sem significado. Estou murmurando coisas suficientes para me expor completamente, mas ela só me chupa, lambe e pica no látex, e ofego minha gratidão.

O clímax constrói em minhas bolas. Ele sobe para a base da minha espinha. "Fique quieta", murmuro. “Deixe-me foder essa boca linda. Eu não vou muito rápido. Eu não vou te machucar. "

A língua dela fica imóvel. A boca dela se abre mais. Ela fortalece seu aperto nas mãos atrás das costas. Um som murmurante ao redor da carne do meu pau. Assentimento.

Eu seguro a cabeça dela com uma mão e meu pau com a outra. O desejo de dirigir mais fundo aperta meus quadris. Meus dentes rangem juntos. Somente força de vontade me mantém lento e uniforme.

“Porra.” Estou com a metade do meu pau na boca dela, já batendo na parte de trás da garganta.

Ela faz um som pequeno e desesperado que não é recusa nem acordo. É um som de plenitude que faz minhas bolas apertarem.

“Um pouco mais fundo”, murmuro, e empurro a carne resistente, me seguro lá por um, dois, três e depois retiro. Ela suspira um hálito fresco ao redor do meu pau liso.

Quando ela se acalma, empurro novamente. Um, dois, três. De novo e de novo, até que os lábios dela estejam inchados e o queixo manchado de saliva. Ela respira apenas quando eu deixo, um profundo beber de ar antes de eu empurrar para aquele lugar confortável mais uma vez.

O clímax chega com um tom quase doloroso, e eu o seguro apenas por teimosia. Eu quero isso para sempre, uma eternidade, este momento de puro sexo egoísta sem a culpa ou recriminação que vem depois. Meu corpo não pode suportar a eternidade. Sua garganta pressiona o orgasmo fora de mim, e eu recebo movimentos bruscos e desiguais, sem nenhum dos cuidados necessários da garganta.

Meus joelhos ainda estão fracos do clímax quando eu a arrasto para o sofá. Que eu seja condenado ao egoísmo e teimosia. Eu preciso provar sua boceta. Precisa fazê-la gozar.

Preciso fazer sexo da maneira que me faz bem, e isso é com o meu rosto entre as coxas dela.

Ela coloca-se em uma luta assustada. “Espera. O que? Eu não...”

“Eu preciso provar você”, eu digo, quase implorando. Não sei o que farei se ela disser não. Eu preciso do doce sal na minha língua. Eu preciso de suas dobras de veludo contra a minha boca.

“Sim”, ela respira, e eu solto um grito de alívio.

Eu abro as pernas dela, pronto para mergulhar - mas paro para olhar para ela, porque não tenho. Como esse sexo é invertido, quando é pago. Sexo primeiro e beijo depois. Um boquete primeiro e olhando mais tarde.

Ela é rosa e pálida, como uma flor quando floresceu pela primeira vez. A ideia de outros homens usando-a, sem nenhuma apreciação do que eles têm, me deixa doente. Mesmo eu sendo um dos aqueles homens.

Eu acaricio a parte interna da coxa dela, e ela dá uma risada sem fôlego.

Em seguida, vem uma mordida suave, um roçar dos meus

dentes, porque às vezes o prazer dói. Ela faz um som de miado que transforma meu pau em aço novamente.

Eu lambo-a da base de seu sexo até seu clitóris, demorando-me no nó liso, girando-o com minha língua, lambendo com força crescente, até que ela estremece e se empurra e goza. No final suas mãos estão emaranhadas nos meus cabelos, para me segurar ainda mais onde ela quer, e eu gemo em aprovação.

A necessidade aumenta em um tom de febre. Eu toco minhas calças em busca de outro preservativo, estremecendo quando deslizo sobre o meu pau ainda liso. Deus, eu ficar dolorido quando isso acabar, e não vou me arrepender de coisa alguma.

Ela ainda está inchada por gozar, e eu pressiono a cabeça do meu pau em sua carne rosa. Ela se contorce e eu murmuro palavras suaves. "Está tudo bem, coisa doce. Você pode me levar."

"Espere", ela suspira. "Espera. Espera."

Faço uma pausa com apenas uma polegada de mim dentro dela, ofegando com a tensão. Eu quero mergulhar por dentro do calor dela. Eu quero transar com ela com força. Em vez disso, sou

mantido cativo neste espaço, ofegante. "O que foi? Eu posso ir mais devagar." Não sei como, mas de alguma forma vou encontrar uma maneira de desacelerar se é isso que ela precisa. "Isso é rápido demais?"

"Não. Continue. Faça." Exceto que a voz dela não parece mais animada. Ela parece tensa. Seu rosto está pressionado de lado no sofá e eu viro seu queixo para poder vê-la nos olhos. Lágrimas brilham. Merda. Eu me arranco dela, ignorando o protesto uivante do meu pau.

"O que diabos está errado?" Jesus. Eu me forço a me acalmar. "O que aconteceu?"

"Nada. Apenas faça."

Ela mantém as pernas afastadas para que eu possa - o que? Mergulhar dentro sem mais preliminares? Porra, ela mesma quem esteja chorando? Meu interior fica frio. Nada na pose dela parece sexy agora.

Parece que alguém está tentando me agradar. Porque é isso que ela está fazendo. Meu pau ainda está duro, ainda espero que estar dentro dela, que estúpido.

Caio de costas ao lado dela no sofá. "Jesus", murmuro.

“Alguém marcou você, não é? Provavelmente vários alguém. Eu vou para o inferno por isso.”

Ela aproxima os joelhos e os abraça. É uma pose protetora, e algo no meu coração racha com a visão. “Eu sinto muito.”

“Não se desculpe.”

“É só que o meu primeiro... meu último... o único cliente que eu tive antes de você... ele não foi gentil comigo. Não como você é. Portanto, não sei por que me apavorei como se fosse o mesmo.”

“Você só teve um cliente antes de mim?”

Ela sussurra olhando para a frente. “Doeu tanto.”

Cristo. Quero perguntar se ela era virgem antes disso ou se já teve um bom sexo. Que mundo de se viver, onde há mulheres sem outras opções. "Eu sou o único a me desculpar."

"Não, o que você fez... isso..." Suas bochechas ficam com o mesmo tom de rosa que sua boceta. "Foi tão bom."

Muito tentador. É tão fodidamente tentador abrir as pernas e mostrar a ela o quão bom pode ser brincar com seu clitóris enquanto eu bombeio em sua vagina. Para transar com ela nua e depois lamber o líquido de sua vagina. Quero fazer muitas coisas

com ela, mas não vou.

Doeu tanto.

Porra.

Capítulo Oito

Sutton

ACORDO com o som de Bowie, meu galo. Ele me lembra que eu preciso checar as malditas galinhas. Felizmente, tenho Whitney que mora na casa de hóspedes ou todos os animais já teriam morrido de fome agora. Incluindo eu. Mesmo assim, tenho me esquivado dos meus deveres. Exatamente como papai costumava fazer. Inferno.

Um movimento fraco do meu lado. Ashleigh continua quieta. "Bom dia", eu digo, forçando uma voz casual.

Ela me lança um olhar cauteloso. "Oi."

Ela acha que vou expulsá-la assim que ela abrir os olhos? Eu a convenci a vir para a minha cama somente depois de jurar que não a tocaria. E eu consegui fazer isso, apesar do estado azul das minhas bolas. "Dormiu bem?"

Ela move cada braço e depois cada perna, verificando se estão todos lá, como se eu pudesse ter comido um membro

vorazmente da noite para o dia. Ela me trata como se eu fosse um monstro, porque foi exatamente isso que eu mostrei a ela.

"Café da manhã?"

A ideia de comida a afrouxa. Um suspiro que quase pode ser chamado de conteúdo. Ela se estica como um gato, longa e decadente, com um pequeno arrepio no final. "Eu amo café da manhã."

"Perfeito. Eu vou fazer migas."

“Migas? Eu estava pensando como um bagel ou algo assim.”

"Migas são melhores que bagels."

Ela parece cética, e eu tenho que rir. “Ovos frescos das minhas galinhas, cebola, alho, jalapeño. Pimenta preta e sal. Tortilhas de milho, queijo cheddar. E meu molho caseira.”

"Você faz seu próprio molho?"

"É fácil e um milhão de vezes melhor do que o da embalagem".

Ela ainda parece incerta. "Acho que nunca tomei um café da manhã picante antes."

“Eu posso fazer mais suave. Mas vamos combinar que se você não gostar, encontraremos bagels para você. "

Um rubor colore suas bochechas. "Quero dizer, é claro que vou comer. E adoro isso. Eu não quis ser exigente. Deus, estou com tanta fome que comia sobre qualquer coisa. Eu como jalapeños como se fossem uvas."

O lembrete de que ela vive com mão à boca me deixa com frio. Uma coisa é usá-la para sexo quando estou chateado e com o coração partido. Outra coisa é ver seu corpo magro demais à luz da manhã. “Existe alguém para quem eu tenha de ligar? Uma irmã? Um amigo? Alguém que pode ajudá-la a se levantar.”

Ela desvia o olhar. Seu perfil parece duro contra a luz pálida. "Não."

"Talvez haja um abrigo. Ou em algum lugar que ajude mulheres que...”

"Não."

"Como você acabou fazendo isso?"

"Não é da sua conta, Sutton. Você não comprou isso de mim. Você comprou meu corpo e meu tempo. Você pagou pela

minha boca, que ama tanto, mas não comprou meus segredos.” Sua agitação enche o ar ao nosso redor, uma energia crepitante que morde minha pele.

Eu acaricio seu braço, sua bochecha, o lado sensível de seu pescoço. "Ei", eu sussurro. "Você está segura comigo."

Ela encontra meus olhos e parece assombrada - é um olhar que esculpe minha alma. Um de dor e desespero. Um que eu faria qualquer coisa naquele momento para apagar. "Estou?"

"Sim. Haverá migas e bagels, por que diabos devemos escolher? E depois…"

"E depois?" ela pergunta, resignada, já sabendo a resposta.

E então ela volta para a rua, para outro homem fodê-la. Deus. Não suporto a ideia. Não me importo se isso me deixa hipócrita e ciumento. Não consigo lidar com a ideia de alguém tocá-la. E eu definitivamente não suporto a ideia de ela estar com fome. “Escute, eu realmente preciso de uma acompanhante para este casamento. Não quero me sentar sozinho e lidar com a piedade de todos.”

Ela levanta uma sobrancelha. “Então você quer que eu...? Deus, não.”

“Por que não? Você gosta de passar tempo comigo. Você sabe que eu posso fazer você se divertir.”

“Porque sou uma prostituta. Por que eu tenho que soletrar isso?”

“Ninguém lá saberá. Mesmo se houvesse chance de eles terem te visto na rua, eles não juntarão as peças. As pessoas veem o que querem ver.”

“E se eu quiser que eles saibam?”

“Então diga a eles. Por que diabos eu me importaria? Faça o que você quiser. Apenas venha comigo.” Não sei por que é tão importante para mim que ela venha. Para que eu possa lhe dar mais dinheiro? Sim. Para que ela fique segura por mais uma noite? Sim. Há algo mais, uma sensação inefável de que eu estaria perdido sem ela.

“Eu não quero que eles saibam”, diz ela em um suspiro. “Mas eu não tenho um vestido.”

“Então vamos às compras.” Olho para o despertador. “Temos tempo suficiente para fazer as migas, invadir a Nordstrom e aparecer a tempo do casamento.”

“Eu não sei...”

Ela quer ir. Eu posso dizer isso. E de repente estou imerso no desejo de vê-la em algo caro, confortável e luxuoso e sexy - exatamente o oposto da sua roupa barata de cetim e minissaia preta que estão em algum lugar no chão da sala de estar.

Eu provavelmente poderia convencê-la usando apenas meu charme. Talvez diga a ela que está começando a significar algo para mim, mesmo depois de apenas uma noite. Exceto que isso mudaria os termos. Isso deve ser sobre dinheiro.

“Dois mil dólares”, digo suavemente.

Ela não encontra meus olhos dessa vez. “Vendido.”

Capítulo Nove

Ashleigh

Ele me leva a uma boutique chamada Steph's in the Heights, em uma parte elegante da cidade. Não há prateleiras de roupas. Apenas um grupo de mulheres lindas, sorridentes, pensativas e astutas. Demoro um minuto para entender que elas são manequins mostrando as roupas em várias poses. Uma mulher de preto nos leva até a parte de trás.

“Olá, meu amor”, diz uma mulher, dando um beijo em Sutton nas duas bochechas. “Diga-me que você está indo bem e que esqueceu tudo sobre aquela traidora.”

“Olá, Steph. Ouvi dizer que a traidora deixou cair uma pequena fortuna aqui na semana passada.”

Um suspiro. “Sim, mas eu nem disse a ela aquele macacão marinho parecia vulgar.”

Ele sorri. “É porque você se importa comigo?”

“Sim, cowboy tolo. Agora me diga o que você me trouxe.”

“Esta é Ashleigh. Ela precisa de um vestido.”

“Ela precisa de uma repaginada e um donut. Olha que magra. Não morra de fome pelos homens”, ela me diz. “Nunca vale a pena.”

“Haverá tempo para rosquinhas mais tarde. Estamos com pressa.”

Ela se engasga. “O casamento. É hoje.”

“Isso mesmo.”

“Você não me dá tempo. Nenhum. O que você é, tamanho dois?” Suas frases correm juntas, não me dando espaço para responder. “Deixa pra lá. Vou começar a trazer os vestidos. Não podemos perder um único momento, não com homens que esperam até o último minuto.”

Eu estou em uma pequena plataforma enquanto Sutton descansa em um sofá. Vestidos são colocados embaixo do meu queixo enquanto Steph faz pronunciamentos. *Essa cor parece vômito. Aqui, este, é como se tivesse sido feito para ela. Não, eu desprezo isso. Jogue fora. Por que temos esse vestido?*

“Perfeito”, ela exclama sobre um vestido em particular com

tecido drapeado azul claro. “Agora, tire essas roupas terríveis para que possamos experimentar este.”

Ela não se move ao meu lado. Parece não haver vestiários, apenas paredes cobertas com sancas grossas. "Onde eu devo me trocar?"

"Bem aqui", diz ela, exasperada. "Vamos. Se dispa. Não há necessidade de ser modesta com Steph. Ou com Sutton. Sutton aprecia o corpo de uma mulher, não é?”

"Ele aprecia", diz Sutton do sofá, sua voz sardônica.

"Ah, mas eu não..." O constrangimento aquece minhas bochechas. Eu estou de pé em um pedestal. É isso que as pessoas ricas fazem, despir-se em pedestais? Deus. E pior ainda, não estou usando sutiã ou calcinha. Eu luto pelas palavras. "Eu não tenho nenhum - aqui embaixo, não - eu ficaria nua."

Nenhum deles parece particularmente chocado com a minha confissão. Sutton não está chocado porque ele me despiu ontem à noite. Ele fez mais do que me despir. Ele levantou minha saia no sofá e lambeu entre as minhas pernas. Pelo olhar quente em seus brilhantes olhos azuis, ele se lembra da mesma coisa.

"Assim é melhor", diz Steph. "Vamos precisar de um sutiã

sem alças para este vestido. E nós vamos encontrar umas calcinhas de seda. Meias e ligas. Todo o conjunto será novo."

Todo o conjunto será novo. Quão fácil isso parece. Que sedutor. Eu me pergunto se também me sentiria nova.

"Não", eu digo rapidamente. "Isso é muito dinheiro. Nós só precisamos de um vestido para o casamento."

Sutton cede. "Deixe-a usar um vestiário, se isso a ajudar se sentir melhor."

A expressão no rosto de Steph é intransigente. É impossível dizer quantos anos ela tem. Ela tem um ar imponente e roupas sofisticadas - um vestido curto com mangas altas, quase militares. Mas o rosto dela é sem rugas e suavemente bonito. O olhar dela não sai do meu. "Este casamento", ela me diz suavemente. "Todo mundo olhará para Sutton. Todo mundo olhará para quem ele levar. Você não quer ter a melhor aparência possível?"

Porque eles vão julgá-lo. Eu posso ser apenas uma prostituta, mas ele está certo. Eles não precisam saber disso. Eu posso parecer bonita e rica - como eles. "Ok", eu digo, alcançando a barra do meu top.

O tecido cai no chão, e então eu estou de topless na frente de Sutton e de uma estranha. Meus mamilos ficam apertados sob seus olhares, aquecidos, avaliativos. Em seguida, abro minha minissaia preta. Eu também pulo dos meus calcanhares. Com a parte externa do pé, empurro a coisa toda para fora do pedestal.

Então sou só eu parada ali, completamente nua - com medo e vergonha e divertida. Essas roupas são a única coisa que me marca como moradora de rua. Sem elas eu poderia ser qualquer uma. Eu poderia ser alguém que nunca teve mãos cruéis nela. Alguém que pertence ao lado de Sutton.

Steph levanta o vestido azul claro e ele cai no meu corpo. Assim que toca minhas coxas, ela diz: “Não, definitivamente. Tudo errado. O azul combina com os olhos de Sutton, e essa é a única desculpa que posso dar. Eu me distraí com eles.” Ela olha para mim, astuta. "Os olhos dele não estão te distraindo?"

"Sim", eu admito, porque estou olhando para eles agora.

Ele está assistindo meu corpo com posse preguiçosa, relaxada no sofá. É o tipo de relaxamento que um animal selvagem teria enrolado em raro repouso. Seu olhar mostra todo o calor e intenção sensual.

Steph segura outro vestido no meu corpo nu. "Não, não, não."

E então eu sou revelada novamente. É uma cobertura e revelação sem fim, roupa e roupa sem fim. Toda vez Sutton fica mais quente, até que não parece possível que ele se sinta mais excitado. Deve ser contagioso porque minha própria pele começa a sentir calor e coceira.

"Este é o perfeito", diz Steph quando ela segura uma coisa furtiva e dourada.

É a mesma coisa que ela diz sobre todos que eu já experimentei. Apesar do brilho, o tecido é macio contra a minha pele aquecida. É como uma carícia. Em vez de gritar não, não, Steph me vira gentilmente para me afastar de Sutton - até que eu estou olhando para um grande conjunto de espelhos.

O reflexo tira o meu fôlego. O vestido dourado cai perfeitamente no meu corpo, destacando as curvas de uma maneira que parece perfeita. Meu cabelo está despenteado de tantos vestidos passando por cima dele. O dourado realça fios de champanhe naturais. Eu pareço outra pessoa. Uma espécie diferente da garota assustada e faminta que mora em uma fábrica de açúcar. Eu não pareço nada comigo.

"Eu amei", eu respiro.

O triunfo faz Steph parecer um general que venceu uma guerra.

No espelho, a expressão de Sutton está presa - como se eu o pegasse de surpresa. "Sim", ele murmura, quase para si mesmo. “Ela parece incrível. Jesus. Ninguém a reconhecerá assim.”

Meu coração afunda, porque é claro que não. E é claro que ele se preocupava com isso.

Capítulo Dez

Sutton

ST. MARTINS é a igreja mais antiga de Tanglewood. Passou por uma infestação de insetos, uma inundação e um incêndio - todas as ameaças bíblicas. E aqui está a glória moderna e de tijolos feitos à mão. A luz brilha em todos os tons através dos vitrais. Jesus arrasta sua própria cruz em uma delas. Ele ressuscita dos mortos em outro.

Eu não esperava que Harper se casasse em uma igreja. É um pouco tradicional para ela. Ela poderia ter se casado em um recife de corais em extinção ou em gravidade zero em um avião espacial particular. Talvez ela pudesse ter pintado a igreja do nada. Ela evita tudo o que é comum. Ou pelo menos parecia assim. Talvez eu não a conhecesse tão bem quanto pensava. Hugo está em uma multidão de damas de honra com seu charme habitual, fazendo as mulheres corarem. Ele até desarma os homens com aquele sorriso, aquele que o convida a compartilhar um segredo indefinido, parecendo afável do velho mundo em um smoking personalizado, seu cabelo preto em uma desordem ardilosa.

Temos isso em comum, a capacidade de fazer amigos em qualquer lugar. A capacidade de encantar o nosso caminho através de todas as mulheres e a maioria dos homens. Enquanto nada disso não significa nada, não se sente nada.

O alívio em seus olhos escuros, isso é real o suficiente. "Pensei que você não viria."

"Eu disse que viria."

Ele dá uma risada suave, desviando o olhar. "Você saiu cedo ontem à noite."

Luxúria. Raiva. Eles se fundiram em algo feio na noite passada, algo que quase fez de uma jovem mulher o alvo da minha vingança. Eu poderia ter me transformado em meu pai. Talvez eu tenha. “Eu fiz uma aparição. O mesmo que estou fazendo agora."

Ele olha para o meu smoking. "Suponho que você tenha visitado a senhora Cheung."

Alguém deve alertar a mídia. A próxima mania da dieta - alcoolismo, graças à pesquisa de Sutton Mayfair. Seis semanas de compulsão arrancaram cada centímetro de espaço livre, deixando meu corpo magro e duro. "Ela não gostou de eu

aparecer sem um compromisso."

"Tenho certeza de que ela não gostou", diz Hugo, sua voz suave.

Foi ele quem descobriu a sra. Cheung quando estávamos sem dinheiro e tentando não parecer assim. A alfaiataria era entre uma casa de bolinhos e um cinema chinês, a escondidas por bambu retorcidas, que podem cresceram selvagens.

Agora podemos comprar designers italianos e ternos sob medida, mas gostamos de lembrar de onde viemos.

“Ela me cobrou uma quantia ridícula. E tentou me marcar um encontro com a sobrinha. Ela também me deu um sermão bem colorido em cantonês, enquanto ela me vestia e arrumava meu smoking ontem. Um pequeno preço a pagar para parecer apresentável hoje.”

Esse é o ponto, fingir que nada está errado. Ajudar o casal feliz a se casar sem saber que me despedaçou.

“A sobrinha dela pode fazer melhor. Você disse a ela que está a um passo da insuficiência hepática?”

"Agora, isso é uma maldita mentira suja. Meu pai bebeu por

quarenta anos e seu fígado estava bem. Foi a árvore que entrou na frente sua caminhonete que o fez bater.”

“Seu pai era um bêbado e um bastardo. Ele deveria ter sido abatido como um animal raivoso.”

"Engraçado. Christopher disse a mesma coisa uma vez.”

“Bem, Christopher também é meu amigo. Mesmo que eu esteja com muita raiva dele."

"Porque ele tinha a porra da audácia de se apaixonar?"

"*Non*. Ele já era apaixonado por ela há muitos anos. Ele só decidiu fazer alguma coisa quando você manifestou interesse nela. É por isso que estou bravo com ele. "

"Não fique", eu digo, minha voz plana. "Convidei-a para sair primeiro para obter uma reação dele."

"Então vocês dois são idiotas."

"Sim. Só que ele é melhor nisso. Mas você sabe o que? Mesmo sabendo disso, eu não mudaria nada."

"Você não mudaria?"

"Bem, eu deveria ter começado a beber mais cedo. Essa é a

coisa importante, reconhecer onde errei. E compensar o tempo perdido."

Christopher Bardot e eu éramos parceiros de negócios no início.

Nós nos tornamos amigos e inimigos. Em uma noite, com a mulher que amávamos entre nós, quase nos tornamos amantes. Ele vai se casar com essa mulher, e eu tenho que sorrir e rir e fingir que meu estômago não está rasgado em pedaços.

Algo muda no ar. Sinto a mudança ecoar dentro de mim. Eu viro.

Ashleigh está ali, usando aquele vestido de ouro pálido, balançando em louboutins de cor creme, parecendo um cordeiro perdido. Se houvesse misericórdia neste mundo, algum padre viria para protegê-la de pecadores como eu. Talvez eles a trancassem em um convento onde ninguém poderia tocá-la, ninguém poderia machucá-la.

Não há piedade neste mundo.

Existem apenas lobos como eu, e adoramos separar os cordeiros. "Apresente-me a sua amiga", Hugo murmura enquanto ela se aproxima.

"Não seja idiota", eu digo, mas é tarde demais. Claro que ele vai ser um idiota. O tipo muito específico de Hugo Belmont que encanta a calcinha das mulheres.

"*Magnifique*", diz ele, suas mãos flutuando ao redor dela como asas de borboleta. "Você parece um anjo parado aqui embaixo do vitral."

Suas bochechas ficam rosadas. "Obrigada."

“Este é Hugo. Meu amigo." Embora a palavra amigo pareça exagerada quando ele sorri para ela e ela sorri de volta. Considero mergulhá-lo na piscina batismal. Eu quero todos os seus sorrisos. O que é estranho. Eu nunca tive ciúmes das minhas amantes. Mesmo com Harper e Christopher, eu os queria juntos. Só que eu queria estar com eles.

Hugo beija a mão dela com cavalheirismo descomunal, como se estivessem na corte real no século XVIII. "E qual é seu nome? Sutton tem mantido você escondida, suponho.”

"Não nos conhecemos há muito tempo. Eu sou Ashleigh. "

Isso me rende um olhar significativo de Hugo. Apenas o primeiro nome. Ashleigh. Apenas um pequeno passo em relação *ao qual nome você deseja que seja*? "Vou deixá-la com você", digo,

com um aviso na minha voz. “Durante a cerimônia. Não a assuste.”

"Eu?" Hugo lança um olhar ferido. "Eu acho que você é o mais assustador entre nós."

Uma risada musical que pertence a Ashleigh. Parece jovem e inocente. E percebo que nunca a fiz rir. Apenas Hugo fez isso. Ciúme queima minha garganta.

Blue aparece na porta da frente. Ele está vestindo um smoking e um fone de ouvido discreto, o que significa que ele está trabalhando no casamento. Ele é dono de uma empresa de segurança em Tanglewood. Nós somos bons amigos. Mais do que isso, somos irmãos. Meu querido e velho pai gerou um punhado de bastardos. A maioria deles teve que crescer com as mães - ou, no caso de Blue, com um pai ressentido que sabia que ele havia sido traído.

Há simpatia em seus olhos azuis pálidos. "Nós precisamos da sua ajuda." Talvez Christopher tenha pés frios, afinal. "Onde ele está?"

"Ele não. A noiva. Harper está pedindo por você.”

Meu coração fica mais lento em silêncio por uma batida

incrédula. Seguido por um pulso rápido de rat-tat-tat. Ela está me chamando, quando escolheu outro homem. Eu deveria dizer que não. Eu deveria dizer a ela para ir para o inferno. *Harper está chamando por você*. "Esse não é o trabalho de Avery?"

Ela é a dama de honra. Há também algumas damas de honra que podem ajudar, certamente. Eu nem deveria ser um convidado neste casamento, mas de alguma forma eu sou o padrinho. Agora isso.

Blue dá uma tosse leve. "Ela se trancou na torre da igreja. Sozinha. Ela diz que a única pessoa com quem ela quer conversar é você. Claro que podemos quebrar a fechadura, mas..."

"Cristo. Eu irei."

Um toque leve no meu braço me para. Ashleigh parece incerta e dolorosamente corajosa à luz de joias do vitral. "Devo ir com você?"

Alívio sussurra através de mim. Vou mergulhar na água fria e negra, e aqui está linda corda para manter, esperando que eu encontre o caminho de volta. Ela não sabe o que faz comigo com sua coragem frágil e pele pálida. Eu posso ver as veias na

cavidade do seu pescoço. Eu posso ver a sua pulsação. Eu quero engoli-la inteira. “Não. Você espera aqui.”

Seus lábios cor de pêssego revelam suas intenções antes que ela fale, e eu aprendo outra coisa, essa garota é teimosa. Isso é ainda mais atraente do que a bravura dela. "Não tem problema. Além disso, você pode precisar de ajuda.”

A realização me bate como um trem de carga. Duzentos mil libras na velocidade do som. Ela está tentando me proteger. Desabrigados e agredidos. Ela está tentando me proteger.

Me sinto humilhado na sua frente. Destruído. Claro, eu consigo dizer sem me engasgar com a palavra. Claro, vou ver a mulher que amo. Claro, eu estou trazendo a mulher que eu fodi a garganta ontem à noite. Tudo está de cabeça para baixo e quebrado, mas com certeza. “Vem comigo então.”

Blue nos leva a uma escada em espiral estreita escondida no canto noroeste. O trilho de metal geme quando subo os degraus. Não quer aguentar meu peso. Em contraste, é quase silencioso quando Ashleigh segue atrás. Ela é leve como uma maldita borboleta.

Quando chego ao topo da escada, encontro a porta aberta.

Pela fenda da porta, vejo uma mulher em um vestido branco e fofo. Ela está de costas para mim, com os pés pendurados na borda do que deve ser a torre do sino. Estou meio surpreso que ela não tenha deslizado como um bombeiro pela corda até a congregação. Ela poderia tocar uma versão ampliada da marcha do casamento. Tudo neste casamento grita tradicional, o que não é Harper - não é? Ou talvez eu realmente não a conhecesse. Talvez eu nunca tenha andado pela casa metafórica dela, tocando as estátuas e os livros.

Harper não se move quando entro no pequeno espaço. Estamos sozinhos aqui. Eu olho para trás. Ashleigh para no limiar, apoiando-se no batente da porta - relutante em se intrometer ou querendo nos dar privacidade. “Ei, murmuro, enfiando as mãos nos bolsos.”

Ela não olha para mim, mas eu posso ver seus belos lábios se contorcerem em alguma emoção inominável - arrependimento? Raiva? Culpa? “Estou surpresa que você veio. Eu pensei que você não viria.”

“Existe uma regra sobre noivas. Você não pode dizer não a elas no dia do casamento.” Seus olhos castanhos são lindos. Misteriosos. “Então eu deveria pedir a lua?”

Parte de mim sabe que ela está me provocando. A outra parte está pronta para ser instigada. “Eu te dei a lua, Harper. Você não queria. Não de mim, pelo menos.”

Uma triste torção de seus lábios. “Você me odeia.” Três palavras e estou desfeito.

“Claro que não te odeio.”

Então, qual é a sua desculpa para foder Ashleigh daquela maneira? Uma voz sombria na minha cabeça soa como meu pai. Odiar Harper não teria sido uma desculpa, mas deveria ter sido alguma coisa. Não tenho motivos para usá-la assim, não tenho como me redimir.

Eu gentilmente afasto as rendas do véu de casamento para poder me sentar no banco feito à mão. “E mesmo se eu odiasse, isso diria mais sobre mim do que você. Você tem permissão para amar outra pessoa. Você tem permissão para escolher outra pessoa. Você merece ser feliz, Harper.”

Um entalhe se forma entre seus olhos. “Eu poderia ter sido feliz com você?

“Não.” Uma nota de surpresa colorindo minha voz.

Não é a constatação de que ela não seria feliz comigo que é uma surpresa. É a constatação de que eu não poderia ter sido feliz com ela. Harper é linda, glamourosa e complexa. Tudo o que eu pensava que queria em uma mulher. Mas ela não me conhecia. Ela nunca passou os dedos sobre a crina de metal de um cavalo. Ela nunca se esforçou o suficiente para tremer na minha cama.

Essa é a mulher esperando na escada.

Olho para trás e a encontro encostada no parapeito, um olhar de simpatia em seus olhos castanhos líquidos. Deus, ela está com pena de mim. Eu comi sua boca crua, e ela está lá se sentindo mal, porque eu amo outra mulher. Eu realmente sou um bastardo.

“Por que você queria me ver?” Eu pergunto, sem quebrar o contato visual com Ashleigh.

Harper dá uma gargalhada. “Acho que não queria começar meu casamento com algo mal resolvido. Foi o que eu disse a mim mesma. Mas talvez eu pensasse que você estaria... conosco. Nós não somos bons juntos, todos os três? Fiquei surpresa quando você não se juntou a nós ontem à noite.”

Os olhos de Ashleigh se arregalam em choque. *Nós não somos bons juntos, todos os três?* Sim está certo. Eu fodi uma mulher. Eu fodi um homem. Uma grande parte de mim quer fazê-lo novamente. Para todo o sempre, amém. Exceto que eu não seria a pessoa em pé na frente do altar. Seriam Christopher e Harper, o casal de verdade. E eu, o segredinho sujo da cama deles.

Harper se vira e fica parada. “Você... trouxe um encontro.”

Ela não quer dizer que eu trouxe um encontro para o casamento. Eu trouxe meu encontro para a torre. Eu trouxe essa mulher, seja escudo, conforto ou ambos, ao encarar a mulher que perdi. “Sim.”

“Ela é muito bonita.” As palavras parecem avaliativas. “Não é à toa que você não quis jogar ontem à noite. Por que você não a trouxe com você? Nós poderíamos ter compartilhado.”

“Foda-se, não.” A resposta rasga através de mim, primal e violenta. Ninguém toca em Ashleigh, nem mesmo Christopher. Nem mesmo Harper. “Seja legal.”

Isso me rende um pequeno sorriso. “Pensei que você tivesse que dizer sim à noiva no dia do casamento. E se eu quiser

um beijinho? Seria um belo presente para Christopher."

"Não."

Sua expressão se torna especulativa. "Há quanto tempo vocês estão juntos?"

"Algumas semanas", diz Ashleigh, o que é uma mentira. Ela está dizendo isso para me poupar, então não preciso explicar que a peguei na rua dezesseis horas atrás. Ou talvez ela esteja dizendo para se poupar. De qualquer maneira, ela parece convincente. "Foi amor à primeira vista."

Harper pisca, surpresa por um momento. Então ela me olha - procurando, procurando. Para quê? O que quer que ela encontre a faz sorrir, desequilibrada e impenitente. "Eu tenho um casamento para ir, pessoal. O que estamos esperando?"

Ela pula para cima, quase tropeçando em seu vestido branco espumoso. Inclino-me para arrancar a renda de uma embreagem lascada. Ao sair da torre, ela me lança um olhar astuto. Então ela se inclina a sussurra algo para Ashleigh. Um segundo depois, ela está descendo as escadas frágeis.

Franzo a testa para Ashleigh. "O que ela disse para você?"

“Nada.”

“Ashleigh...”

Ela aperta os dedos dos pés e me dá um beijo na minha bochecha, o toque quente de seus lábios insuportavelmente macios. Parece impulsivo e carinhoso. Carinhoso, quando só deveria haver sexo imundo entre nós. “Não se preocupe”, diz ela, com a boca a uma polegada da minha. “Eu não estou indo a lugar nenhum. Pois tenho promessas a cumprir.”

“E milhas a percorrer antes de dormir”, digo, recitando o poema.

“E milhas a percorrer antes de dormir.”

É quando percebo que estou segurando o pulso dela. Somente força de vontade intensa me força a soltá-la, dedo por dedo. Então ela está pulando escada abaixo. Eu a sigo, confuso e faminto, me perguntando por que estou mais focado em deixar Ashleigh nua de novo do que a mulher que amo andando pelo corredor. Ela é como uma substância viciante. Quanto mais eu a tenho, mais eu a quero. Quanto mais eu preciso dela.

Capítulo Onze

Ashleigh

Sutton me leva de volta para seu amigo Hugo, o homem charmoso que agora está segurando uma criança pequena. Uma mulher de pele pálida e cabelos ruivos selvagens se inclina contra ele. Ela parece uma fada com um sátiro sombrio. "Hugo me disse que tínhamos uma convidada", ela diz para mim, sorrindo.

Meu estômago aperta. O que ela pensaria de mim se soubesse a verdade? Há tantas pessoas aqui, parece que pelo menos alguém pode me reconhecer. Eu provavelmente deveria ser atingida por um raio por entrar em uma igreja, exceto que parei de acreditar em Deus há muito tempo. Meu pai era um homem religioso. Ele doou dinheiro. O padre era seu chamava amigo íntimo. Parou de se sentir uma traição quando aceitei que tudo era fingido, tão real quanto fadas.

Oi, eu digo, me sentindo tímida. "Eu sou Ashleigh.”

“Beatrix. Você pode me chamar de Bea.” A criança se contorce e ela leva a menina com um som suave de cacarejar. “Querida. Você não vai relaxar? Dentição”, ela me confidencia. Sua maneira amigável facilita para me acalmar. Ninguém vai me reconhecer.

“Eu sinto muito. Posso fazer algo para ajudar?” Exceto que Hugo já pegou um brinquedo meio congelado de seu paletó, e a criança agarra-o avidamente. Ela chupa o plástico azul com uma expressão de intenso alívio. “Honestamente, eu preciso de um desses."

Bea ri. “Acho que vamos nos dar bem.” Ela olha para Sutton. “Você pode ir.”

Uma rainha não poderia ter dispensado alguém melhor. Ainda assim, Sutton não sai imediatamente. Ele se vira para mim, um entalhe entre as sobrancelhas douradas. "Você tem certeza de que ficará bem?”

Ele é lindo. É como olhar para alguma estátua romana antiga feita de carne e osso. O fato de ele também ser gentil e inteligente... como Harper deixou ele ir? O destino sempre gostou de pregar peças. “O que você fará se eu disser não?" Eu murmuro. "Fazer com que eu esteja ao seu lado no altar?”

Um sorriso lento. “Talvez sim. Você não acha que o padre se importaria, não é?”

“De jeito nenhum”, eu digo, me sentindo sem fôlego. "Tenho certeza de que ele também me deixará tomar a comunhão.”

“Então você foi criada como católica”, ele murmura para si mesmo, e eu percebo que deixei algo escapar das minhas defesas. Enquanto conversávamos - ou seria flerte? - ele viu através de mim.

“Claro”, eu digo com indiferença forçada. “Todas as boas meninas católicas são sacanas. Estamos nos rebelando contra a autoridade e tudo mais.”

Ele faz uma careta. “Você não é sacana.”

Eu me afasto, envergonhada e balbuciando. “Eu não sou? Não importa. Você já não deveria estar com Christopher? A cerimônia começará sem você.”

“Ei.” Quando eu não calo, ele levanta meu queixo, então eu estou de frente para ele. Olhos azuis tempestuosos me estudam. Parece que ele pode ver através dos meus segredos, além da minha religião e profissão, dentro do meu coração partido. Deus, que ironia. Isso é o que Harper sussurrou para mim. *Não quebre*

seu coração novamente. Novamente, porque ela sabe o que ela e Christopher fizeram com ele. Eu não tenho esse tipo de poder, mas acho que ele pode partir meu coração.

Ele se inclina e escova seus lábios nos meus - uma, duas vezes. Uma terceira vez, que envia faíscas de prazer latente através dos meus membros. Ele vai se afastar; sinto a intenção em seu domínio. Não estou pronta para libertá-lo. Eu pressiono minha boca totalmente contra a dele. É um beijo desajeitado e infantil, mas estou dando livremente. Ele para, como se eu fosse um animal selvagem. Sim, eu sou. Uma corça. Por que eles são tão indefesos? Tudo o que podemos fazer é correr. Ficamos juntos em quietude antinatural, conectados apenas pelo beijo. Sua respiração escova minha pele. Quando dou um passo para trás, me sinto atordoada. A mão dele me firma.

"Cuide dela", ele murmura para Hugo. Ele sai sem olhar para trás.

Lentamente, percebo o que me rodeia - a grande piscina batismal com água lambendo suavemente, a profusão de lírios azuis em arranjos artísticos elaborados. Minhas bochechas esquentam de vergonha por terem visto nosso beijo.

As sobrancelhas de Bea estão levantadas, e mesmo que ela

tente agir de maneira casual, posso ver um leve rubor sob suas sardas. "Bem", diz ela, rápida e profissional. "Vamos encontrar nossos assentos?"

Eu murmuro algo incoerente, e Hugo suaviza o momento com esse charme dele. “Duas lindas damas. É o que eu costumo ter. Agora, três.” Ele leva a criança com um beijo rápido na testa dela. "Eu sou um homem de muita sorte. Venha, mostre o caminho.”

Beatrix pega meu braço e seguimos pelo corredor movimentado para encontrar lugares vazios. Um dos organizadores acena para a frente. Quando nos movemos de lado para nossos lugares, vejo alguém olhar para mim e para longe. Outra pessoa sussurra atrás da mão. Por um momento eu gelo e acho que há realmente uma carta escarlate presa no meu vestido, como se eles soubessem. Isso é impossível. Não sou eu quem eles estão cochichando. A realização me deixa ainda mais fria. É Sutton. Eles estão sussurrando e se perguntando sobre mim porque eu vim com Sutton.

Eu levanto o queixo, fazendo o que posso para parecer mundana e bem satisfeita.

"Isso é bom", Bea murmura. “Deixe-os pensar. Eles são

abutres, todos eles."

A madeira do banco é lisa, o programa amassado na minha mão. Essa coisa toda é muito familiar. Poderia ser o papai sentado ao meu lado. Bile sobe na minha garganta. Eu forço de volta. A última coisa que preciso é vomitar por todo o povo na nossa frente. Eles estão vestindo Yves Saint Laurent e Versace, pelo amor de Deus. "Não parece certo que Sutton seja o padrinho".

"Ele é realmente o único amigo dele. Ah, tem Hugo e Blue, mas eles são realmente mais amigos de Sutton do que de Christopher. É o que acontece quando você coloca a ambição antes de tudo."

"Parece que não o machucou. Olhe para este lugar. Está cheio de gente rica e bonita. Eles podem não ser amigos íntimos, mas estão aqui."

"Eles estão aqui principalmente pelo drama."

"O que eles acham que vai acontecer? Sutton não vai atrapalhar o dia do casamento de Harper."

Bea dá um sorriso fraco. "Eu sei disso. E você sabe disso. Eles não."

Não sou tão tola ao ponto de pensar que Sutton é um santo. Ainda me lembro da sensação de seu pau na minha boca, suas mãos na minha cabeça, me guiando, me ensinando. A lembrança de sua boca entre minhas pernas me faz corar. Ele me fez gozar de novo e de novo.

Ele tem suas falhas, mas ele merece mais do que ser o espetáculo lateral.

Os cabelos do meu pescoço formigam, e eu olho para cima. Sutton está me observando, aquele oceano insondável turbulento em meio a tantos bancos. Sua beleza dourada parece impressionante e ensolarada, especialmente em contraste com o homem ao qual ele está ao lado. Christopher Bardot, o desenvolvedor que está transformando edifícios em ruínas em hotéis de luxo, condomínios e varejo. Ele é bem conhecido, até no lixo da rua como eu. Um dia desses, minha fábrica de açúcar provavelmente se transformará em uma loja Louis Vuitton. Ele parece um deus sombrio, todo de cabelo preto e cortes para sobrancelhas. Seu smoking é imaculado. Seda e lã não ousariam estar desalinhadas com este homem. *Nós não somos bons juntos, todos os três?*

Imaginar Sutton com Christopher aquece minhas

bochechas. Nunca senti nada ao imaginar Ky com um de seus clientes - nem mesmo com seu cliente especial. É apenas Sutton que dá vida à fantasia. É impossível ele fazer qualquer coisa pela metade. Ele é um homem tão físico, plenamente sensível, que é o que torna o desgosto tão real.

E ele é tão malditamente forte, tão seguro de sua masculinidade, que não daria a mínima para o que alguém pensa. Ele, Harper e Christopher. Por que ele os recusou? Por que ele os deixou e me trouxe para casa? Não há como eu o ter satisfeito como eles teriam. A incerteza faz um nó no meu estômago. *Não quebre seu coração novamente.*

Não. Não, não eu não poderia. O que ele quer de mim, já é dele.

Até eu ir embora. Porque essa parte é inevitável. Assim como o Sr. Monopólio, ele me leva de volta para o lado oeste e me deixa. Ky vai me fazer macarrão instantâneo, do jeito que eu faço por ele.

"Você sabe", Bea murmura ao meu lado. "Sou amiga de Harper."

"Oh." Rapidamente, repito tudo o que disse sobre ela. Eu a

fiz parecer horrível? Na verdade, não acho que ela seja horrível, mas ninguém pode negar a dor que Sutton sentiu.

Bea ri. "Eu não a culpo por seguir seu coração. Mas eu também não culpo você por ser protetora de Sutton. Alguém precisa ser."

O que isso significa? "Pensei que você tivesse dito que ele tinha muitos amigos."

"Bem, ele tem. Mas ele apenas permite que eles cheguem tão perto. É sempre sorrisos e diversão e charme fácil. Ele mantém as coisas duras trancadas dentro dele."

As coisas difíceis? Isso não estava no fundo ontem à noite. Estava pairando sob a superfície de sua pele. Era controle, força e sexo. Dou uma tosse nervosa. Porque isso não vai durar. "Não quero lhe dar uma impressão errada sobre mim. Nós não estamos... sério."

"Não? Aquele beijo que ele te deu parecia bem sério."

"É o que eu quero dizer. É tudo o que existe entre nós. As... coisas físicas."

É a vez dela de corar. "Às vezes começa assim. Foi assim

comigo e Hugo. Mas quando você deixa alguém entrar, quero dizer realmente deixa alguém entrar, nunca pode ser puramente físico."

Puramente físico. É assim que eu descreveria o que aconteceu entre nós? Não. Parecia profundo. Intenso. Não tenho certeza se isso muda alguma coisa. "Vai acabar logo."

"Tudo bem", diz ela, parecendo não convencida. "Porque ele não tirou os olhos de você." A música do casamento toca suas cordas de abertura familiares, e todo mundo fica de pé. Também me levanto, mas não me viro para encarar o fundo da sala. Sutton está olhando para mim e eu estou olhando de volta. Nós dois somos pegos neste momento, mesmo quando uma história diferente acontece no corredor. Uma noiva e um noivo. Votos sagrados. Essas coisas não têm nada a ver com o gelo ardente no olhar de Sutton. Ele faz mil promessas carnais para mim enquanto as pessoas que ele ama estão diante de Deus. Sim, Sim, Sim. Essa é a minha resposta de volta. Porque eu não quero que ele se machuque. Pelo menos essa é a história que digo a mim mesma. A verdade é muito mais perturbadora. A verdade é que eu quero me machucar.

Capítulo Doze

Sutton

Estou muito ocupado assistindo Ashleigh lembrar o que fizemos na noite passada e corar ao invés de me preocupar com o casal que está se casando na minha frente. Até eu ter que entregar o anel de quinze mil dólares para Christopher do bolso do paletó. Até que eles se beijem.

A química é suficiente para me chamuscar, de pé a poucos metros de distância. Eu tenho que assistir enquanto Christopher segura seu lindo rosto. Eu tenho que assistir enquanto os olhos de Harper ficam úmidos. Ele abaixa a cabeça e tenho inveja dela. Ela coloca a mão em volta do pescoço dele, e eu fico com ciúmes. Isso me rasga por dentro, com mil lâminas diferentes. Estou com ciúmes do maldito ar entre eles. Amar uma pessoa já é ruim o suficiente. Amar dois é puro inferno.

Amar a três seria o suficiente para me quebrar. Não posso me deixar cair de novo. Essa é a única coisa que tenho certeza enquanto assisto Christopher dobrar Harper de volta para um

beijo mais profundo e apaixonado.

A plateia se levanta e bate palmas, um tumulto de alegria. Eu sinto-me entorpecido.

Há um buraco frio onde meu coração deveria estar. É um alívio, esse espaço vazio. Muito melhor do que a dor que sentiria se estivesse cheio. Deixei Avery pegar meu braço e me guiar suavemente pelo corredor atrás do casal feliz. Um pé na frente do outro.

Limusines ociosas do lado de fora da igreja, e olho de volta para a multidão, procurando Ashleigh. Eu não a vejo. Avery me puxa para dentro do carro. "Você a verá na recepção", ela murmura.

Olho para ela e parece que a vejo pela primeira vez.

Avery Miller é algo da realeza de Tanglewood. Ela veio de sangue velho, a família St. James, e se casou com Gabriel Miller sob uma nuvem de escândalo. Sua expressão é suave com simpatia. "Você fez muito bem lá."

Uma risada áspera. Minha diversão termina abruptamente. "Não foi um trabalho particularmente difícil".

"Não foi?" Ela alisa o vestido de cetim, o azul royal é um complemento perfeito para as flores do lado de dentro. Tudo perfeito para o casamento do ano. A viagem parece passar em um momento. Parece demorar uma eternidade, meus olhos famintos pela visão de Ashleigh.

Chegamos na recepção antes do casal feliz. "Para onde eles foram?" Avery medita.

Uma rapidinha, a minha mente fornece. Eles provavelmente estão fodendo na parte de trás de uma limusine. Talvez até com um fotógrafo profissional de boudoir para capturar algumas fotos abençoadas.

Sinto-me em branco quando atravesso a sala, procurando. Lá está ela.

Ashleigh parece fresca e bonita. Ela se inclina contra mim. "Você está bem?" ela murmura. "Claro." Exceto que me sinto doente.

Todo mundo está parado, me observando. Normalmente eu não dou a mínima para o que as pessoas pensam de mim. Isso é do crescimento de um bastardo de Mayfair. Estava acostumado com os olhares de soslaio enquanto contava centavos no

supermercado. Não estou acostumado a ficar na frente de quinhentas das pessoas mais ricas e poderosas da cidade enquanto elas observam para ver se eu vou desmoronar.

“Vamos”, Ashleigh diz, me puxando pelo o chão de madeira.

Uma banda toca uma música animada, que todos na sala parecem determinados a ignorar. Eles estão abraçando os lados do grande salão de baile do hotel, sussurrando e geralmente parecendo estarem em uma dança do ensino médio. Com roupas mais caras.

Com Dom Perignon em vez de ponche de frutas.

“Não devemos esperar a noiva e o noivo?"

Um lento movimento de cabeça. “Você e eu. Vamos dançar, Mayfair.”

A mão dela é quente e real. O suficiente para me trazer de volta ao mundo. Um passo e um giro. E um sorriso torce meus lábios. "Obrigado."

Seus olhos castanhos parecem sem fundo. "Tenho alguma experiência com pessoas me encarando.”

A culpa me enche. “Inferno.”

“Estou acostumada com isso.”

“Quero chutar a bunda de qualquer um que te viu lá."

Ela dá uma risada autodepreciativa. "Todo mundo vê às vitrines."

Minhas mãos apertam. O pensamento dela nas ruas nunca será agradável para mim. Molhada. Com frio. Jesus. “Não volte.”

“Devemos morar juntos?" O tom dela está zombador. "Não sei se nos conhecemos bem o suficiente para isso. E se eu não gostar do jeito que você enche a lava-louças? E se você tiver bafo matinal?”

“Eu lavo a louça à mão. E eu definitivamente tenho bafo pela manhã.”

“É assim que Ky se sente.”

“O que?”

“Com o Sr. Monopólio. Ele convence Ky a ficar por dias seguidos. É mais difícil voltar, quanto mais tempo ele estiver ausente. Ele se apega.”

“Estou me apegando. Não volte. Nunca mais."

Ela ri de repente. “Isso é como homens que dizem eu te amo depois do sexo? Você está em um casamento e agora quer se casar. Que romântico.”

Não é um elogio. Eu apenas olho para ela, porque não sou romântico. Esta não é uma proposta de casamento, e ela sabe disso. Eu a quero por uma coisa. Não posso fingir ser um bom homem, mas sou mais seguro do que os idiotas que dirigem pelo lado oeste.

“Todo mundo vai tirar sarro de você."

“Ninguém vai saber.”

“Eu sei.”

“Você vai rir de mim?”

“Talvez.”

“Vou ter que me vingar de alguma forma.” Inclino-me para roçar meus lábios em sua bochecha. E então mais baixo, através da sombra do pescoço. Macia com manteiga. Doce. “Não terei piedade de você, Ashleigh. Mas você não quer piedade, não é?”

Capítulo Treze

Ashleigh

TRÊS DANÇAS DEPOIS, acabamos enfiados no canto do salão de baile, reivindicando uma mesa inteira de dez lugares para nós, enquanto todos andam pelo centro, finalmente se dignando a dançar. Duas placas de aperitivo douradas são empilhadas com espargos, presunto e pastéis de caranguejo. Estamos sentados ao da cozinha e usamos os garçons que saem como nosso buffet pessoal.

Uma almôndega e um líquido pálido parecem bastante simples em uma colher de sopa elaborada. Inclino minha cabeça para trás e a coloco na boca. Especiarias e sabor salgado explodem na minha língua. Tem cominho e pimenta - e Deus, esse caldo. Definitivamente gengibre fresco.

Imediatamente olho a colher de sopa que Sutton pegou e ele ri, entregando-a para mim. Eu como vorazmente, como se não comesse há dias, em vez de apenas algumas horas. Parece incompreensível que eu sobrevivi com cachorros-quentes de

dois dias por tanto tempo.

A culpa faz minhas bochechas esquentarem. “Sinto-me mal por toda essa comida. Não devemos guardar um pouco para as outras pessoas? Certamente eles não esperavam que comêssemos tanto."

Ele acena com a cabeça em direção à porta, onde uma mulher está segurando um Yorkie miniatura e brilhante. Enquanto observo, ela o alimenta com um dos palitos de pato. E outro. Outro. "Não fique. Pelo menos somos pessoas. Eu nem acho que Mopsie foi convidado.”

Isso me faz rir. "Talvez eu deva levar algo de volta para Sugar." Uma sobrancelha levantada. "Sugar?"

"Minha gata. Bem, ela não é minha. Ela mora na rua. Como eu."

Outro garçom desliza através das portas giratórias, e Sutton levanta a mão em um comando suave, mas inescapável. "O que você tem aí, bom homem?"

“Carne Wagyu grelhada com missô de trufa”, diz o garçom, abaixando a bandeja de prata. “Ah, contrabando. Excelente. Nós queremos seis. "

O garçom deve ser bem treinado, porque ele não tenta protestar que estamos pegando metade do prato dele. Em vez disso, ele produz um guardanapo de coquetel enquanto transferimos os pedaços para minha pequena montanha.

Somente quando ele se afasta eu coloco um pedaço na minha boca. A carne ainda está quente. Ela cai na minha língua, suculenta e temperada sutilmente. Meus olhos se fecham. Um gemido baixo me cerca, e eu percebo que é meu. Deus. "É tão bom", eu digo, minha boca ainda cheia. Eu engulo e suspiro. “Esqueça o open bar. É isso que os casamentos devem ter. Comida que parece uma experiência religiosa.”

Sutton me dá uma expressão presa, aqueles olhos azuis ficando escuros.

"Desculpe", eu digo, percebendo muito lentamente que uma referência ao casamento o deixaria triste.

"Não, eu..." Ele balança a cabeça, como se estivesse quebrando um transe. “O jeito que você se parece quando come é o mesmo de quando você goza. Coma outro. Coma três.”

Minhas bochechas esquentam. De repente, estou constrangida. "O que? Não?"

Ele levanta um pedaço na minha boca, insistente. "Outro."

Já cheira a céu. Parece quente contra os meus lábios. Eu abro, e ele pressiona a peça dentro, a ponta áspera do seu dedo roçando na minha língua. Não posso evitar o gemido alto. Gritos. Palmas. Uma interrupção na entrada chama minha atenção. Os noivos entram em uma salva de palmas feroz. Eles parecem estrelas de cinema glamourosas. O cabelo de Harper está preso em resplandecentes cachos castanhos. Christopher parece mais desgrenhado do que na igreja de uma maneira leve e inominável - como se seu cabelo estivesse despenteado e depois reordenado. Eles são a imagem perfeita do casal recém-casado.

Como todo mundo na sala, bato palmas, mas lancei um olhar preocupado para Sutton - e o encontrei olhando para mim. Ele encontra meus olhos e depois desvia o olhar para minha boca.

O casal começa sua primeira dança, e o público se acomoda um pouco para vê-los. Sento-me sem um pingo de graça. Agora as pessoas estão entre mim e a pista de dança, fazendo com que eu não possa ver; isso é bom, no entanto. Não suporto mais um segundo do intenso escrutínio de Sutton. Deus, ele me faz sentir como se eu fosse a única mulher na sala.

Sutton se senta mais vagarosamente ao meu lado.

Como um pedaço do caqui com queijo de cabra e mel, tomando cuidado para não olhar para Sutton quando o fizer, certa de que não emitirei outro som sexual enquanto comer. Nunca mais.

"Eu tive um gato uma vez", diz ele, tão casual quanto qualquer coisa. Isso me faz olhar para ele.

"Você teve? Qual era o nome dela?"

"Ele era macho. E eu o chamava de Tom."

"Para o tomcat?"

"Para Tom e Jerry."

Uma sombra cai sobre seu rosto bonito. "Ele desapareceu um dia. Eu queria pensar que era apenas uma dessas coisas. Talvez ele tenha lutado com um gato que era mais forte." Uma risada áspera. Os sulcos ao redor de sua boca o fazem parecer subitamente mais velho. Mais difíceis. "Ninguém gosta de pensar que seu pai mataria seu animal de estimação."

Um suspiro suave. "Ele fez?"

"Eu não sei. Provavelmente. Ele nunca gostou muito de Tom. E... ele atirou no meu cachorro bem na minha frente. Lucy estava latindo. Era tarde da noite. Papai estava bêbado como uma merda."

Meu peito aperta. "Eu sinto muito."

"Eu sentei com ela até que ela se foi."

Não há palavras, então eu me inclino contra ele, oferecendo-lhe o calor do meu corpo. Ele parece tão frio. Tão sozinho, para um homem que tem tantos amigos.

"Eu acho que você deve saber algo sobre pais de merda", diz ele suavemente. Um punho aperta minha garganta.

"Como você sabe disso?"

Sua voz se torna irônica. "Um palpite. Você não acaba nas ruas porque é bem cuidado. E você não confia muito nos homens. Acho que isso começou cedo."

Eu engulo em seco. "Não era assim em casa. Não tinha bebida ou tiros em meus animais de estimação. Eu tinha comida e roupas e... muitas coisas. Algumas pessoas diriam que eu sou louca por sair. "

“Foda-se eles. Eles não sabiam como era."

Eu olho para ele de lado. "Você também não sabe como era. Eu posso estar louca.”

"Ninguém escolhe a esquina, a menos que você não tenha outra opção."

"Eu não podia ficar." Minha respiração trava, lembrando. Ele está certo sobre algo - aprendi a não confiar nos homens desde cedo. Minha experiência nas ruas reforçou isso, mas não começou por aí.

"O que ele fez?" A pergunta é tão superficial que quase posso responder. "Ele..." As palavras não serão divulgadas. Olho para baixo, envergonhada. “Eu devo matá-lo por você? Eu posso gostar.”

Eu o encaro então, meus olhos ardendo. "Obrigada."

"Pelo quê?"

"Obrigada por ser..."

"Como?" Uma risada áspera. Ele corre dois dedos pela minha bochecha, capturando uma lágrima em sua pele. "Deus, você é tentadora assim. Chorando. Exceto que eu quero ser o

único a fazer você chorar. Só eu. Chorar, implorar e gritar. Não me confunda com um cara legal, Ashleigh. Eu sou um bastardo. Ninguém sabe disso melhor do que você.”

Capítulo Quatorze

Ashleigh

"**V**ocê está pronta para ir?" ele pergunta, sua voz baixa.

Na verdade, não. Partir significa que estamos a um passo mais perto de dizer adeus. Mas eu não o faria ficar na recepção por mais tempo do que ele quer estar aqui. "Vamos sair daqui rápido."

"Melhor evitar a correria", diz ele, com um tom pragmático.

De alguma forma, acho que a verdade tem muito menos a ver com um engarrafamento pós-festa. "Deixe-me usar o banheiro."

A fila do banheiro feminino já serpenteava em torno de uma coluna quando entro na fila. Um dos funcionários do hotel aponta uma escada curva. "Há outro conjunto de banheiros lá embaixo, senhorita."

"Obrigada", eu digo, dando-lhe um sorriso agradecido.

Encontro um banheiro bem menor no canto do segundo andar. Depois de usá-lo, lavo as mãos e olho para mim mesma no reflexo. Pareço a velha eu, aquela com água quente e um bom pente, aquela que comia frutas e legumes. Sei com que rapidez voltarei à versão de rua. Sempre um pouco suja, não importa o quanto eu esfregue no banheiro frio do posto de gasolina. Sempre com um pouco de fome, mesmo quando acabei de comer hambúrgueres de fast food com Ky.

Qual é a verdadeira Ashleigh? Eu nem tenho mais certeza.

Eu saio do banheiro e um corpo me bate na parede. Antes que eu possa recuperar o fôlego, sou empurrada para dentro de um armário. Pelo canto dos meus olhos, vejo vassouras e papel higiênico. Um armário. Eu estou em um armário. Há um pesado peso me segurando no lugar, roubando meu ar. Eu forço uma respiração, preparada para gritar, mas uma mão aperta minha boca.

"Acho que não", diz a voz. “O que Sutton pensaria se te encontrasse no andar de baixo com outro homem? Deus sabe que o homem já foi humilhado o suficiente esta noite.”

Eu luto contra o corpo, contra o riso cruel. Nada. Estou presa.

"Aí, acho que nos entendemos." Lentamente, ele tira a mão da minha boca e se inclina de volta para a luz, e eu posso ver os olhos azuis que se parecem muito com os de Sutton. É o meu primeiro cliente. Deus. Estou enjoada. “Você agiu inocentemente comigo, mas agora vejo você dançando aqui com Sutton Mayfair, fingindo ser o encontro dele. Quanto ele está pagando pela experiência da namorada? Eu não sabia que ele estava tão desesperado por uma mulher.”

“Ele é cem vezes melhor que você.” É a coisa errada a dizer. Eu sei, mas não consigo me conter, não quando me deparo com esse ciúme cruel e patético. Sutton ficou lá orgulhoso e forte hoje. Qualquer um deve ser capaz de ver isso. O fato de que esse homem o insultaria... Uma mão agarra meu pescoço. E aperta. Eu suspiro um grito - não é dor, esse som. Nem medo. É pura raiva agora e eu raspo meus dedos na lateral do rosto dele, pegando sangue nas unhas.

Ele grita, se afastando antes de se lançar para mim novamente, e eu sei, é isso, finalmente fiz o que Ky me avisou, para não empurrar um homem longe demais. Acabarei enterrada em uma cova rasa feita de lixo.

Fecho os olhos, me preparando para o que acontece a

seguir.

Uma lufada de ar na minha cara. Um som abafado. Nada bate em mim. Nada dói, exceto uma dor persistente em volta do meu pescoço. Abro os olhos para ver Sutton no armário conosco, segurando o outro homem no chão, as pernas balançando, os olhos esbugalhados.

A voz de Sutton soa completamente comum e calma. “Tire minha carteira do bolso do casaco. O bilhete do manobrista está dentro. Peça para eles trazerem o carro.”

O que ele vai fazer enquanto eu estiver fora? “Mas...”

“Ashleigh.”

“Você vai machucá-lo?”

“Vou conversar com ele.”

Não me preocupo particularmente com o homem fazendo barulhos de peixe ofegantes, mas não quero que Sutton seja violento. Mas mexo no bolso do casaco de Sutton. Algo macio escova as pontas dos meus dedos. Uma caixa de anel de veludo - vazia agora. Então eu encontro a carteira e saio correndo pela sala.

Eu demoro cinco passos para perceber que estou segurando uma carteira grossa de dinheiro. Eu poderia pegar o dinheiro e fugir. É mais do que ele me daria. E não é como se ele iria sentir falta. Deus, mesmo que eu penhorasse a carteira, conseguiria comer o suficiente por dias.

Não deveria importar o que ele pensa de mim. Mas importa.

Quando desci, parei por um momento aterrorizante. A calçada leva a milhares de restaurantes, hotéis e bares diferentes. Existem mil becos para me perder. Eu poderia desaparecer em questão de segundos.

Em vez disso, vou até o manobrista e entrego o bilhete. "Gostaríamos que você trouxesse o carro."

* * *

Sutton

Quando ouço os passos dela desaparecerem, dou um passo para trás, liberando Mason do meu estrangulamento. Ele esfrega a garganta. "Foda-se", diz ele. "Eu entendo que queira bancar o herói, mas você pode ir com calma."

"Cuidado com que você fala", eu digo, minha voz gutural.

Ele não presta atenção. “Quanto você está pagando a ela? Aposto que você a comprou barato.”

Ele recebeu aviso suficiente. Eu dou um soco. Ele pousa, sólido, em sua mandíbula. A conexão parece certa nas minhas articulações. Ele a chamou de barata. Ele colocou suas malditas mãos nela. Eu jogo outro.

Ele cospe no chão. "Jesus. Pare. Porra."

"Levante-se." Eu tenho uma regra sobre lutar justo. Meu pai não teve nenhum problema em me chutar quando eu estava no chão. Não luto com frequência, mas, quando luto, garanto que a outra pessoa tenha uma chance real. É um ponto de orgulho para mim, mas a ideia está corroendo rapidamente diante desse imbecil. "Levante-se."

Um joelho no chão. Uma mão na parede.

Perto o suficiente. Eu dou outro soco, desta vez baixo. O impacto com seu intestino o faz chiar. Ele vomita no chão enquanto eu aperto meu punho. Dói da maneira que me acalma.

"Você não fala com ela. Você nem fala sobre ela.

Compreendeu?"

Ele olha para mim do chão, ofegando, incrédulo. "Você não sabe. Como é possível... você não sabe? Ela é uma prostituta, Sutton. Ela é uma prostituta."

A vontade de chutá-lo no estômago quase me paralisa. “Eu sei o que ela é. Eu a conheço muito melhor do que você, seu maldito doente.”

"Isto é o que você pensa." Uma risada que parece descontrolada. “Eu a tive antes de você, seu bastardo. Eu a tive semanas atrás. Ela foi uma foda ruim. Assustada e nervosa. É assim que você gosta delas?”

Ele a assustou. Este é o homem de seus pesadelos, seu primeiro cliente. A realização se instala em meus ossos e, antes que eu possa pensar, dou um chute cruel no meio de Mason.

Todo o seu corpo bate contra a parede e ele cai no chão, com espasmos.

Pela primeira vez na minha vida, chutei um homem quando caído, e foi... bom. Isso faz minha queda completa. Eu sou como meu pai. Eu quero fazer isso de novo e de novo, até que ele se arrependa de tê-la tocado, até que ele se arrependa de tê-la

visto.

É apenas com força de vontade que eu chego para puxá-lo. Eu o bato contra a parede, mas ele claramente não está nem perto de reagir neste momento. Seu olhar está desfocado, sua boca babando. Eu o bato contra a parede até que seus olhos encontrem os meus.

"Você não a conhece."

O homem não tem senso de autopreservação. "Ela é..."

"Você está enganado."

Ele engole a dor. "OK. OK."

"Diz, você está enganado."

"Eu estou errado."

Não parece suficiente, esta admissão. Quero que ele implore por perdão aos pés de Ashleigh. Eu quero que ela recuse. Quero que ela me dê permissão para arrancar a cabeça lamentável do corpo dele.

Há um punhado de bastardos Mayfair em Tanglewood. Alguns deles tiveram boas infâncias. Alguns deles não.

Alguns deles são bons homens. Alguns deles não são.

Eu odeio apenas um deles - e esse é Mason Smith. Quando olho para ele, só consigo ver meu pai. É selvagem pensar que em algum universo alternativo poderíamos ter sido irmãos. Irmãos de verdade que crescem juntos, que lutam, se apoiam e se amam.

Entre centenas de milhares de homens na cidade, ela teve que tê-lo como seu primeiro cliente.

Mason sempre teve uma veia cruel. Saiu quando estávamos juntos na escola. Ironicamente, ele tinha uma boa mãe e um pai sem noção. Ele se ressentiu de mim, minha existência, e fez da minha vida um inferno. Não com punhos. Ele sempre soube que eu o venceria em uma luta justa. Não, ele virou seus amigos ricos contra mim. Os professores. Qualquer um acreditaria em um garoto bom e hétero por causa do Sutton Mayfair sujo e bravo.

Quando saio do armário, lavo minhas mãos, porque preciso limpá-las do fedor do bastardo. O cheiro de violência, desespero e bebida que nunca sai, por mais que eu esfregue.

Ashleigh está esperando por mim no meu carro, enquanto o manobrista conversa, claramente interessado. Qualquer um seria. Não tenho dúvidas de que o homem no BMW saindo do

carro, o velho de smoking com a esposa - todos eles a notaram. O vestido dourado destaca seu corpo sensual, mas seu sorriso é suficiente para fazer até o homem mais endurecido acreditar em um poder superior.

O manobrista diz alguma coisa e Ashleigh ri.

Seu medo pulsava do armário. A única coisa que senti quando a vi com Mason foi a raiva. Agora que a vejo com outro homem, porém, sei como seria fácil encontrar alguém bom para ela. Ciúmes. Esse é o nome da massa fervendo no meu peito. O que é fodidamente estúpido, porque não tenho reivindicações sobre ela. Não quero reivindicações sobre ela. Não preciso me preocupar com outra pessoa que não se importe comigo.

Capítulo Quinze

Ashleigh

O CAMINHO PARA CASA é tranquilo. Eu vejo as marcas vermelhas em seus dedos. É fácil adivinhar algum tipo de briga. Talvez ele veja isso como um homem furtivo em seu território, mesmo que estejamos fazendo isso apenas para fingir. Por alguma estranha razão, realmente me deixa animada ao pensar nele lutando por mim. Deve ser um instinto evolutivo que me faz querer que ele lute com um tigre com dentes de sabre.

Na casa dele, ele vem para abrir a porta para mim. Essa é a coisa sobre Sutton. Ele ainda é um cavalheiro, mesmo quando outras pessoas não estão assistindo. Um cavalheiro, mesmo com as juntas avermelhadas.

Quando ele me ajuda, eu seguro a mão dele. Inclino-me para beijar os machucados e marcas, gentilmente. Eu quero dizer obrigada. Ele provavelmente não fez isso por mim. Era seu próprio orgulho, mas a mulher das cavernas primitiva dentro de mim não se importa.

Seus olhos se voltam para o oceano enquanto ele olha para mim, profundo e cheio de segredos.

Entro em casa e paro, sem saber para onde ir daqui. Ele provavelmente deveria ter me deixado na esquina, mas estou feliz que ele não tenha feito. Além disso, ele deve ficar com o vestido.

Quando ele entra, ele pega minha mão e me leva para o quarto. Aqui. Parece certo.

Fico de joelhos, onde ele me queria ontem à noite, mas ele me impede desta vez. Ele inclina a cabeça e pressiona um beijo na minha boca. Começo a me virar - é íntimo demais, mesmo que eu usasse minha língua em seu pau. Nossas bocas juntas são a coisa mais dolorosamente aguda.

Ele me convence a suportar, usando beijos lentos, suaves e gentis.

Ele me deita na cama, com muito cuidado comigo, vestindo todas as nossas roupas ainda, deitadas ao meu lado, e percebo que seria assim se eu estivesse com um homem de maneira regular. O homem no armário usou as palavras que *a namorada de mentira*. Eu acho que ele quis dizer a mentira dele - mas esta é

a minha mentira, fingindo ser a namorada de Sutton, aquela que recebe sua ternura.

Parte de mim não quer fazer isso. Vou sentir muito. Não há mais medo. Serão outras coisas. Sentimentos de prazer. Sentimentos de necessidade. Sentimentos de esperança. Cada toque de seus lábios nos meus destrói minhas defesas. Ele alcançará o meu nervo exposto e então o que? Não haverá nada para me proteger de querer mais. Quero mais do que ele é capaz de dar e serei menor por isso.

Seus lábios são impiedosos, afastando toda dúvida e medo. Até eu ser exposta a ele. Este vestido dourado não faz nada para me esconder. Há meu corpo e meus sonhos. Ele olha para os dois com grande preocupação. “Não precisamos fazer isso”, diz ele.

Ele está pagando centenas de dólares por isso. Milhares de dólares.

Não é por isso que eu quero. Eu quero por mim mesma, saber como seria.

Eu o viro na cama até me inclinar sobre ele. A gravata borboleta e a jaqueta já se foram. Afasto a prega que esconde os botões e os desfaço um de cada vez. Eu beijo o oco de sua

garganta. E mais baixo, para o tapete de cabelos neste peito. E mais abaixo, no esterno, no local onde o osso se transforma em músculo. E mais baixo, até a crista de seu abdômen.

Como namorada de mentira, posso fazer o que eu quiser. Eu posso dar um boquete a ele, mas não preciso. Então eu beijo meu caminho de volta, encontrando manchas ásperas de pele cicatrizada, encontrando sombras sensíveis nos vales do seu corpo. Quando volto ao topo, beijo-o na boca.

Ele geme. “Ashleigh.”

“O que devo fazer?” Eu sussurro.

Mãos grandes cobrem meus quadris, e então estou empoleirada em cima dele. "Monte em mim.”

Meu corpo inteiro fica quente quando percebo o que ele está pedindo, quando penso em como vou ficar exposta. Eu nunca fiz isso antes. Talvez seja esse o ponto. Não haverá lembranças associadas a ele. Olhando para os olhos azuis de safira, acho que ele sabe disso.

Solto o cinto e abro a calça. Não há nada por baixo, exceto carne quente. Sem boxers ou cuecas. O contato de seu pau na minha mão me faz pular.

"Devagar", diz ele. "Não vai te machucar. Só quero fazer você se sentir bem."

Ele é quem alcança a mesa de cabeceira e encontra uma camisinha. Ele entrega e observa enquanto eu tento abrir o pacote. Verifico o rótulo, mas não há instruções. Os lábios dele dizem que ele acha isso divertido. Então, faço a coisa óbvia e rolo sobre a ponta. Seu pênis pula quando eu desço, e eu percebo por que as mulheres gostam disto. Eu tenho poder nesta posição. Ele está de costas, olhando para cima, à minha mercê. Pode ser apenas uma ilusão; Senhor sabe que ele é forte o suficiente para me dominar em um segundo, se ele quiser. Aqui está este grande homem forte, com as juntas machucadas, ainda deitado para mim. É como fazer um animal selvagem rolar para que eu possa coçar a barriga dele. O impulso me domina, e eu corro minhas unhas sobre seu abdômen - apenas levemente, sem força suficiente para machucar. Ele assobia. "Sim", ele resmunga. "Mais."

É o incentivo que eu preciso para me abaixar em seu pênis. Ajoelho-me alto o suficiente para me encaixar sobre seu pênis, que parece enorme quando está em pé. Parece maciço quando está na minha entrada. Eu tremo um pouco, mas ele não faz absolutamente nada - ele não move os quadris para cima, ele não

puxa os meus para baixo. Ele estende a mão para segurar as barras da cama, como se para provar que ele ficará no meu ritmo. A visão dele assim, estendido e à minha mercê, faz minha boceta apertar em torno dele. Ele sente isso; ele geme.

Eu me pressiono, polegada por polegada, me esforçando. Ele move a mão para a base do seu pau, e quando eu me empalo completamente, seu polegar espera pelo meu clitóris. Tão cheia. Muito cheia. E quando me movo, o polegar dele está lá. Parece bom o suficiente para fazê-lo novamente. E de novo.

Minhas pálpebras abaixam. "Você pode gozar assim?"

"Eu não me importo", ele grita, me vendo balançar acima dele.

E eu percebo que ele está dizendo a verdade. Este é um homem que fica excitado por me ver gozar. Ele realmente quer que isso seja bom para mim, porque é isso que o tira do ar. Isso libera a válvula de preocupação e dúvida até que eu possa finalmente soltar. Eu balanço e balanço contra o polegar dele, fechando meus olhos para o êxtase, sem vergonha da minha nudez, até chegar em espasmos duros e ofuscantes.

Ele ruge debaixo de mim, segurando meus quadris, me apertando forte o suficiente para deixar marcas, seu pau pulsando dentro de mim, segurando firme, estendendo meu orgasmo enquanto ele monta através dos seus.

Capítulo Dezesseis

Ashleigh

Passamos três dias e três noites neste estranho casulo de sexo e carinho. A parte mais surpreendente é o quanto eu me vejo compartilhando. Não sobre o papai. Essa parte ainda está muito crua. Conto a ele sobre mamãe e como éramos próximas.

Ela tinha grandes sonhos para mim. Ela costumava dizer - você pode ser qualquer coisa. Uma astronauta ou um piloto de corridas. A presidente dos Estados Unidos. E eu dizia: quero ser médica. Não havia dúvida em sua voz. *Então é isso que você será*, ela disse.

“Você ainda pode fazer isso”, ele murmura, acariciando meu cabelo.

Eu acaricio seu peito, me sentindo inexplicavelmente segura. Nós somos de mundos diferentes. Ele é dono deste rancho e de uma caminhonete. Há menções de um negócio com edifícios e investimentos. Eu possuo o que posso carregar e

quaisquer animais mortos que Sugar me trouxer. “Eu poderia muito bem imaginar ser uma astronauta. Ou a presidente. Isso nunca vai acontecer.”

“Pode”, ele insiste. “Você não precisa saber como seus sonhos vão acontecer para acreditar neles.”

“Ninguém quer que uma médica seja prostituta.”

“Não é da conta deles. Você não é a única pessoa que passou por momentos difíceis. Talvez o seu médico de família tenha sobrevivido da única maneira que pôde. Não é algo que eles anunciam na porta da clínica.”

É difícil imaginar que o Dr. Lim tenha caído em tempos difíceis. Mas eu não saberia, saberia? Talvez ele esteja certo. Talvez eu não precise saber *como* os sonhos se tornarão realidade. Basta acreditar.

Na quarta manhã, ele me leva ao estábulo para encontrar os cavalos. Tempestade, Lickety Split e Malícia - tenha cuidado, ela morde." Chegamos ao último estábulo, onde uma égua de aparência plácida me olha entre uma forte queda de franja cor de palha.

“O nome dela é Haven. Calma e firme.”

“Ela é linda.”

“Você vai montá-la.”

Eu dou um passo para trás. “Oh, não, não vou.”

“Sim você vai.”

“Eu não sei andar a cavalo.”

“Eu vou te ensinar.”

“Isso parece algo que vai demorar...” Mais do que nós temos. Quantos dias vamos viver neste casulo? Isso me lembra o que o homem disse na recepção do casamento. A namorada de mentira. Deve ser o que estamos tendo agora. Por um tempo demasiadamente longo.

“Levará a quantidade certa de tempo. Não há pressa.”

Eu olho para ele. “Já lhe ocorreu que não quero andar a cavalo?”

“Não”, ele diz igualmente. “Todo mundo quer andar a cavalo.”

Ugh, eu odeio que ele esteja certo. Sou uma garota comum que amava pôneis quando era mais jovem. Todos esses cavalos

parecem fortes e bonitos. Ênfase em forte. Seus músculos incham por baixo de seus cascos brilhantes. Eles provavelmente vão me matar se eu tentar entrar na sela.

Eles também são muito altos. “Como eu chegaria lá em cima?”

Ele sorri, sabendo que ganhou. “Você vai pisar nas minhas mãos.”

“Eu vou cair.”

“A coisa mais importante sobre montar é que você precisa confiar no cavalo.”

“Eu pensei que o cavalo deveria confiar em mim.”

“Absolutamente, mas isso só vai acontecer se você confiar nela primeiro.”

Eu faço uma careta para ele, porque a ideia de confiar em um animal muito maior e mais forte do que eu, me faz estremecer. “Tenho certeza de que já falhei na lição.”

Uma risada baixa. “Ela tem mais medo de você do que dela. Você vai pedir que ela faça coisas assustadoras, como entrar na água ou pular alguma coisa. Ela tem que saber que você a

manterá segura."

"Definitivamente, não estou pedindo para ela pular nada. Não é permitido pular." Eu estudo a bela égua manchada de cinza, tentando ver o medo em seus olhos plácidos. Não, nada. "Ela não deveria fazer o que eu digo? Eu pensei que esse é o objetivo das rédeas."

"Só se você quiser que ela tenha medo. Isso significa recuar ou pular tarde demais."

"Como ela vai saber se eu confio nela? Vamos fazer exercícios de confiança?"

"Sim." Ele tira uma maçã vermelha brilhante do bolso e a entrega para mim. "Segure isso na palma da mão com a mão esticada. Não enrole os dedos."

"Ela vai me morder", aviso, mas pego a maçã de qualquer maneira. A égua fungou na minha mão sem tomar o doce. Ela abaixa a cabeça para considerar a maçã de lado. Por um segundo, parece que ela vai recusar a oferta, e a decepção afunda no meu estômago.

Então, finalmente, ela o leva com um lábio inferior pesado.

Ela tritura a fruta em algumas mastigações lentas, e a majestade dela aperta minha garganta.

"Uau", eu respiro.

"Ela é uma beleza", ele concorda, sem tirar os olhos de mim.

"Por que ela não confia em mim? Ela foi maltratada?"

"Isso é muito comum. Um treinador pode ser gentil ou áspero, respeitar um cavalo ou jogá-lo no chão. Um cavalo continuará até que ela caia morta, se você não a impedir." Ela me observa pelo olho escuro, como se estivesse dizendo, *isso mesmo. Eu faria isso.*

"Isso é horrível."

"É uma grande responsabilidade ter um cavalo."

"Quantos você tem?"

"Agora? Dez."

Dez animais que se jogariam no chão por ele. Dez que cairiam mortos se ele não os parasse. "Então você gosta de responsabilidade."

Ele ri. "Eu gosto de cavalos. A responsabilidade é o preço

que você paga.”

O preço que ele paga, como o dinheiro que ele me paga. Parece que todas as coisas que ele gosta lhe custam alguma coisa. É um pequeno consolo, porque as coisas que ele gosta me custam tudo. “Posso montá-la?”

Ele se inclina e entrelaça as mãos. “Suba por aqui. Segure na sela e gire a perna.”

Eu balanço com força suficiente para quase cair do outro lado, mas me endireito. Ela parece muito mais alta quando estou em cima dela do que quando eu estava no chão.

Quando estou sentada, ele diz: “Não se preocupe em mandá-la fazer alguma coisa. Ela sabe andar e para onde ir. Lembre. Você precisa confiar nela.”

Haven dá um passo à frente e eu pulo na sela. Outro, e eu quase caio. No terceiro passo, movo meus quadris no momento certo. Só então entendo o que ele quer dizer com confiança. Eu tenho que ir com ela. Não se trata de ser carregada por aí. Eu não sou passageira. Essa é uma forma ativa de confiança, que exige que eu me torne parte dela.

Ela se move facilmente, e eu rio de alegria.

Sutton faz um assobio e a baía se move em sua direção. Haven para na frente dele, e ele caminha para o lado dela. Ele levanta as mãos, circulando meus quadris e me ajudando a descer. O chão parece instável depois de ficar no cavalo por apenas alguns minutos.

Ele já sorria antes, mas agora parece sério. “O que aconteceu com você?"

Ele quis dizer antes de eu acabar na rua. Minha garganta aperta. "Meus segredos são meus.”

“Ashleigh.”

“Meu cavalinho deve achar estranho, eu digo.” É um tiro barato, uma finta, para que ele pare de perguntar o que não vou responder. “Parar sem uma fazenda perto.”

Ele está severo, duro e frustrado, mas ele ainda completa o verso do poema de Robert Frost. “Entre a floresta e o lago congelado. A tarde mais escura do ano.”

Capítulo Dezessete

Ashleigh

A TARDE DÁ A MANEIRA DE ESCURECER. Acordo com um contentamento escrito nos meus ossos. Eu quero ficar nesta cama para sempre - e isso me assusta. Esta não é minha cama ou minha casa. Eu pertenço às ruas. Estar confortável aqui só tornará mais difícil voltar. Sutton dorme ao meu lado, uma massa pesada de músculos e desgosto. Ele não se mexe, mesmo quando eu escorrego da cama. Ele me procurou tantas vezes, fez sexo comigo em tantas posições diferentes. De alguma forma eu gostei de cada uma delas. Ele me fez gozar tanto que vi luzes atrás dos meus olhos. Eu não sabia que isso seria possível. Não para nenhuma mulher; definitivamente não para mim.

Olho as sardas na bochecha e a curva da orelha. Ele não é meu.

Eu sou uma substituta para os corpos que ele preferia estar fodendo.

Na sala, encontro o telefone dele, que não está bloqueado. Chamei um Uber que chegará em quinze minutos. E eu procuro na carteira dele o dinheiro que ele prometeu.

Trinta minutos.

É o tempo que leva desde meu último vislumbre de Sutton até a primeira visão da fábrica de açúcar.

"Ky?" A palavra ecoa de volta para mim. Ele geralmente não sai tão cedo.

Sugar me dá um miado imperioso que me envergonha há quanto tempo estou ausente. Existem três carcaças de ratos diferentes, cada uma rasgada e cheia de moscas. Meu estômago vira. Que maneira de voltar para casa. Este não é um lar. Não. A casa de Sutton é uma casa. Esta é uma paródia triste.

Eu subo no telhado. "Ky?" Nada.

Talvez ele tenha saído cedo para procurar um cliente. Exceto que ele geralmente não sai quando está cheio de dinheiro. Talvez o Sr. Monopólio tenha voltado para outra rodada. Exceto que ele geralmente vem apenas uma vez por mês. A parte de trás do meu pescoço formiga com aviso. Ky poderia estar em qualquer lugar da cidade, perfeitamente seguro.

Não parece certo.

Volto para a rua, determinada a encontrá-lo. Há um clube à algumas ruas. Bem, é mais um armazém com baixo. Às vezes Ky volta dali cheirando a maconha.

O segurança me para, me dando um olhar interessado em todo o corpo. "Você está trabalhando?"

Minhas bochechas coram. Ele não esconde que quer me foder. E que ele está disposto a pagar. O que significa que é óbvio o que eu sou. Deus, meu cabelo ainda está desarrumado. Eu provavelmente cheiro a sexo.

"Hoje não", eu consigo dizer, esperando parecer casual sobre isso. Ele não se move do meio da porta. "Quão urgente você quer entrar?"

Oh Deus. Ele vai me fazer ter algo com ele? Ele deve sentir meu desespero, porque eu realmente preciso entrar no clube. É o único lugar que eu sei onde Ky pode estar, e todo instinto que tenho está gritando que ele precisa de ajuda. "Muito urgente", eu sussurro.

"Deixe-me ver seus peitos."

Minha pele se arrepia. Sinto calor por todo o corpo e depois frio gelado. "Meus..."

“Eu só quero vê-los. Isso é tudo."

Olho para este homem, que teria parecido bonito em qualquer outro contexto. Ele é claramente musculoso e bem preparado. Ele poderia ter uma mulher da maneira regular, não podia? Eu nem sei o que é o caminho normal. Taças de champanhe e pequenos Yorkies comendo carne Wagyu? Isso não é normal.

Meu estômago aperta, e olho para o beco.

"Nah", diz ele, lendo meus pensamentos. "Está muito escuro para ver. Além disso, se eu te levar até lá, quero fazer mais do que olhar.” Sua voz fica suave, persuasiva. "Tudo o que eu quero é um pequeno olhar."

Tremores correm pelos meus braços como pequenos terremotos. Pego a bainha da minha camisa verde esmeralda e levanto - devagar, devagar, devagar. Eu não estou vestindo um sutiã. Então meus seios são expostos ao ar da noite.

Ele respira fundo. "Sim." Sua voz soa mais grossa. "Esses são legais."

Eu olho para frente, para o pedaço de tecido preto em sua camisa, sem encontrar seus olhos. Começo a abaixar minha camisa, mas ele me para com um som áspero. "Um pouco mais, menina."

Parece que sou outra pessoa, vendo essa mulher levantar a blusa para um estranho. Parado na rua onde qualquer um que vira a esquina pode ver. Claro que ninguém vai virar a esquina. É uma parte difícil da cidade e um clube ilegal. Na terça-feira. O que significa que ele poderia me arrastar para um canto e ...

Uma palma áspera cobre meu peito e eu pulo. "Você disse que estava apenas olhando."

"Acalme-se", diz ele com um aperto aguçado. "Um toque. Não é como se eu fosse o primeiro. "

"Mas você disse..." Lágrimas picam a parte de trás dos meus olhos, e eu me sinto tola por acreditar nele. Ou por acreditar em alguém. O mundo não está cheio de mentirosos? Eu aprendi isso cedo. Como eu poderia esquecer?

Ele aperta meu mamilo, e o prazer dispara pelo meu corpo. Estou enjoada. Horrorizada. Como isso pode ser bom? Só agora entendo o quanto Sutton me arruinou. Antes disso, eu não sabia

como era um ótimo sexo. Meu corpo não tinha ideia de que a pressão nos meus mamilos leva a orgasmos. Não há como eu gozar para esse homem - sinto frio por dentro. Mas meu corpo não sabe disso. É bem treinado pela boca e pelas mãos de Sutton. Por seu pênis.

Foi isso que Ky quis dizer quando disse que era mais difícil voltar. Não era sobre a cama macia ou a boa comida. Era sobre sexo - porque Sutton fazia parecer real. Aposto que o Sr. Monopólio faz isso também.

A mão do segurança cai. Ele me dá um aceno de cabeça que eu interpreto como: Vá em frente e cubra seus peitos.

Abro minha camisa, sentindo-me enjoada de humilhação.

"Você vem me ver mais tarde", diz ele, ainda parecendo ligado. "Eu fui pago ontem e adoraria uma rodada com você. Eu vou com calma, prometo. Não vai te machucar nem nada." Ele não espera uma resposta, mas fica de lado e as lágrimas escorrem pelas minhas bochechas quando eu abaixo a cabeça e passo por ele. Luzes estroboscópicas e graves pesados me atingiram como um punho. Eu limpo meu rosto com meus braços. Os corpos estão envoltos em almofadas sujas no chão, a maioria das pessoas já ficou louca, mesmo que ainda seja cedo.

Suponho que quem precisa trabalhar hoje à noite apareça mais tarde. São essas pessoas que já ganharam seu dinheiro na noite anterior.

Eu o procuro, imaginando se eu reconheceria Ky com as luzes distorcidas. Quebras na música revelam gemidos e batidas rítmicas. Alguém está fazendo sexo em um desses cantos. No fundo, finalmente encontro Ky. Ele está sozinho - ou o mais perto que você pode chegar a este lugar. De alguma forma, ele tem um sofá de dois lugares para si. Há marcas no braço dele. A boca dele está aberta, como se ele estivesse dormindo. Exceto que ele não está.

Os olhos dele estão abertos.

Ele está morto.

Por um momento terrível, ele parece morto - frio, úmido e imóvel. Então seus olhos se concentram em mim, e ele se alerta. “Ashleigh. Inferno. Inferno. Eu pensei que você estava morta."

Estou quase histérica de preocupação, com a gangorra emocional de vê-lo dessa maneira e me perguntando se ele havia tomado uma overdose antes que eu pudesse encontrá-lo. "Eu pensei que você estava morto, seu grande manequim."

Isso o faz rir, um som selvagem e estridente. Ele está alto como uma pipa. "Quando você não voltou para casa por duas noites, pensei que alguma merda doentia tivesse levado você para a floresta e te matado."

"Então você decidiu vir gastar todo o seu dinheiro com uma agulha?" Ele olha para mim. "Você estava na floresta?"

"Perto o suficiente", eu digo em um suspiro. "Vamos. Vamos levá-la para casa. Você vai se sentir uma merda amanhã. E você não terá nenhuma simpatia de mim. Sou eu quem precisa limpar os ratos. "

Capítulo Dezoito

Sutton

Eu acordo no meio da noite com um sobressalto, percebendo em um instante, certo de que estou sozinho em casa. Meu coração está como chumbo enquanto eu verifico o banheiro, a cozinha e até a varanda da frente, como se ela estivesse balançando com os dedos dos pés nas tábuas de madeira riscadas. Até os grilos estão calados a essa hora. O mundo parece incrivelmente silencioso. Saio na grama e olho para cima, vestindo jeans e nada mais. O céu escuro se inclina sobre mim, como se estivesse cheio de água, pesado e ameaçador.

Quando volto para dentro, encontro meu telefone na mesa do café, bem arrumado ao lado da carteira e uma nota escrita em um post-it. *Peguei o dinheiro que você prometeu*. Continua na parte de trás. *Deixou alguns para o Uber.* Olho os traços como se a letra dela pudesse me falar de alguma maneira sobre sua alma.

Por que diabos eu quero saber sobre a alma dela? Eu não. Eu queria sexo dela e consegui isso. Muito sexo. Uma quantidade

verdadeiramente ridícula de sexo. Cheguei ao clímax com tanta força que tive um maldito derrame.

A única razão pela qual me sinto desprovido agora é... de ter lhe dado um bônus. Não é dinheiro suficiente, o que prometi, do que ela levou. E eu mesmo lhe daria uma volta. A coisa toda teria sido humilhante e barata, mas infernal. Não é melhor acordar triste.

"Por que você não me acordou, Ashleigh?" O post-it não responde.

Porque ela não queria se despedir, imbecil. Esta não é a manhã padrão. Este é um serviço pago. Só que eu sei que ela não pensou assim. Eu também não.

Pego a carteira e as chaves e as enfio no bolso. Eu vou atrás dela. O aplicativo diz que ela foi deixada no Den, mas eu deveria dar uma olhada nela. Eu deveria ter certeza de que ela está bem. Eu deveria…

Eu deveria deixá-la em paz. Jesus.

Quando isso terminaria? Nunca. Eu fingia que estava fazendo isso para ajudá-la, mas na realidade eu apenas a instalei em minha casa como minha escrava sexual pessoal. Eu seria

motivo de piada de Tanglewood, como ela disse, mas não dou a mínima para isso. Eu jurei que nunca seria como meu pai. Ofegando atrás de Christopher. Depois de Harper. Agora Ashleigh. Eu me apaixono a cada seis malditos meses? Eu sempre soube que ele transou com muitas mulheres. Eu nunca percebi que ele pode realmente ter amado todas elas.

Lentamente, tiro a carteira e as chaves do bolso. Jogue-as sobre a mesa.

Não sou Madre Teresa para ajudar as pessoas na rua. E eu não vou ser um homem que tirar vantagem dela. Isso me deixa sem direito a ela.

"Foda-se", murmuro, passando a mão no meu rosto.

A ironia é que existem apenas duas pessoas com quem eu poderia conversar sobre isso que entenderiam. Ambas as pessoas estão atualmente em lua de mel em Bali.

Eu me pergunto o que Harper disse a ela no campanário. *Não pense em Ashleigh.*

O sol exala uma luz fraca por horas antes do amanhecer. Ando pelo comprimento da minha cerca em botas e jeans, sem camisa, tentando me conectar com a terra. Eu costumava amar

cada folha de grama, cada grão de terra. Toda molécula de ar. Eu ainda sinto, mas parece um pouco mais vazio de alguma forma. Como se Ashleigh se entregasse às árvores, aos animais e à terra. Agora que ela se foi, eles não sabem o que fazer.

Roncos do meu estômago me dizem que é hora de comer.

Encontro com minha irmã quando ela sai do chiqueiro. Há pelo menos seis bastardos Mayfair em Tanglewood - homens com essa raiva herdada e olhos azuis. Whitney é a única garota que conhecemos. Ela veio morar no rancho alguns anos atrás. Um chapéu de palha está em sua cabeça, pronto para proteger suas sardas quando o sol sai. "Ela foi embora?" ela pergunta.

"Quem foi embora?"

Um bufo. Ela volta para o celeiro, e eu sigo em um ritmo mais lento, me sentindo um vagabundo preguiçoso. O fato de eu pagar bem a Whitney não melhora. "Você esteve escondido em casa com alguém."

Observo enquanto ela prepara a grande garrafa para o bezerro. "Alguém abaixo do peso?"

Às vezes, um bezerro precisa complementar a amamentação com a mamadeira. "Chess não tolera amamentar."

"Inferno. Deixe-me falar com ela.” Chess é uma vaca mimada, mas posso levá-la a amamentar. Ela vai chutar e morder, até eu acariciá-la suavemente, até convencê-la a deixar o bezerro beber. Ela já foi ordenhada. Isso fará com que ela se sinta melhor.

“Você estava ocupado com sua convidada, e eu achei que estava bem, considerando o momento. Além disso, não machucará o bezerro beber da garrafa.”

"Me dê um minuto. Vou tirá-la do curral e...”

"Não". Aqueles olhos azuis brilham, uma imagem no espelho meu. “Nem todo mundo quer ser mãe, Sutton. Você deveria saber disso assim como qualquer um. Portanto, não se preocupe em convencê-la de nada. "

Espero enquanto Whitney enche a garrafa e coloca um bico grande. Existe uma fórmula, se precisássemos, mas Chess nunca se importou que os humanos a manipulassem. São com os bezerros que ela se importa.

Quando chegamos à cabine, encurralo o bezerro. É a minha maneira de pedir desculpas pelo que diabos eu fiz para irritar Whitney. O bezerro vibra em meu abraço, seja por excitação ou

medo, eu não sei. "Shhhh", eu digo, fazendo os mesmos sons que eu fazia para o Chess. Eu corro uma mão ao longo de seu flanco. "Você está bem."

Whitney não me olha nos olhos enquanto o alimenta com mamadeira. "Você vai me dizer por que está com raiva?"

O nariz arrebitado e os olhos arregalados a fazem parecer jovem, mesmo que suas mãos estejam rachadas pelo trabalho duro. Ela parece tão jovem quanto quando estávamos na escola. Ela tinha uma queda por mim, naquela época. Até que alguém finalmente a indicasse que éramos provavelmente irmãos adotivos. Então ela ficou tão envergonhada que não falou comigo por um ano. Nós nos reconectamos como adultos, e ela ama os cavalos, assim como eu.

"Não tenho ciúmes", ela finalmente diz.

"Bem. Está bem então."

"Estou pensando sobre essa garota, no entanto. Se ela souber que você está... indisponível. "

"Você quer dizer, ela sabe que estou apaixonado por outra pessoa?" Duas outras pessoas, para ser exato. A maioria das pessoas não conhece Christopher, no entanto. Apenas Harper.

"Ela sabe. Ela foi ao casamento comigo.”

"Ainda é fodido que ele pediu para você ser o padrinho dele."

"Não foi tão ruim quanto eu pensei que seria". Porque Ashleigh estava comigo. Ela era como meu anjo da guarda, aparecendo quando eu precisava dela e depois desaparecendo. Portanto, é apenas minha má sorte que eu não parei de precisar dela quando ela saiu.

Capítulo Dezenove

Sutton

Na manhã seguinte, eu me vejo vestindo do jeito que costumava - de terno. Dirijo-me aos pequenos escritórios da Mayfair Building Co, onde me arrebentei em projetos de construção. Isso foi antes de conhecer Christopher. Antes de eu fazer parceria com ele e me apaixonar.

Nossa empresa comum, Bardot e Mayfair, tinha escritórios elegantes em arranha-céus. Agora está vazio. Ganhar Harper significava mais do que apenas um tropeço em nossa amizade. Ele não queria ir trabalhar todos os dias com o homem que ela havia fodido - e talvez amou, por meio segundo.

Christopher foi trabalhar em um hotel que planejamos construir juntos. Ele estava trabalhando, enquanto eu andava bebendo e fodendo.

Por alguma razão, parece que hoje, depois de Ashleigh me deixar, isso vai mudar. Uma pilha de correspondência se empilha

no topo de couro da minha mesa. Tenho certeza de que é muito pior na minha caixa de entrada de e-mail. Sem pompa ou circunstância, sento-me e começo a trabalhar. Estou no meio da pilha de correspondências quando minha secretária entra.

“Sutton Mayfair. Você poderia ter ligado, sabia? Quase me deu um ataque cardíaco. Você não entra por semanas e, em seguida, um dia está sentado em sua mesa como se nunca tivesse saído.”

Isso me faz sorrir. "Sinto muito, Sra Ness."

"E você perdeu peso. O que você tem comido? Sua cor também não é boa."

A lista das minhas deficiências continua por algum tempo, mas eu a considero certa de que estou de volta a que pertenço. A senhora Ness é uma das muitas mulheres que meu pai amou e deixou. Suponho que é estranho eu contratá-la. Há muitos momentos embaraçosos na vida em que seu pai fode metade da população feminina. No caso da Sra. Ness, seu marido voltou de sua excursão militar, descobriu o caso e a expulsou de casa. Foi um escândalo quando eu estava no ensino médio, considerando que ela era a diretora.

Eu provavelmente não deveria dizer nada.

É o que digo a mim mesma enquanto ela analisa a lista de coisas que devo comer e beber; as vitaminas que ouviu são boas, óleos essenciais que ajudariam.

"Sra. Ness."

“Seu café! Como eu poderia esquecer. Suponho que você queira da mesma maneira...”

“Em um momento. Queria te perguntar uma coisa, mas posso estar ultrapassando. Na verdade, estou ultrapassando definitivamente. Você pode me dizer para cuidar do meu próprio negócio.”

Ela levanta a sobrancelha de uma maneira que apenas os diretores podem fazer. Ela nunca perdeu a capacidade, apesar de ter sido demitida logo após o caso ter surgido. Coisas assim foram desaprovadas vinte anos atrás. A vida pessoal de uma mulher poderia impedi-la de um bom emprego. "Continue."

"Com meu pai. Você o amava?"

"Oh Deus não. O que fez você pensar isso? Ele era tão divertido.”

Uma risada aguda me escapa. "Eu nunca vi esse lado dele."

"Não, suponho que não." Ela me dá uma olhada dura. “Eu sabia que ele era duro com você. Talvez eu não tenha percebido o quão áspero. Ou talvez eu não quisesse saber, porque não poderia estar com ele então. "

"Não estou procurando simpatia."

Ela zomba. "Claro que não. Sutton Mayfair nunca iria querer simpatia. Você não tem muito em comum com seu pai, mas veio com esse orgulho honesto.”

“É por isso que mantenho você na folha de pagamento, senhora Ness. Você me lisonjeia.”

“Você me mantém por perto como penitência. Não acha que não sei. Eu não me importo, no entanto. Alguém tem que lembrá-lo de comer. Agora, o que fez você perguntar sobre seu pai depois de todo esse tempo?”

"Suponho que me perguntei... se algo era real."

"Então você está fazendo a pergunta errada. Isso era real? Claro que sim. Eu era casada com um homem que deixava os punhos falarem, mas tive um caso apaixonado. Isso é real."

"Sinto muito", murmuro. “Por trazer isso à tona. Por despertar memórias antigas.”

“Seu pai foi bom comigo. Muito bom. Ele salvou o mal para você, eu acho.”

Meu estômago aperta, lembrando as batidas e a fome. A certeza de que eu morreria antes de ter idade suficiente para partir. "Sim. Eu também acho."

"Agora você engole seu orgulho e verifique seu e-mail."

Uma gargalhada. "Sim, senhora."

Uma ligação chega uma hora depois de Blue. Sua empresa de segurança realiza, entre outras coisas, investigações particulares. Eu não queria trabalhar com meu sujeito designado, não importa o quão habilidoso ele seja. Isso é pessoal, então pedi a Blue para investigar.

"Eu tenho as informações que você pediu."

Eu fecho a porta do meu escritório. "Continue."

“Ashleigh Barnes, foi dada como desaparecida há seis meses por seu pai, Jebediah Barnes. Uma aluna estudiosa antes disso, familiares e amigos insistem que ela nunca fugiu."

Uma aluna estudiosa. Meu estômago aperta. "Idade."

"Dezessete."

Meu coração bate forte nos ouvidos, no peito. Eu posso sentir isso batendo nos meus malditos olhos. Dezessete. Dezessete? Eu quero jogar meu punho na parede. Ou desmoronar no chão do meu escritório e chorar. Eu tenho que fazer algo com esse conhecimento. A voz de Blue vem pelo telefone, soando a milhões de quilômetros de distância. Ele está dizendo algo sobre a idade de consentimento ter dezesseis anos e não ser julgado por acusações legais, porque ele é um cara esperto - ele sabe por que estou perguntando. Jesus. Não estou preocupado em ir para a cadeia. Alguém deveria me colocar lá. Jogue fora a chave. Eu não ligo para o que a lei diz. Ela era jovem demais para mim em todos os sentidos.

Capítulo Vinte

Ashleigh

KY não está bem.

Sua respiração é superficial. Ainda temos o dinheiro de Sutton, mas não sei se posso levá-lo ao atendimento de urgência. Ele não pode andar e nem se mover. Ele mal está consciente. Posso ir até o posto de gasolina e chamar uma ambulância, mas eles não vão levar o dinheiro no meu bolso. Eles querem um cartão de crédito.

Ele geme e estica a cabeça para trás. Quando o acalmarem, provavelmente o cobrarão pelo uso. E talvez faça uma cobrança de solicitação.

“Quieto”, eu sussurro, pressionando a compressa fria na testa. Eu gostaria de saber qual era o problema. É o crack? Ele deveria ter descido agora. Não tenho certeza de que tipo de efeitos colaterais podem acontecer. Eu já o vi voltar chapado antes; nunca foi assim.

“Ash”, ele murmura. “Ash. *Ash*.”

Eu aperto a mão dele. “Eu estou bem aqui. Você não pode me ver?”

Ele parece através de mim. "Estou morrendo, Ashleigh.”

"Não diga isso. Não ouse dizer isso. Você me manteve viva. Você sabe disso. Você me encontrou naquele beco, e eu estava pronta para desistir, e você me manteve viva. Agora estou retornando o favor.”

“Não posso.”

“Você pode. Agora vou pegar mais gelo. Você espera aqui e descansa.”

Quando estou na esquina, quando ele não pode me ver, eu paro e coloco meus punhos nos meus olhos. Não posso me dar ao luxo de chorar agora. Eu tenho que descobrir o que fazer por Ky. Mais gelo não vai ajudar.

Há um médico no Oeste. Eu ouvi falar dele. Ele aceita dinheiro ou troca, o que você puder pagar. Não faço ideia de como encontrá-lo, mas vou começar no clube. Talvez o segurança troque as informações por olhar para meus seios

novamente. O pensamento me deixa doente, mas eu farei qualquer coisa.

Subo o peitoril de uma janela quebrada e desço a escada de incêndio. Quando chego ao degrau inferior, deixo meu corpo solto. E deixe ir. Eu caio no chão.

"Olá, Ashleigh."

Com um grito de surpresa, eu giro. É Sutton. Não o Sutton que reconheço da cama amarrotada, o queixo barbeado, o cabelo uma bagunça de cachos. Este Sutton está vestindo um terno. Ele parece abotoado e adequado, ainda mais que a noite da despedida de solteiro.

"Você tem dezessete anos", diz ele.

Eu olho para ele, chocada com a minha preocupação por um segundo inteiro.

“Quantos anos você achou que eu tinha?”

"Dezoito. Pelo menos."

Uma risada estranha enche o ar. É minha. “Faço dezoito anos em alguns meses. Você quer que eu te procure então? Porque não tenho tempo para fazer isso agora. "

"Você acha que eu vim aqui para fazer sexo com você?"

"Por que mais você me encontraria?" Eu passo por ele. "Não importa o que você deseja agora. Eu tenho que fazer alguma coisa - eu preciso - não importa. Eu não posso falar agora."

Ele pega meu braço. "Ei." E então mais gentil. "Ei. O que há de errado?"

"É Ky. Ele não está..." Minha voz quebra. “Ele foi a um clube ontem à noite e fumou uma merda ruim. E a culpa é minha, porque ele estava preocupado comigo. Agora ele não está melhorando, e eu não sei o que fazer. Ele está queimando, e ele nem está completamente lá."

“Deixe-me ajudá-la, Ashleigh. Deixe-me vê-lo."

Eu olho para ele, sem entender. Por que ele iria querer me ajudar? Foda-me. Me use e me pague. Essa é a relação que temos. Exceto que ele pediu permissão para ver Ky. Ele não exigiu ou assumiu que ele teria permissão. Ele está tratando essa fábrica de açúcar queimado como minha casa real.

“Ok”, eu sussurro.

Assim que eu o levo para cima, Sutton xinga baixinho. Ele se ajoelha ao lado de Ky e toca sua testa suavemente. Ky ainda está usando suas roupas de garoto de programa, um moletom com capuz por cima de uma blusa de malha e jeans de cós baixo. É um forte contraste com a aparência abotoada de Sutton e faz Ky se parece incrivelmente jovem. Ele é tão experiente, tão cansado do mundo, que era fácil esquecer que ele é mais novo que eu. Ele deveria estar preocupado com uma final de matemática ou com quem ele vai pedir para voltar para casa - não passeando pelas janelas fechadas.

“Há quanto tempo ele está assim?”

“Eu não sei.” Parece uma eternidade, mas não há relógios na fábrica. Não estão funcionando, de qualquer maneira. Li o tempo da mesma maneira que um fazendeiro - pelas sombras do céu. “Eu o encontrei no clube quando voltei. No começo, ele parecia estar voando, sabia? Tão chapado. Eu o trouxe de volta aqui e tentei dormir, mas então ele começou a tremer e tremer.”

“Ele precisa ir para um hospital. Estou pensando que o que ele conseguiu estava contaminado, mas poderia ser qualquer coisa. Não é como se houvesse um FDA para o crack.”

Minhas palavras saem em um sussurro. "Estou surpresa

que você saiba o que era."

“Ele vem pelo país, principalmente. As pessoas querem culpar a Colômbia ou o México, mas são os americanos que importam e vendem nas ruas.”

"Há um médico no lado oeste." Pego o dinheiro que tirei da carteira dele debaixo da minha cama. “Eles dizem que ele aceita dinheiro ou troca. Eu tenho que encontrá-lo.”

“Anders Sorenson. Eu o conheço."

"Oh! Graças a deus. Onde posso encontrá-lo?”

Ele me dá um olhar afiado. "Você não está mais sozinha, Ashleigh."

Eu engulo em seco, nem tenho certeza de como isso seria. "O que isso significa?"

"Isso significa que vamos levá-lo ao Den. Eles terão uma cama que podemos usar enquanto esperamos por Anders. Deus sabe que esse calor não está lhe fazendo nenhum favor. Isso significa que você pode guardar esse dinheiro, porque não precisará dele, não para isso. "

"Então eu deveria confiar em você? Não finja que você está

fazendo isso com a bondade do seu coração. Isso vai me custar alguma coisa. Eu prefiro saber de antemão."

A beligerância das minhas palavras parece apenas amolecê-lo. “Eu mereço isso, porque fui seu cliente primeiro. Quando eu deveria ter te protegido, deveria ter lhe ajudado. Eu não posso compensar isso. Deus sabe, eu nunca vou conseguir. Mas eu não sou mais seu cliente. Eu sou seu amigo."

Eu engulo em seco. Seria estranho e patético dizer que eu quero que ele seja mais do que amigo. Eu quero que ele me ajude com Ky, e então eu quero que ele me leve de volta para sua cama, onde tudo parece certo. "Meu amigo?"

"Eu posso ser um amigo."

Eu vi o que ele sacrificou por Christopher e Harper - sua própria felicidade. Ele pode ser mais do que um bom amigo. Ele pode ser o melhor amigo que alguém poderia querer.

Capítulo Vinte e um

Ashleigh

ANDERS SORENSON É um homem com uma expressão excepcionalmente severa, com cabelos claros, maçãs do rosto salientes e olhos azuis claros e invernais. Ele cria uma sala de triagem improvisada no segundo andar do Den que pode rivalizar com qualquer quarto de hospital real. Em pouco tempo, sem julgamento, Ky está ligado a um IV. O diagnóstico inclui grandes palavras como taquicardia, hipertensão e vaso espasmo coronariano.

"Para colocar nos termos dos leigos", ele me diz. “O crack aumenta significativamente a taxa de uso de oxigênio no corpo. Há uma possibilidade aqui de uma convulsão, um evento coronário. A morte súbita se torna mais provável quanto maior a hipertermia.”

Sutton faz um som como rosnado. "Esses não são termos leigos."

"Ele está tendo uma viagem muito ruim", diz Anders.

"O que podemos fazer por ele?" Estou sentada ao lado dele, segurando a mão dele, que parece úmida e quente. Suas pálpebras tremem, mas ele não parece estar onde está.

"Exatamente o que você está fazendo agora. Segure a mão dele, fale com ele. Tente mantê-lo calmo. Vou observá-lo de perto, incluindo conectá-lo a um eletrocardiograma para que eu possa monitorá-lo."

"Obrigada", eu digo, sentindo-me febril.

"Ela precisa descansar", diz Sutton, sua voz curta.

Anders me dá um olhar impessoal e avaliador. "Você ficou com ele a noite toda? Não fará bem a ele se você tiver febre. Eu posso te mostrar outra sala."

"Eu não estou saindo do lado dele." O pensamento dele acordando em um lugar estranho é suficiente para me deixar com coceira. Ky age como se nada o incomodasse, mas eu sei que seria aterrorizante.

Um aceno de cabeça. "Então você pode dormir aqui em uma cadeira. Ou suba na cama com ele. Não vai machucá-lo. Pode até

acalmá-lo. Mas se ele acordar e agir agressivamente, você se afasta imediatamente.”

"Ele não me machucaria", digo imediatamente.

"As pessoas fazem coisas loucas enquanto estão sob a influência", diz Anders, parecendo levemente se desculpar. "Não acho que ele queira machucá-la, mas ele pode não ser capaz de se conter."

Ele sai da sala e me resta apenas a respiração dura de Ky e a intensa presença de Sutton atrás de mim. Não acho que ele queira machucá-la, mas ele pode não ser capaz de se conter. Eu acho que é mais sobre Sutton, essa afirmação.

***

Mantenho vigilante por Ky enquanto ele dorme, sentindo-me enjoada por deixá-lo se preocupar comigo. Nós deveríamos ficar juntos. Ele me salvou. Por que não pude protegê-lo?

"Não é sua culpa, você sabe", vem uma voz atrás de mim. Uma mulher entra vestindo jeans e uma Henley, seu loiro exuberante enrola uma contradição com suas roupas casuais.

"Penny", diz ela a título de introdução. "Minha mãe me

nomeou Penélope da Odisseia, que eu sempre achei que era um homônimo de peso para uma garota do parque de trailers."

"Ashleigh", eu digo.

“Ash-leigh. Parece um nome pesado também. Uma mãe que tinha esperanças de ter um filho.”

Você pode ser qualquer coisa. Ela nunca pensou que eu seria uma prostituta. "Ela ficaria tão decepcionada."

"Talvez." Penny vem se sentar do outro lado de Ky. "Ou talvez ela tenha orgulho de você por sobreviver. É muito mais fácil desistir quando as coisas ficam difíceis. "

"Ou talvez ela prefira que eu morra do que me torne isso."

"Não. Nunca. Nenhuma mãe gostaria que seu filho morresse. Porque esse é o fim. Dessa forma, há mais. Nem sempre parece, mas há mais. "

Ky parece tão frágil na cama. "Mais para ele."

"Muito mais. Uma vida de esperança, desejo e amor.”

Eu olho para ela. "Eu sei quem você é. Penny Scott. Você é dona deste lugar.” “Com o meu marido, sim. O Den é o nosso

espaço seguro. Você encontrará o seu."

Algo sobre a implicação em sua voz me faz olhar para ela bruscamente. "Não será com Sutton. Nós não somos... Nós não somos assim. "

"OK."

"Estou falando sério. Ele me paga por..." Lágrimas caem sobre minhas bochechas. "Ele me paga por sexo."

Ela não parece chocada. "Ele está lá embaixo agora. Estive lá por algumas horas. Quanto ele está pagando por esse tempo?"

Eu me afasto. Ele está lá embaixo agora por culpa. Ele só me encontrou hoje à noite por culpa. *Você tem dezessete anos. Quantos anos você achou que eu tinha*? *Dezoito. Pelo menos*. "Você não entende."

Seus passos cruzam o tapete. Ela coloca a mão no topo da minha cabeça, suave e absolvida. "Não, eu não entendo. Eu não acho que muitas mulheres a julguem, mas elas vão julgá-la de qualquer maneira, não é? Elas acham que sabem tudo, porque é mais fácil do que reconhecer a verdade - que somos todos vulneráveis, que estamos todos a um segundo de uma vida de desespero. Não é algo que você trouxe para si mesma. É algo que

você está sobrevivendo e está fazendo com mais graça e mais força do que aquelas pessoas poderiam sonhar. "

As lágrimas estão caindo livremente agora. "Eu não sei o que fazer com Ky. Ele é tão jovem e tão imprudente. Às vezes acho que ele quer morrer."

"Se é isso que ele quer, você não pode detê-lo."

"Não posso?" Eu olho para ela, essa mulher que é estranha, essa pessoa que me mostrou mais compaixão do que eu poderia ter imaginado.

"Não", ela oferece gentilmente, "Mas você pode sentar com ele. É isso que você está fazendo, e é uma coisa linda. Gostaria de fazer uma pausa? Você pode pegar algo para comer? Vou esperar com ele."

"Não, obrigada", eu digo em um suspiro úmido.

A expressão dela é suave. "Vou mandar uma bandeja então."

Ela se foi há alguns minutos quando Ky se mexe na cama. Estou ao lado dele, oferecendo um copo de água aos lábios ressecados antes que ele possa falar. "O que eu fiz?" ele pergunta,

sua voz rouca.

"Você não fez nada", digo, incapaz de conter o fluxo de lágrimas. É como uma torneira que foi aberta - e a alça quebrou. Não há como fazê-las parar agora. "Fui eu. Eu fui embora e você estava preocupada comigo."

Mesmo nesse estado, a preocupação entra em seus olhos escuros. "Onde você estava?"

"Tem esse cara."

"Apenas histórias tristes começam assim."

Meu coração aperta. "Eu sei."

"Não se apegue, Ash. Você sabe disso."

"Eu errei", eu sussurro.

Suas pálpebras caem pesadamente, e eu sei que ele está prestes a dormir novamente. Seguro a mão dele para que ele saiba que não está sozinho. Mesmo que ele não possa me ouvir, ele saberá disso. "Não é sua culpa", ele murmura, e eu não sei se ele está falando sobre sua má viagem ou se apegando a Sutton. Talvez ambos.

* * *

Sutton

Estou nutrindo o mesmo copo de bourbon. Não tem gosto de nada. Hugo está aqui comigo. Se eu tivesse que adivinhar, Damon Scott ligou para ele. Ele gosta de puxar nossas cordas como se fossemos fantoches. Ele bebe um copo de água porque, assim que terminar, precisa voltar para casa, para a esposa e o bebê.

"Dê o fora daqui", eu digo, apertando minhas mãos ao redor do copo.

"Não há necessidade de ficar hostil, *mon ami.* Eu não estou indo a lugar nenhum."

Às vezes, Hugo é realmente um bastardo. "Eu não preciso de uma babá."

“Oui. Bon. Eu não vou cuidar de você.”

Eu juro que ele fica mais francês, mas ele quer me irritar. "Eu não estou tendo algum tipo de relacionamento estranho de recuperação porque Harper e Christopher se casaram. Eu apenas a conheço e me preocupo com ela como amiga, para

garantir que ela esteja bem."

Lá. Tudo isso parecia muito razoável. Pena que é um monte de merda.

Hugo dá um suspiro francês e toma um gole de água.

O Den está bem vazio. É uma quarta-feira à noite, mesmo assim isso está vazio. É mais do que um bar. É o playground dos ricos e licenciosos. É também um salão moderno para pensadores gratuitos. "Onde diabos estão todos?"

"Acho que eles deram uma olhada no seu rosto e fugiram assustados." Eu passo a mão no meu rosto e cabelo. "Eu não sou tão ruim."

Bem, acho que Damon Scott pode lhe enviar uma conta pelo serviço perdido."

Antes que eu possa responder, a porta se abre. Blue entra, trazendo com ele uma onda de ar frio e úmido. Deve ter começado a chover. Agora tenho certeza de que alguém ligou para eles. Hugo e Blue eram dois dos meus melhores amigos.

Juntos com Christopher.

Nós quatro nos encontrávamos todas as semanas, não

importa o quanto estivéssemos ocupados com o trabalho. Somos apoio e suporte. Somos pedras firmes em um mundo invertido. Até tínhamos um nome, sendo os bastardos ambiciosos que somos. Clube dos Ladrões. Porque cada dólar ganho é um dólar retirado de outra pessoa. Se ganhamos esse dinheiro por meio de investimentos ou edifícios, ou no caso de Hugo, dormindo com mulheres ricas.

Blue senta-se com aquele maldito porte militar. "O que eu perdi?"

“Sutton está se sentindo muito triste por la courtisane."

Minhas sobrancelhas se levantam. “Você sabe o que ela faz."

“Mas é claro. Eu a reconheço da esquina da rua. Menina muito bonita.”

“Você sabe quantos anos ela tem?"

Hugo pensa rapidamente, como se estivesse fazendo um cálculo. "Eu diria dezessete."

“Droga.”

“Meu conhecimento das mulheres é incomparável."

“Então você pode falar com ela. Ela sente vergonha do que fez para sobreviver."

“Ela tem vergonha? Ou você quem está?”

“Inferno”, eu digo em um rosnado. Eu não tenho vergonha dela. “Estou muito chateado com todos que fizeram disso sua única escolha. A mãe, o pai e quem mais fez isso acontecer.”

“Acho que ela não quer receber notícias de uma colega antigo, mas estou sempre aqui se ela precisar de mim. Existem algumas manchas que nunca desaparecem.”

Isso me faz levantar as sobrancelhas. Até Blue parece surpreso. Ele é quem fala primeiro. “Você sempre parece tão seguro de si. Não achei que você se importasse.”

“Não me importo com as boas noites, das quais houve muitas. As noites ruins tendem a demorar.”

"Acho que ela teve noites ruins."

“Você a ajudará mais do que eu. Seja paciente. Seja amável. Seja amoroso.”

A palavra é como um tapa. "Eu não a amo."

Blue limpa a garganta e eu sigo seu olhar azul. Ashleigh fica lá parecendo uma deusa traída, magoada, orgulhosa e insuportavelmente digna. *Eu não a amo*. As palavras ecoam no ar ao nosso redor. Não há nada que eu possa dizer para corrigi-los, nada que não pareça falso.

A porta se abre novamente e eu meio que espero ver Christopher. O que seria ridículo, pois ele está em lua de mel. Mas ele completaria a nós quatro. Ele saberia o que fazer com Ashleigh. Eu preciso parar de querê-lo.

Em vez disso, um homem que não reconheço, alguém alto e magro, vestindo um terno. Ele se parece com qualquer um dos homens por quem eu passaria os arranha-céus do centro da cidade.

Os olhos castanhos de Ashleigh se arregalam. "Você."

Ele lhe dá um olhar vazio. “E você é?”

"Eu sou amiga de Ky. E você não vai chegar perto dele."

Ah. O homem não parece preocupado com o pronunciamento dela. "Então ele está aqui."

"Você realmente não se importa com ele. Você só o quer por

sexo. Você tem mais dinheiro do que sabe o que fazer com ele, mas não o ama. Você não pode amá-lo.” Seu lábio inferior treme. "Você se recusa a amá-lo."

O homem olha para ela gravemente. “Eu nunca afirmei amá-lo, mas posso cuidar dele. Muito melhor que você, estou disposto a apostar. "

"Eu não ligo", diz Ashleigh. "Você é o Sr. Monopólio, feito de papel e plástico. Você não é real. Você não o visita uma vez por mês e depois vem aqui e finge se importar.”

"Ash." A palavra vem suave e fraca do topo da escada. É o garoto. Ky. Ele parecia jovem quando eu o encontrei, mal respirando. Ele parece ainda mais jovem agora, agarrado ao poste. Em alguns segundos o homem - Sr. Monopólio - subiu os degraus e capturou Ky em seus braços. "Shhhh", ele murmura. "Eu estou com você."

"Você não está levando-o", Ashleigh adverte, parecendo pronta para lutar com ele fisicamente.

"Ashleigh", diz Ky, alcançando-a com um braço fraco. Ashleigh aperta a mão dele na dela.

“Deixe-me ... ir com ele. Me deixa ir."

Ela parece doente, como se ela pudesse vomitar. Quero segurá-la em meus braços, mas não posso. Não posso esquecer que ela tem dezessete anos. Não consigo esquecer os pecados que já cometi. Se ela quiser lutar contra esse idiota, eu farei isso por ela. Mas ela dá um passo para trás. "Não", ela sussurra. "Não se apegue."

"Você também." Uma risada desigual. "Você também, Ash."

O homem reúne Ky em um aperto seguro e sai. Há um motorista e Bentley esperando do lado de fora. O Sr. Monopólio não é um nome tão errado. Isso me faz pensar no que ele está fazendo passeando pelas ruas para seus amantes. Suponho que as pessoas possam perguntar o mesmo de mim. Como se fossem uma classe baixa, um grupo de pessoas que não merecem. Eles não precisam de amor, certo? Não quando estou pagando.

Você tem mais dinheiro do que sabe o que fazer com ele, mas não o ama. Você não pode amá-lo. Você se recusa a amá-lo.

Ela não estava falando apenas com ele. Ela estava falando de mim.

Capítulo Vinte e dois

Ashleigh

Sutton me leva para sua casa e me leva para dentro. Estou exausta demais para protestar. É o tipo de exaustão que me esvazia.

Sutton me coloca no chuveiro e lava meu cabelo. Então ele me coloca em uma poltrona, vestindo apenas uma de suas camisetas brancas. Ele me traz uma xícara fumegante de chá, mas eu não consigo beber nada. Estou cansada, mais atormentada por uma agitação que torna impossível descansar.

Ele está na minha frente. "Diga-me de onde você é."

"Não."

"Você não tem uma família que possa ajudá-la?"

"Eu te disse. Meus segredos são meus."

"Não, se você estiver em perigo nas ruas. Se nada mais, Ky provou isso. Eu me preocupo com você."

"Do jeito que o Sr. Monopólio se importa?"

“Sim, droga. Isso é tão errado? Por que podemos pagar dinheiro, mas não dar a mínima?”

"Eu não te devo isso. Você não comprou meus segredos.”

"Comprei seu tempo", diz ele, como se catalogasse um pedido de compra. “Eu comprei seu corpo. Seus beijos. Isso está certo? Apenas essas coisas?”

"Sim." E meu amor. Eu dei isso a ele de graça, embora ele não saiba. Provavelmente o horrorizaria saber que eu me sinto assim. Talvez ele tenha fugido então. Exceto que não consigo contar a ele. Me despiria de uma maneira que eu não estive.

"Então deixe-me comprar seus segredos."

"O quê?"

"Quanto eles custam? Diga seu preço."

Eu olho para ele. "Meus segredos não estão à venda."

"Tudo está à venda."

Deus. Talvez este seja o problema de ser rico. Você se sente autorizado a tudo. Eu dou a ele uma quantia ridícula. "Cem mil

dólares."

"Feito." Ele caminha até uma mesa e pega algo - um pequeno retângulo de couro que parece um talão de cheques. Uma caneta. Ele rabisca algo. Então ele se aproxima de mim e me entrega o cheque. Cem mil dólares.

"Isso é ridículo", eu digo, mas pareço mais em pânico do que em dúvida. "Isso não é real."

"É real o suficiente. Preciso de um sobrenome, no entanto. Você está pronta para me dizer isso?"

Com meu sobrenome, ele provavelmente poderia descobrir todo o resto. Essa é outra dessas coisas de gente rica. "Eu quebrei o vaso favorito da minha mãe quando eu tinha oito anos. Eu estava com tanto medo de contar a ela e vê-la decepcionada que enterrei todas as peças no quintal. Um dia, simplesmente desapareceu e ela nunca soube para onde foi."

"Esse não é um segredo real."

"Você não especificou o tipo de segredo que estava comprando."

"Meu pai costumava me bater com tanta força que meus

pés saíam do chão. Eu tentava não fazer barulho. Eu senti que era assim que venceria, sem emitir nenhum som. Agora que sou adulto, acho, por que não gritei? Por que eu não contei? Por que eu não disse a ele que ele era um bastardo malvado?”

"Eu sinto muito."

"Eu não queria me apaixonar por ninguém. Então eu conheci Christopher e descobri que sou bissexual. Ele não era. Então eu tive que amá-lo como um parceiro de negócios. Depois, houve Harper.” Ele dá uma risada suave. "Você acha que eu aprenderia."

"Não", eu sussurro.

"Não se apegue? É tarde demais para isso, Ashleigh. O amor é o grande experimento humano. Tentamos de novo e de novo. Não importa quantas vezes falhamos ou quanto dói."

"Sempre dói."

"Eu tenho essa teoria de que às vezes não. Se essa pessoa te ama de volta.”

"Meu pai nunca me bateu."

Sutton fica quieto, sabendo que esse é o verdadeiro

segredo. "Ash", diz ele, do jeito que Ky diz.

“Ele nunca parecia se importar muito comigo. Eu pensei que era apenas - o jeito que ele me amava. Esse tipo de pai distante. Mais ocupado com o trabalho do que sua família. E então eu completei quinze. Eu precisava comprar sutiãs - sutiãs de verdade, não sutiãs de treinamento. E ele começou...”

"Eu amo você", diz Sutton, dessa maneira feroz. Parece que espadas e pontes levadiças, essas palavras. Como se ele quisesse lutar por mim. E quando ele diz isso, não dói.

"Ele veio atrás de mim. Sempre atrás de mim. Nunca me encarando. Ele me procurava e me tocava, e eu ficava muito quieta, porque tinha medo. Por que eu estava com medo? Por que não gritei ou o chamei de bastardo malvado?”

"Porque ele é seu pai", diz Sutton gentilmente. "Os pais têm esse poder." “Ele me tocou debaixo da minha camisa. Debaixo do meu sutiã.”

"Cristo."

“Eu acho que poderia ter ficado morando lá, se não fosse isso. Essa é a pior parte. Eu disse à minha mãe.” Um buraco se forma no meu peito. "Ela não acreditou em mim. Ela disse que eu

estava mentindo, que se eu quisesse dizer isso, deveria sair, porque ela não queria me ver.”

"Então você foi embora."

"Dói muito", digo a ele, com lágrimas escorrendo no meu rosto. “Ela era minha mãe. Meu tudo. Todo dia ela dizia, eu te amo. Mas o que isso significa? Nada."

Ele me abraça até que os soluços parem. Eu me viro em seus braços, pressiono um beijo em seu pescoço. Ele fica muito quieta, e eu me contorço, tentando me aproximar.

"Vamos para a cama", ele diz gentilmente, e isso me parece bom.

Ele me levanta nos braços e me carrega até lá. Os lençóis são frios nas minhas pernas. Ele puxa as cobertas para mim. Observo enquanto ele tira a roupa, deixando-o apenas em cuecas boxer.

Eu me enrolo em seus braços, e ele me aproxima. E então não faz nada.

Minha perna pressiona a dele, e eu posso sentir sua excitação, mas ele só fica lá me segurando. Eu corro minha mão

ao longo de seu peito largo. Meus lábios encontram seu ombro, sua mandíbula, seu pescoço.

“Ashleigh.”

“O que?” Eu sussurro. “Eu não estou cansada.”

“Você está exausta, mas esse não é o ponto.”

“Então qual é o objetivo?”

“Eu não posso fazer isso com você”, ele finalmente diz, parecendo resignado. E muito sério.

“O que?” Eu me levanto para encará-lo. “Por quê?"

“Porque você tem dezessete anos.”

“Eu tinha dezessete anos antes quando fizemos isso."

“Sim. E isso é algo que eu tenho que enfrentar, algo que eu deveria ter enfrentado antes de tocar em você. Talvez parte de mim soubesse, mas não queria pensar nisso. Não importa, porque eu sei agora. E quero você mais que a vida, mas não posso ter você.”

“Eu quero fazer sexo com você.”

Ele geme. “Ashleigh. Eu não posso fazer isso e ainda me respeitar.”

A dor me atravessa, seguida de perto pela raiva. A raiva parece mais segura.

“Isso não é justo. Estou sozinha há seis meses. Sou mais adulta do que uma criança na faculdade, onde seus pais pagam por tudo.”

“Sim.”

“E eu já fiz sexo antes. Sexo ruim. Bom sexo.”

“Sim.”

“Mas você ainda não vai fazer sexo comigo? Isso é besteira, Sutton. Eu sei que você está tentando fazer a coisa certa, mas tudo o que você está fazendo é tirar todo o poder que eu possa ter. Esta é minha decisão.”

“Inferno, Ashleigh. Você está certa em tudo, mas ainda não consigo tocar em você. Eu me tornei muito parecido com meu pai, mas agora chega. Você me fez forte o suficiente para parar. Se você pôde viver a vida que teve, se conseguiu sobreviver, então eu posso superar o maldito coração partido. Não vou tocar

em você sem entender as consequências. Não mais."

"Que consequências?"

"Que você se importa comigo", diz ele gentilmente.

Desvio o olhar, mas não antes que ele veja as lágrimas nos meus olhos. "Eu não."

"E que eu me importo com você. Venha aqui e me deixe te abraçar. Deixe-me ter isso."

Eu quero dizer a ele não por despeito. A ironia não me escapa, que semanas atrás eu não queria que ele me tocasse, não queria que nenhum homem me tocasse. E agora estou brava com Sutton por ele não quer fazer sexo comigo. "Por que se importar comigo é tão errado?"

"Não é. Deus, Ashleigh. Não é errado se importar, mas isso vai doer muito mais quando não pudermos ficar juntos. Você tem dezessete anos. Você tem uma vida inteira pela frente. Tenho trinta e dois anos e não posso te prender agora, quando você está vulnerável."

"Não sou vulnerável", digo, mas isso é tão claramente uma mentira que rio baixinho. É uma risada aguada. Eu tenho

chorado e rido tanto que me sinto um pouco desequilibrada.

Ele me puxa para perto dele, seus braços apertados, seus lábios em minha têmpora, macios. “Você sabe o quanto dói não te ter agora? Mas está certo. Deveria doer. Isso é amor.”

* * *

Ashleigh

De manhã, acordo na cama sozinha. A luz do sol flui através da janela, desenhando linhas através dos lençóis brancos amarrotados. Do lado de fora, Bowie canta que é hora de acordar. É um lugar tranquilo para dormir, uma casa que não é minha. Ou é? Talvez Ky possa morar com o Sr. Monopólio e eu possa morar com Sutton. E talvez contos de fadas se tornem realidade.

Encontro Sutton na mesa da cozinha esperando por mim. Reconheço o cheque da noite passada. Medo se forma no meu estômago. Não, não posso esperar nada. Não há final feliz para uma prostituta que trabalha na rua. Apenas tragédias para nós.

Ele me entrega um pedaço de papel. *Adeleide Johnson*, diz em letras maiúsculas em negrito. Juntamente com um endereço. Meu investigador descobriu isso esta manhã.

Meu coração aperta.

“Mãe”, eu sussurro.

“Parece que ela o deixou quando você fugiu.”

Ela o deixou? Isso deve me fazer sentir melhor. Não tenho certeza se posso perdoá-la por não estar lá quando preciso dela. Não sei se tenho escolha. O coração se move sem permissão. Antes mesmo de decidir de um jeito ou de outro, eu a perdoei.

Eu também sei que as coisas nunca podem voltar ao que eram antes. Depois de morar nas ruas, nunca mais posso voltar a ser menina. Algo quebrou quando ela se afastou de mim, alguma discussão de mãe para filha. Mesmo que eu a veja e quero, minha respiração fica presa com o quanto eu quero, nunca mais será a mesma.

Sutton adianta o cheque e vejo que não é o mesmo da noite passada. Tem um número muito maior. Um zero adicional, por um lado. Eu olho para ele, sem entender. “O que é isso?”

Ele encontra meus olhos com determinação sombria. “Eu não posso estar com você. Não assim. Parte de mim sempre se perguntará se você me escolheu porque não há outras opções.”

“Sutton.”

“Talvez tire seu poder. Deus sabe que você ganhou muito. Mas eu te amo demais para arriscar. Se eu me aproveitasse de você agora, não poderia viver comigo mesmo.”

A realização me faz doer. “Então o que você está dizendo? Adeus?”

Ele olha para as mãos, onde estão entre os joelhos. Ele é força masculina e contemplação. “Você sabia que eu pensei que era minha culpa? Harper escolher Christopher? Que meu amor não era tão profundo quanto o dele. Que eu era mais superficial, e ela podia sentir isso em mim. Que eu era mais fraco porque amava duas pessoas em vez de uma.”

“Sutton, não.”

“Sim.” Sua voz se endireita. “Era um amor mais superficial do que eu era capaz, e talvez ela tenha percebido. Não foi diminuído porque havia dois deles. Foi diminuído porque eu estava esperando por você.”

Balanço a cabeça, sem ver. “Então por que você está me mandando embora?”

“Eu os amei com um amor egoísta e superficial. Eu os queria para mim. Mas você... Deus, Ashleigh. Eu te amo da maneira real. Profundamente. Significa que eu preciso que você fique segura, isso é forte mais do que eu preciso respirar. Então sim. Sim. Isto é adeus.”

“Isso não é justo.” Mesmo quando digo as palavras, sei que elas me fazem parecer ter minha idade. Como uma garota de dezessete anos, ela tem medo de aproveitar. Talvez seja isso que eu sou. Eu sou inocente e cansada do mundo. Eu sou jovem e inefavelmente cansada ao mesmo tempo. Eu sou tudo. Por que não posso ser tudo? Quem decidiu que tínhamos que ser apenas uma coisa - a virgem ou a prostituta?

Ele bate no cheque. “Há o suficiente aqui para a faculdade. Para faculdade de medicina. Ou para viajar pelo mundo. Faça o que quiser, construa uma vida para si mesma.”

Eu seguro as lágrimas. “Duas estradas divergiam em uma floresta, e eu - eu peguei a menos percorrida.”

“E isso fez toda a diferença.”

Meu lábio treme. “Não acredito que você esteja fazendo isso.”

Ele parece levemente irônico. “Eu também não, honestamente.”

“Então você quer que eu saia com caras? Case com eles?”

“Se é isso que você quer”, ele diz com voz rouca. “Mas se...”

“Mas se...”

“Se você construir uma vida e houver espaço para mim, eu estarei lá.”

* * *

A coisa engraçada sobre manter um cheque de dois milhões de dólares é que você não pode sacá-lo sem alguma forma de identificação. É o próprio Blue - com aqueles familiares olhos azuis que eu reconheceria de qualquer lugar, como os de Sutton - que me afasta do rancho em seu Expedition negro.

Ele parece casualmente competente e intimidador a distância. “A Blue Security administrará seus alojamentos e cuidados até o momento em que você tomar posse dos fundos.”

“Essa é à sua maneira de dizer que não sou mais sem-teto?”

Ele me dá um olhar apreciativo. “Então você é o tipo direto

de cliente.”

“Acho que não sou cliente, porque não estou pagando. Mas sim, acho que prefiro as coisas diretamente. Já cansei de ficar no escuro.”

“Presumo que você não tenha a sua identidade. Podemos solicitar uma certidão de nascimento e cartão de segurança social. De lá, podemos pegar um cartão de identificação do estado.”

Olho pela janela, para as terras agrícolas que estão se transformando rapidamente em cidade. Estamos saindo de Sutton. Estamos saindo de Haven. Estamos saindo da noite mais escura do ano, e deve haver algum conforto nisso. Seria melhor se não parecesse que meu coração ficou para trás. Minha mãe pode ter essas coisas.

“Você não precisa vê-la.”

O que responde à pergunta sobre o quanto Sutton disse a ele. “Seria mais rápido. E quanto mais cedo você puder parar de ser minha babá com o dinheiro de Sutton, melhor. Além disso, quero vê-la.”

“Você é a chefe”, diz ele em um tom que significa o

contrário.

Deslizo o pedaço de papel com o endereço dela. “Eu gostaria de ir aqui.”

Não paramos em lugar nenhum, algum motel bege onde eu possa ser transferida para alguém menos experiente. Em vez disso, Blue digita o endereço no GPS e nós dirigimos para um dos subúrbios mais tristes de Tanglewood. O papelão McMansions caiu em desuso. Prédios de apartamentos surgiram onde costumava haver parques. É em um daqueles prédios de apartamentos de aparência cansada que paramos.

Há uma queda de ar quando um ônibus para na rua. Alguém sai do ônibus, parecendo mais magra do que me lembro, mais velha do que me lembro. É ela. Estou congelada no chão. Tudo o que sinto é amor e mágoa. É uma luta para segurar qualquer raiva.

Ela abaixa a cabeça enquanto caminha em nossa direção. Quando ela se aproxima, ela olha para cima. Um suspiro que pode ser ouvido do outro lado do estacionamento. Suas compras caem no cascalho. Um pêssego rola através de uma poça. Então ela está correndo para mim, me pegando em seus braços. “Minha menina. Minha doce menina. Você está viva.”

Ela me abraça e eu choro. Parte de mim quer voltar ao jeito que tudo poderia ter sido - se ela tivesse saído comigo quando eu contei a ela, se eu pudesse confiar nela. Eu moraria neste apartamento triste e ficaria feliz assim. Teria ficado em casa.

Em vez disso, dou-lhe o cartão de Blue. “Estou aqui.” Minhas palavras gaguejam e me sufocam. “Eu queria que você soubesse disso, que estou segura agora. Você pode me ligar aqui.”

E então eu entro no banco do passageiro do carro e fecho a porta.

Blue murmura algo para ela e, lentamente, ela se move para a calçada. Ele recolhe os seus mantimentos - todos, exceto o pêssego, que está arruinado agora - e entrega a ela as suas sacolas. Eu a amo como minha mãe. Eu sempre vou. Mas esse amor tem uma rachadura profunda e indelével. Eu quero tê-la na minha vida. Mas não posso pedir nada a ela.

Nem mesmo minha certidão de nascimento. Blue se afasta do espaço e me afasta.

Capítulo Vinte e três

Sutton

Seria tão fácil procurá-la. Tão fácil descobrir onde ela está, para mostrar onde ela mora. É a maior luta do meu dia, não a procurar. Examino todos os rostos quando entro em um restaurante ou uma cafeteria.

Eu a procuro na rua, mas não me permito procurá-la.

Minha tristeza desta vez parece diferente. Não se trata de beber ou sentir pena de mim mesmo. Eu me jogo no trabalho, construindo minha própria vida. Construir algo que me orgulhe.

Algo que me faria digno dela.

Estou sentado no meu escritório, trabalhando nos planos quando alguém bate.

“Estou comendo”, digo à sra. Ness sem olhar para cima. Há um sanduíche de peru, salada de batata e uma grande fatia de torta de limão esperando por mim na minha mesa.

“Eu não sou a Sra. Ness”, vem uma voz da minha memória.

Eu olho para cima e há Christopher. Ele parece exatamente como eu me lembro dele: bonito e desconfiado. Outras pessoas o veem distante, mas eu sempre soube que ele é tímido.

“Olá.”

“Posso entrar?” Ele levanta um saco de papel branco. "Eu trouxe presentes.”

“Contrabando. Excelente.”

Benny's é um lugar para churrasco na mesma rua do nosso escritório. Em vez disso, na mesma rua do nosso escritório, quando tínhamos um. A empresa de vida curta e malfadada de Bardot e Mayfair.

Ele entrega a bolsa e eu olho para dentro para encontrar dois recipientes de isopor cheios até a borda. Eu passo uma de volta para ele e guardo uma para mim. Nenhum de nós se preocupa com talheres de plástico.

Eu dou uma mordida e fecho meus olhos em um gemido. “Deus, sim.”

Christopher faz o mesmo e a expressão que ele faz é puro

prazer erótico, mesmo com o toque de molho barbecue no canto da boca. A visão me prende por um momento. Provavelmente a visão de um homem bonito sempre será, mas é um tipo distante de apreciação.

Eu dou outra mordida na carne quente. “Como você sabe quanto tempo faz?”

“Provavelmente desde que você saiu.”

“Sra. Ness nunca pediria a partir daí.”

“Buceta”, diz ele, embora a palavra não tenha calor.

Nós dois recebemos instruções da mulher mais velha. Ela era nossa gerente de escritório quando compartilhamos um escritório. Quando nos separamos, de alguma forma eu acabei com ela, pela qual eu estava agradecido. Suponho que foi uma compensação por Christopher conseguir Harper.

Quando termino a linha completa de costelas, passo para o pão de jalapeño. “Então o que é isso? Uma oferta de paz? Ou você precisa que eu assine alguns papéis?”

“Inferno”, diz ele. “Por que não ambos?”

Eu tenho que rir disso. “Você é mais bastardo que eu,

Christopher."

Ele parece ofendido. "Claro que sou. O que você acha que ficar andando por algumas semanas compensa a vida inteira de ser um bastardo frio e conivente?"

"Você não é tão ruim quanto pensa que é."

"Eu não sou tão bom quanto você pensava que eu era."

"Não, provavelmente não. Ninguém pode viver de acordo com os pedestais, pode?"

"Aqui está a coisa sobre mim e Harper. Você a amava por tudo de bom nela. Você a amava apesar de suas falhas, mas eu a amo por causa delas. Ela é vaidosa, egoísta e perversa."

"Ela não é..."

"Sim ela é. Ela também é talentosa, generosa e tão carinhosa que faz meus dentes doerem. Ela é uma pessoa inteira, o bom e o ruim, e eu amo cada parte disso. Ela merece alguém que ama todas as partes dela. E você merece alguém que ama cada parte de você."

"Ei", eu digo. "O que há para não amar? Um alcoólatra com problemas de controle da raiva."

“Haverá alguém que ama essa parte de você.”

Talvez eu já tivesse essa pessoa. Talvez eu tenha desistido dela.

E eu entendo o que ele quer dizer.

O fato de ela morar na rua. O fato de ela se prostituir. Há homens que a julgariam por isso. Eles podem estar com ela apesar disso, mas não a apreciariam por causa disso. Quando olho para o tempo dela na esquina, vejo apenas sua força. A sobrevivência dela. O mundo seria um lugar mais sombrio se ela se fosse. Tentou apagar a luz dela. O pai dela. Até a mãe, por tudo o que se arrependeu depois.

Talvez Christopher tivesse razão. Vi as falhas de Harper, mas ele as vê como pontos fortes. Da mesma maneira que vejo Ashleigh. Isso é amor.

* * *

Ashleigh

SUGAR mergulha sua pata na minha xícara de chá. Então, ela atravessa minha lição de química orgânica, deixando impressões molhadas. Uma pilha fica precariamente na beira da

minha mesa, organizada por um sistema de prazos, assuntos e pensamentos aleatórios na minha cabeça.

Alguém bate na porta do meu dormitório.

É o Jason da minha turma. “Você fez anotações da aula de ciência política?”

“Sim, você quer vê-las?” Quando ele assente, pego uma pilha de papéis.

Ele assobia. “São muitas.”

“O professor Morris estava empolgado.”

“Posso fazer cópias disso e devolvê-las?”

“Claro.”

Ele faz uma pausa na minha porta e Sugar olha os tornozelos dele como se ela quisesse atacar. É um dormitório particular, então podemos ter um animal se pagarmos uma taxa enorme. Mas isso significa que não há mais ratos caçando. Em vez disso, Sugar gosta de atacar os pés dos meus amigos. “Talvez eu possa devolvê-los hoje à noite. Você gostaria de sair para jantar?”

Um encontro. Ele está me convidando para um encontro. Ele está me convidando para um encontro. Ele não é o primeiro garoto a fazê-lo, mas é o primeiro em que pensei em dizer sim. Jason é fofo e gentil. Penso em Sutton, mas ele não está aqui. Ele me deixou. Parte de mim quer ficar chateada, mas parte de mim também sabe que ele estava certo. Eu tenho que pelo menos namorar outro garoto na minha vida. Isso tem que fazer parte do experimento. *Se você construir uma vida, e houver espaço para mim, eu estarei lá.* Sim, eu digo. “Um jantar seria ótimo.”

Capítulo Vinte e quatro

5 anos depois ...

"ASHLEIGH JOHNSON."

Até o momento em que meu nome é chamado, parte de mim não acredita que seja real. Levanto-me e subo os degraus para o palco. A banda toca sua curta montagem. É um departamento pequeno em uma escola pequena, com uma turma de 20 na Escola de Ciências Naturais. O reitor sorri para mim e pronunciou mal meu nome - Ash-lee - e me entrega uma folha de papel enrolada. Nós posamos para fotos. Parece um borrão, como se talvez fosse um sonho e não real.

Somente quando estou atravessando o outro lado eu o vejo.

A plateia se senta em cadeiras dobráveis brancas do outro lado do gramado verde, a massa delas se movendo. Pais. Irmãos. Amigos. Por isso ele se destaca. Outras pessoas olham para baixo e folheiam o programa. Outras pessoas acenam para os filhos, esperando a vez deles. Outras pessoas estão em seus telefones.

Minha mãe enxuga as lágrimas dos olhos.

Até Ky está com a câmera na frente do rosto, tirando fotos.

Sutton está completamente imóvel, me olhando de terno, um ponto sólido em uma tempestade. Eu reconheceria aqueles olhos azuis do espaço sideral. Aquele cabelo selvagem e mandíbula quadrada. Aquele corpo que parece tão confortável em jeans e camiseta quanto em um terno personalizado.

O resto da cerimônia leva uma eternidade.

Então jogamos nossos chapéus no ar. Mesmo antes de atingirem o chão, estou empurrando a multidão, procurando por ele. Ele me encontra e me puxa para um abraço de urso. Ele cheira a sol e especiarias masculinas. Eu quase me lembrei desse perfume nos meus sonhos.

“Parabéns”, ele diz no meu ouvido.

Há uma multidão de pessoas ao nosso redor. Este não é um momento privado, exceto que é. Nós somos o lugar sólido no meio de uma tempestade. “Você recebeu meu convite.”

“Eu viria de qualquer maneira. Foi melhor eu não que me esgueirar, no entanto.”

Isso me faz rir. A segurança neste campus universitário é risível. Então meu sorriso desaparece. “Eu não tinha certeza de que você viria. Ou que você se lembraria.”

“Todo dia. Toda noite. Toda maldita hora.”

“Não foi tanto tempo que nós ficamos juntos. Não comparado a uma vida.”

“Uma vida não valeria muito sem amor.”

Eu prendo a respiração. “Amor?”

Ele pressiona o rosto no meu cabelo e respira fundo. “Eu tenho essa teoria.”

“Não importa quantas vezes falhamos ou quanto dói.”

“Não importa quanto tempo temos que esperar.”

Parece quase impossível que ele possa ter vindo. Que ele me amaria e eu o amaria. Uma chance em um bilhão. O grande experimento humano. “Funcionou?”

Olhos azuis procuram os meus. “Vamos descobrir.”

Isso me faz rir, embora não tenha certeza do porquê. É um som alegre.

Sutton tira algo do bolso e cai sobre um joelho. Um diamante brilhante cortado em almofada brilha para mim em uma caixa azul da Tiffany. “Case comigo.”

Emoção aperta minha garganta. Lágrimas picam meus olhos. As pessoas se voltam para nos assistir. Há palmas e aplausos. Estamos cercados por amigos e por estranhos. Todos eles entendem o que está acontecendo, porque isso é mais do que um experimento.

É a grande constante humana. “Sim.”

As pessoas ao nosso redor enlouquecem. Mais chapéus voam no ar.

Sutton me puxa para seus braços e me beija como se nunca estivesse me deixando ir.

* * *

Ashleigh

Eu o levo de volta ao meu dormitório, que está repleto de estudantes indo para festas e algumas famílias ajudando seus graduados a se mudarem. Sugar assobia quando vê Sutton e sai correndo da sala. “Não leve para o lado pessoal”, eu digo. “Ela

odeia homens. E meu vizinho mantém guloseimas na mesa de cabeceira."

Ele vê esse rosto como se estivesse segurando algo. Um comentário. Uma pergunta.

"O que?" Eu pergunto, parando no ato de mover uma caixa de livros da minha cama.

É como se a pergunta fosse tirada à força de seu corpo, captando tudo o que estava saindo. "Houve muitos homens aqui? Cristo. Eu não deveria perguntar isso."

Eu tento parecer severa. "Você é uma vagabunda me envergonhando?"

"Deus. Não, eu sou um homem das cavernas. Não há desculpa para isso."

Ele é tão adorável quando está perturbado. Adorável, bonito e sim - há algo claramente de homem das cavernas nele. O terno e a calça não podem disfarçar o homem primitivo que veio reivindicar sua companheira. "Houve muitas mulheres para você?"

"Não."

“E os homens?”

“Não, mas sou amigo de Christopher novamente. Apenas Amigos. Não há ninguém para mim. Tenho cinco anos de frustração acumulada. Cinco anos no ginásio e nos chuveiros frios. Cinco anos me masturbando com a imagem de você na minha cama. Você não vai me deixar esperando, vai Ashleigh?”

Depois de limpar o espaço na cama, vou até ele, passando os braços em volta de seu pescoço. Estamos a centímetros de distância. “Eu namorei”, murmuro.

Suas mãos me apertam. "Eu não estou bravo com você. Eu juro. É só que eu preciso correr dez milhas e então podemos ter essa conversa."

Eu rio baixinho. “Eu nunca os trouxe aqui.”

Ele não relaxa. “Você tem o direito de namorar quem quiser.”

“Ou fui para a casa deles.”

“É natural querer explorar.”

“Não havia ninguém que eu quisesse, exceto você.”

“Obrigado, porra”, diz ele, pressionando seus lábios nos meus. Sua língua procura na minha boca, encontrando minha língua, meus dentes, a seda no interior das minhas bochechas. É como se ele quisesse explorar cada centímetro quadrado de mim, como se quisesse me respirar em seus pulmões.

Caímos em um emaranhado de membros na minha cama de solteiro, completamente vestidos, nossos lábios juntos. Suas pernas são longas demais para o espaço, e esbarramos na cabeceira da cama e na minha mesa de cabeceira.

“Desculpe”, eu digo, ofegando quando meu cotovelo bate na parede.

“Há espaço em sua vida para mim?” ele pergunta, seus olhos azuis profundos.

Há muita coisa que não sei sobre minha vida. Eu me formei com honras com um bacharelado em biologia. Eu tenho aceitação na faculdade de medicina. Haverá longas horas de residência e uma quantidade ridícula de trabalho para alcançar meus sonhos. Mas eu sei uma coisa. Há espaço para o amor sim eu digo acariciando seus cachos selvagens para trás da testa. Há novas linhas em seu rosto. Linhas de estresse. Sulcos no lado da boca. Este não é um homem com medo do trabalho duro.

“Eu te amo, Sutton Mayfair.”

“Bom”, diz ele, virando-me de costas. “Porque eu esperei tempo suficiente.”

Epílogo

O carro passa pelo Den e eu fico tenso no banco do passageiro.

“Você está bem?” Ele murmura. É claro que ele vê a ansiedade aumentando, mesmo que eu tenha tentado escondê-la. Ele me disse que estávamos vindo para o lado oeste. Eu sabia que isso criaria algumas lembranças.

“Claro”, eu minto.

Ele murmura uma maldição silenciosa. “É muito cedo. Podemos voltar outra hora.”

“Não.” Eu insisto. “Eu quero ver minha surpresa.”

A mão dele corre sobre o rosto e pelos cabelos da maneira que ele faz quando está frustrado consigo mesmo. Faz com que pareça amarrotado e sexy. “Eu deveria ter lhe trazido flores como uma surpresa. Balões. Chocolate. Você gosta de chocolate?”

“Vamos comer chocolate mais tarde.”

Nós só temos algumas semanas até eu começar a faculdade de medicina neste outono, então estamos aproveitando ao máximo - andando a cavalo pelo rancho, saindo para feiras locais e festivais culturais. É como se estivéssemos determinados a compensar o tempo que esperávamos ficar juntos.

Hoje de manhã ele me acordou com algo novo: uma surpresa. Conhecendo Sutton, poderia literalmente ser qualquer coisa.

Paramos na minha esquina normal e meu pulso acelera. Quantas noites eu fiquei naquele canto, abraçando o poste, tentando reunir coragem para conseguir um cliente? Eu pensei que os anos facilitariam, mas a vergonha afunda no meu estômago.

Ele murmura outra maldição.

Olho os dois metros quadrados de concreto. Eu já posso ver todas as rachaduras em minha mente. Todo lugar irregular nos tijolos do prédio. Cada rotina na rua. Este lugar é mais familiar para mim do que qualquer coisa que eu conheça agora - meu dormitório, a universidade. Não importa quanto tempo tenha passado, este canto está marcado em minha mente.

Estou tremendo quando Sutton abre a porta do meu carro. Ele me puxa para ficar de pé. “Devemos sair daqui?”

“Não”, eu digo teimosamente. “Não até eu ter minha surpresa."

Seus olhos azuis são ternos. “Você sabe que te amo.”

“Você sabe que eu também te amo.”

Ele me puxa para frente e depois sai do caminho, revelando a fábrica de açúcar. Também tenho mapeado cada centímetro daquele lugar, a janela pela qual pulei, a escada de incêndio que subi. Eu poderia esboçar o interior o mais rápido possível que um coração humano.

Exceto que nada disso está mais lá.

O edifício foi restaurado, o exterior foi reparado e o tijolo iluminado. A luz amarela pressiona contra as janelas. Ondas de fumaça de algum lugar no topo do edifício. Uma placa sobre a porta da frente diz: *Safe Haven*.

Como se estivesse em transe, vou em direção à entrada, Sutton me seguindo atrás. Uma placa marca a entrada da frente, com o seguinte verso:

O bosque é adorável, escuro e profundo,

Mas tenho promessas a cumprir.

Eu respiro estremecendo para me fortificar. Tenho milhas a percorrer antes de dormir.

A porta tem uma fechadura muito forte, com uma nota. *Este é um lar para mulheres, LGBTQ e populações em risco. Você está seguro aqui*. Um pouco mais baixo, continua. *Muitos de nossos hóspedes são vítimas de agressão sexual, violência doméstica, tráfico de pessoas e outros traumas. Os visitantes devem ser aprovados pela administração e enviar para uma verificação de antecedentes.*

E no final, *este local é protegido pela Blue Security*.

Olho para Sutton - chocada, honrada, oprimida. “Você fez isso?”

“Eu tinha que fazer alguma coisa. Você seria médica e salvaria o mundo. Achei que poderia ser responsável por salvar esse canto. Você foi minha primeira convidada.”

“Ky foi”, eu digo, meus olhos molhados de lágrimas.

“Ky me ajudou”, ele admite. “Junto com Hannah, a esposa

de Blue. Muitas pessoas entraram. Principalmente o que eu fiz foi derrubar paredes e depois reconstruí-las."

"Não acredito que ele sabia disso e não me contou."

"Ele jurou segredo. E ele disse que se você soubesse, insistiria em ajudar. Eu não poderia ter visto você sem precisar de você. Já era ruim saber que você estava em algum lugar da cidade e que, se eu apenas a procurasse, apenas telefonasse, poderia ter encontrado você."

Eu corro para ele e passo meus braços em volta dele. Ele me pega em um aperto seguro, girando-me nesta esquina da rua. Costumava significar tristeza e dor, estar aqui. Fome. E aquele frio persistente do inverno que nunca desaparecia. Agora é um lugar de esperança.

"Eu amo você", eu digo. "Amo você."

Pressiono beijos loucos em suas sobrancelhas, bochechas, queixo. Sinto-me um pouco selvagem com o quanto amo esse homem, mas ele devolve o sentimento sem perder o ritmo, me pressionando contra a parede, me inspirando e beijando meu pescoço, mordendo suavemente e depois acalmando com sua língua.

Um carro passa na rua e buzina. Eu me afasto dele como uma adolescente culpada. Ele se afasta mais devagar, seus olhos azuis rindo. “Se eu soubesse que você reagiria assim, eu a traria aqui há muito tempo?”

“Você me construiu um castelo no céu.” Eu descanso minha cabeça em seu peito, sentindo em segurança e a segurança de seus braços. A verdade é que eu estava a salvo desde o primeiro momento em que ele me beijou na parede, mesmo que eu não soubesse. Esse é o Sutton. Gentil e generoso. E amoroso.

Minha mão repousa sobre seu ombro, as safiras brilhando ao redor do diamante.

“Você nunca esteve à venda, sabia disso, certo?” Ele murmura no meu ouvido.

“Eu sei”, murmuro. “Eu estava apenas esperando por você.”

* * *

Moderadoras

Jess Eagle , Kamy B. & Ana R.

Staff

Tradução: Kelly

Revisão: Ana Cláudia

Leitura Final: Renatinha

Conferência: Regi

Formatação: Ana R.

Disponibilização: GIRL POWER BOOK'S

2020